

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SOCIOECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

Mathaüs Nascimento Caricate

**O RAP ENQUANTO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA DA JUVENTUDE NEGRA  
BRASILEIRA: UMA LEITURA CRÍTICA DA REALIDADE BRASILEIRA COM RITMO  
E POESIA**

Florianópolis

2021

Mathaüs Nascimento Caricate

**O RAP ENQUANTO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA DA JUVENTUDE NEGRA  
BRASILEIRA: UMA LEITURA CRÍTICA DA REALIDADE BRASILEIRA COM RITMO  
E POESIA**

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Serviço Social do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de bacharel em Serviço Social.  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Ávila Moreira.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Caricate, Mathaüs

O RAP ENQUANTO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA DA JUVENTUDE  
NEGRA BRASILEIRA: : UMA LEITURA CRÍTICA DA REALIDADE  
BRASILEIRA COM RITMO E POESIA / Mathaüs Caricate ;  
orientador, Maria Regina Ávila Moreira, 2021.  
114 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio  
Econômico, Graduação em Serviço Social, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

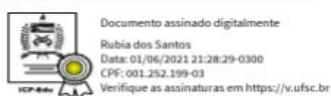
1. Serviço Social. 2. Racismo. 3. Rap e HipHop . 4.  
Resistência . 5. Negritude. I. Ávila Moreira, Maria Regina  
. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Serviço Social. III. Título.

Mathäus Nascimento Caricate

**O RAP ENQUANTO RESISTÊNCIA DA JUVENTUDE NEGRA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DA REALIDADE BRASILEIRA COM RITMO E POESIA**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Serviço Social

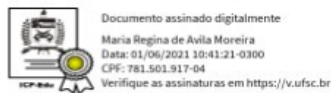
Florianópolis, 21 de Maio de 2021.



Profa. Dra. Rúbia dos Santos Ronzoni.

Coordenadora do Curso

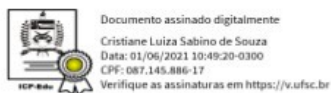
**Banca Examinadora:**



Profa. Dra. Maria Regina de Avila Moreira

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Dra. Cristiane Sabino

Avaliadora

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Joel Nunes da Silva

Avaliador

Assistente Social

Este trabalho é dedicado aos meus colegas de classe e aos meus queridos pais.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu pai e à minha mãe, Luiz Lopes Caricate e Margarida Aparecida Nascimento Caricate, por me colocarem neste mundo e possibilitado que eu me tornasse um ser de transformação. Vocês me ensinaram muito bem o significado das palavras resistência, dedicação e amor. Graças a vocês, cheguei até aqui.

Agradeço imensamente à minha irmã Esther Hadassa Nascimento Caricate, por todos os anos de irmandade, amizade e companhia. A sua presença na minha vida é muito importante! Graças a você, aprendi a dividir o alimento e o amor. Você é a lua que ilumina este turbulento mar. É aquela pessoa que independente do que aconteça sei que poderei confiar. Eu te amo demais.

Agradeço a toda minha família, por sempre estarem presentes em todos os momentos da minha vida e por me darem a segurança de um lar com afeto e companheirismo.

Agradeço imensamente à minha orientadora Maria Regina de Ávila Moreira, professora, amiga e companheira de luta. Desde o início de minha formação me acolheu como um filho, preocupando-se e colocando-se sempre disponível para conversas e desabafos. Você, além de muito me ensinar, me fortaleceu para que eu enfrentasse esse momento universitário e sempre me ajudou a ver o meu valor para o mundo. És um grande exemplo de profissional que desejo vir a ser. A sua existência é muito importante.

Agradeço a todos e todas professores e professoras da minha vida, por me guiarem no caminho do conhecimento. Nenhum de vocês, desde a escolinha Estrelinha Verde no Valo do Jatobá (região do Barreiro) até a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), irão sair das minhas lembranças. Vocês estão guardados no meu coração como formadores deste sujeito que hoje termina uma de suas várias caminhadas. Sou hoje o que vocês me ensinaram ontem.

Agradeço também ao povo da Região do Barreiro, lugar onde nasci e aprendi a ser o que sou hoje. Uma região dividida por muita desigualdade social, mas de alguma maneira unida por uma identidade: a de ser do Barreiro. É nesse lugar que conheci as pessoas que são essenciais na minha vida, é onde guardo o meu maior tesouro: meus amigos e família. É a origem da minha vida e que guardo com muito carinho em meu coração.

Dentre tantos conhecidos, gostaria de agradecer especialmente alguns amigos e amigas do Barreiro, primeiramente a trupe, o meu clã de bichas, minhas “irmãs” de fechação: Anderson Felipe de Oliveira, Sergio Júnior de Oliveira, Rodrigo Alves, Fernando Becker, André Alvarenga, Jordana, Dayane Coelho (novinha), Kelly. Agradeço minhas “irmãs”, por me ensinarem a resistir neste mundo violento e opressor, a não me calar diante daqueles que

me afrontam, a não abaixar a cabeça diante do tormento ou do perigo. Sem vocês eu não seria a gay que sou hoje.

Agradeço também à trupe do “boldim” do Barreiro: Marcus Phelipe, mais conhecido como o Profeta, Fernanda Arissa, Gabriel Augusto (de Contagem), Vera Lúcia, Hernane, aos amigos do Restaurante/Bar Cherim de Minas (Cherim). Com vocês passei muitos dos melhores momentos da minha vida, aprendi o que é ser amigo, a ter alguém para contar, a cantar em grupo, a jogar sinuca e a viver a vida. Sem sombra de dúvidas, nossos momentos estão guardados no meu coração, todos os rolês na Praça do Papa, na casa do Hernane, as festas na casa do Rafael, no Cherim, na praça da igreja e em tantos lugares gostosos que frequentávamos.

Bom! Não tem como falar do Barreiro sem mencionar a Pista de Skate do Barreiro. Só tenho a agradecer imensamente aos meus manos e manas da pista. Foi nesse lugar que aprendi a quebrar os meus preconceitos, a conhecer outras realidades sem fazer julgamento moral, a saber da importância do que é ter respeito com a sua comunidade. Foi na pista que as primeiras faíscas do fogo da minha militância e revolução foram formadas. Daqui gostaria de agradecer especialmente aos manos e manas: Roberto (Betinho), Juliana Santos, João Paiva MC, Felipe BLK (Beluca), Belinha, Cabral, Érick Sales, Shermy Moura e Tuz Max (Arthur). Vocês me apresentaram o mundo do Hip Hop e o poder da rima. Este trabalho também é fruto de vocês! Inclusive foi na Pista, no evento “Faroeste: Batalha Clandestina”, organizado pelo coletivo Movimenta Barreiro que surgiu a ideia de escrever este trabalho.

Agradeço também aos meus amigos e companheiros de luta da Esquerda Festiva, pelas vivências e aprendizados que me proporcionaram. Foi com vocês que meu mundo se ampliou para além dos muros barreirenses, e que a chama da vontade de revolução social do meu coração estourou. Aprendi com a Esquerda Festiva a enfrentar o Estado para exigir direitos, mesmo que para isto eu fosse preso, morto ou agredido pela polícia, aprendi também a não recuar diante de um cerco policial e a manter a calma na hora do ataque.

Aos moradores da ocupação do Isidora também deixo os meus agradecimentos. Especialmente as ocupações do Vitória e Rosa Leão, onde pude morar durante meses como apoiador, já que a todo o momento havia risco de despejo pela polícia. Ali aprendi o que é de fato dar a vida por um ideal, por um direito fundamental: o direito a uma vida digna, com moradia, comida, saúde e educação de qualidade. Inclusive deixo aqui a minha homenagem a Manuel Bahia, assassinado por defender um terreno que era do povo, dentro da ocupação do Vitória, um homem sempre sorridente e muito dedicado a lutar e a defender a sua ocupação. Um exemplo de revolucionário. Outra grande figura que levo como exemplo de

responsabilidade e de dedicação na luta por moradia e anticapitalista é a ex-coordenadora da ocupação do Vitória: Elielma Nascimento, grande amiga e companheira para todos os momentos, que sempre apoiou minhas ideias de projetos na ocupação.

Agradeço imensamente aos companheiros e companheiras da Unidade Popular pelo Socialismo (UP) e do Movimento de Luta nos Bairros (MLB), por me ensinarem o caminho da revolução e sobre a luta operária no mundo. Vocês são muito importantes na minha caminhada e fortaleceram ainda mais a minha chama revolucionária. Além de me tornarem um comunista combatente, me fazem levar a sério o método crítico dialético de Karl Marx. Sinto muito orgulho de junto a vocês levantar a bandeira de Lênin, Stálin, Olga Benário, Manuel Lisboa, Manuel Aleixo, Carlos Marighela, Che Guevara, entre outros revolucionários comunistas.

Agradeço também aos meus amigos e amigas da Universidade Federal de Santa Catarina, que muito me fortaleceram e contribuíram para o meu aprendizado. Sem vocês a minha saúde mental estaria defasada, diante dos enormes desafios que enfrentamos nesta caminhada universitária. Especialmente a minha grande amiga Mayara Rodrigues, com quem dividi longas histórias de vida, desde o início desta caminhada.

Deixo também o meu agradecimento ao grupo de Capoeira Africanamente, especialmente ao treinel Majé e Mestre Guto, por me ensinarem o valor da capoeira e a importância de dar continuidade a esse legado. A capoeira me ajudou a me conectar com os meus ancestrais, negros e negras, revolucionários deste país, que bravamente lutaram por liberdade, justiça, respeito e pelo fim do racismo.

Agradeço também a IyákekeréDébora de Odè do terreiro Ojìşé Ifẹ por me acolher em um dos momentos que mais precisei. Você me mostrou uma outra forma de olhar para a minha ancestralidade e no momento em que me encontrava perdido, me mostrou as possibilidades de caminhos por onde eu poderia me guiar. Não somente você, mas o terreiro como um todo me ajudou a abaixar a ventania de poeira em que eu me encontrava.

Agradeço a minha atual companheira de apartamento e grande amiga Rita, por me ajudar e me ouvir em todos os momentos de escrita deste trabalho. Sua presença na minha vida foi muito necessária, não esqueça que você é importante para esse mundo.

Agradeço ao Coletivo Veias Abertas da América Latina, pelos ensinamentos e acolhimentos que tivemos juntos. Vocês foram muito importantes para a minha formação, principalmente por manterem a vontade de aprendizado sempre latente, mesmo diante do contexto pandêmico, onde tudo parecia perdido.



Agradeço ao meu ex-companheiro e grande amigo Kall Salles, por me guiar pelos caminhos do mundo acadêmico quando eu precisei, sempre me incentivando a escrever e a pesquisar.

Por fim, é de suma importância agradecer ao Coletivo Magali da Silva Almeida, por me ensinarem a resistir através do conhecimento sincero da nossa sociedade brasileira. Por me acolherem e serem espaço para coletivizar minhas dores e felicidades entre nós, estudantes negros e negras de Serviço Social. A presença deste coletivo em minha vida e no curso foi e ainda é transformadora. Construímos um legado e agora vamos levá-lo adiante.

## RETOMADA

Letra: Katu Mirim (SP),  
Marina Peralta (MS),  
AfroJess (MS)

Ancestralidade nos devolve a coragem de lutar pela justiça, pela paz e a verdade.  
Chegou a hora de retomar a identidade  
e com sororidade lutamos por igualdade!

Eu sei de onde eu vim, eu sei para onde eu vou  
E eu vou ali pegar de volta tudo que ele nos tirou  
Mas eu não vou sozinha não  
Convoco todas as bruxas para fazer revolução!

Peço que caiam!  
Todas as fronteiras  
Sem boas maneiras  
Hoje nós viemos RETOMAR

Chegamo pra retomada  
Só peço proteção  
Empretece as palavra  
Tamo em outras direção  
Esconderam minha origem  
Plantaram a rejeição  
“Nêga, se negue”  
Não foi em vão!

Todo reconhecimento entre nós potencializa a força  
Enquanto vocês tentam nos virar o tempo todo uma contra a outra  
Cê acha mesmo que eu to neutra?  
Cidade, campo, ponte, aldeia, quilombo, como eu poderia dormir bem? AGRONEGÓCIO  
GENOCIDA e nós?

Retomando territórios ancestrais, costumes tradicionais, língua, dança, trança, voz,  
calma que ainda vai ter mais.  
Katu! Fala pa nois!

Pensaram que ficamos pra trás,  
que não íamos correr atrás, a gente não só fala mas faz,  
Genocídio, escravidão e machismo nunca mais!  
Genocídio, escravidão e machismo nunca mais!

Uma preta querendo ser branca, tudo bem, né?  
Na hora do carinho cês faz em quem?  
Sou cria de Tia Eva, bruxa curandeira  
Cuidava da comunidade e sem escolha foi guerreira  
Guiada pelas matas, parteira!  
Medicina matriarcal, raiz divina

Mulher que ensina, cês abomina  
Aprende a responder desde menina!

Peço que caiam!  
Todas as fronteiras  
Sem boas maneiras  
Hoje nós viemos RETOMAR

Recuperação!  
Dos espaços que nos pertencem.  
Calar a voz que sempre nos faz duvidar.

Reparação!  
Deixe crescer as nossas sementes. A revolta vai fazer eu tomar o meu lugar.

Demarcação!  
Devolvam as nossas terras, o agro não é pop - Parem de nos matar.

Libertação! Libertação!  
Se não for nois, vai ser quem?

## RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso trata do RAP enquanto uma das expressões no movimento Hip Hop e se constitui como uma importante ferramenta de resistência da juventude negra, indígena contra a exploração e opressão, na luta antirracista. A pesquisa foi realizada a partir do levantamento e mapeamento de grupos de RAP e suas produções musicais, a fim de analisar as letras de RAP e apreender o que abordam sobre a realidade das populações não brancas. Ao sistematizar a exposição, contextualizamos a história do RAP brasileiro enquanto construção da resistência negra e indígena e, abordar sobre a realidade do (a) negro (a) no capitalismo brasileiro. Como resultado, temos que o RAP contextualiza a realidade em que essas populações vivem no Brasil como de uma guerra secular que irá perpassar pela luta de classes, luta racial e luta pela terra.

**Palavras-chave:** racismo, rap, hip Hop, música, resistência, negritude.

## **ABSTRACT**

This final paper deals with the RAP while expression of the Hip Hop movement and constitutes as an important antiracist resistance tool of the black and indigenous youth against exploitation and oppression. The research was conducted in the enrollment and mapping of the RAP groups and their musical productions in order to analyse its lyrics and understand their conceptual approaches of the non-white realities. In systematizing the exposition, we contextualize the history of Brazilian RAP music while Black and indigenous resistance construction and deals about black people reality in the Brazilian capitalist system. As a result, we conclude how RAP music contextualize the reality those population live in Brazil as a secular war going through racial and class struggle as long the battle for land property.

**Keywords:** Racism. Rap. Hip Hop. Music. Resistance. Blackness.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Comércio Triangular.....	54
Figura 2: Baile Charme de Campo Grande – RJ.....	82
Figura 3: Grafite do artista Davi Melo Santos (DMS) no edifício Príncipe de Gales, na Rua Tupinambás, 179 - Belo Horizonte (MG.....	83
Figura 4: Grafite feito pelo coletivo Minas de Minas Crew na Estação Central de Metrô da cidade de Belo Horizonte.....	84
Figura 5: Pichação na Bienal de Artes Plásticas de 2008.....	86
Figura 6: Punições Públicas.....	87
Figura 7: grafite.....	88
Figura 8: Evento “Filhos de Boombbox”, realizado no Completo Turístico da Ilha de Sant’ Ana em Caicó.....	90
Figura 9: Dança Kudrow em Angola.....	91
Figura 10: Kool Herc.....	94
Figura 11: Grandmaster Flash.....	96
Figura 12: África Bamba.....	97
Figura 13: Frente do fanzine do escritor e artista Diego Quadros.....	101
Figura 14: Parte de trás do fanzine do escritor e artista Diego Quadros.....	102

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ALPV – Aliados Pelo Verso

B-boy – Beaker boy

B-girl – Beaker girl

CD – Compact Disc

COVID-19 – Coronavírus SARS-CoV-2

DJ – Disc jockey

EUA – Estados Unidos da América

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MC – Mestre de Cerimônia

MLB – Movimento de Luta nos Bairros

MTV – Emissora de televisão

PM – Polícia Militar

RAP – rhyme and poetry

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>2 ESTADO RACISTA E LUTA ANTIRRACISTA: “ISSO AQUI É UMA GUERRA” ...</b>	<b>29</b>
<b>3 O MOVIMENTO HIP HOP: HISTÓRIA E OS CINCO ELEMENTOS.....</b>	<b>68</b>
3.1 OS CINCO ELEMENTOS: MC’S E OS DJS.....	81
3.2 O GRAFITE.....	82
3.3 O BREAK.....	89
3.4 O QUINTO ELEMENTO.....	91
<b>4 NO RITMO DA POESIA: “O RAP É COMPROMISSO, NÃO É VIAGEM” .....</b>	<b>93</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O RAP ENQUANTO FERRAMENTA DE LUTA DA POPULAÇÃO NEGRA E PERIFÉRICA.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso decorre de pesquisa sobre as formas organizativas da juventude negra para lutar contra uma história de opressão, exploração e violência. No percurso que tenho trilhado em meu período formativo e por razões da própria luta antirracista, o RAP emerge como objeto de estudo, especialmente pelas suas possibilidades de, em meio à arte e poesia, se instituir como uma ferramenta de formação crítica, organização, mobilização e resistência. Importante sinalizar que esta pesquisa foi realizada em um contexto de pandemia pelo Coronavírus SARS-CoV-2m dos momentos mais críticos da nossa história mundial. No Brasil, a situação é ainda mais agravada, tendo em vista o governo negacionista, que desde março de 2020 se recusa a tomar medidas de contenção do contágio e proteção à população. Vivenciamos mais um momento da história desse país em que as pessoas atravessadas pelas opressões de classe, raça e gênero que estruturam as relações sociais, vivem desigualmente o impacto do genocídio promovido pelo atual governo.

Como veremos no corpo deste trabalho, o grave momento em que passamos de fome, genocídio, governo fascista<sup>1</sup>, desigualdade social e pandemia, são resultados do processo de constituição histórica do nosso passado. No entanto, o conhecimento deste passado ainda é muito difundido hegemonicamente sob o olhar daqueles que detém o poder histórico do nosso país. O intuito desse conhecimento é produzir uma sociedade alienada pelo consumo, uma sociedade sem história, nas palavras de Rob Rude (2021) “um povo sem face” a serviço da burguesia.

Em contrapartida, os povos oprimidos do nosso país irão reivindicar de várias formas a sua identidade, a sua história e o seu futuro. É a partir desses pontos que fazemos a nossa análise, sob o olhar dos oprimidos, mais especificamente das músicas de RAP produzidas por eles. O RAP vai ser a ferramenta de luta pedagógica contra o pensamento burguês e contra as estruturas do Sistema Capitalista e é sobre isso que trataremos neste trabalho.

Este tema de pesquisa como já mencionado foi escolhido por estar relacionado às questões de ordem acadêmica, prática e pessoal. No que se refere à ordem pessoal, o trabalho é motivado

---

1 Fascismo é uma ideologia política ultranacionalista e autoritária caracterizada por poder ditatorial, repressão da oposição por via da força e forte arregimentação da sociedade e da economia. Embora os partidos e movimentos fascistas apresentem divergências significativas entre si, é possível apontar várias características em comum, entre as quais nacionalismo extremo, desprezo pela democracia eleitoral e pela liberdade política e econômica, crença numa hierarquia social natural e no domínio das elites e o desejo de criar uma comunidade do povo em que os interesses individuais sejam subordinados aos interesses da nação. Oposto ao liberalismo, ao marxismo, ao socialismo e ao anarquismo, o fascismo posiciona-se na extrema-direita do espectro político tradicional.

pelas experiências vividas por mim em Belo Horizonte, nas batalhas de RAP<sup>2</sup> do Viaduto Santa Tereza e da Pista de Skate do Barreiro, lugar onde nasci, cresci e para onde sempre retornarei.

Nessas e em outras batalhas, podemos perceber como o RAP é uma forte ferramenta de resistência da juventude negra e pauperizada, que organiza e participa desses eventos. Através da organização destes duelos, geralmente surgem movimentos políticos que confrontam a moralidade social e institucional do Estado. Dessa forma, o RAP surge como expressão da vida desses jovens, considerando que as rimas contêm leituras de conjunturas que acompanham a temporalidade sócio-histórica brasileira. Neste sentido,

[...] a música pode ser considerada uma forma de resistência à superação do instituído, entendendo-a como uma questão social, que realiza juntamente com a política um veículo que questiona os valores sociais e as significações dos sujeitos (HINKEL; MAHEIRIE, 2007, p. 91).

Tendo em vista essa análise, pode-se dizer que o *RAP*, além de musicalidade, também é existência e resistência. Ele é o grito da revolta daquele que está cansado de ser socialmente excluído, e de estar sempre na mira de um Estado racista. O *RAP* é a busca pela compreensão da dinâmica da realidade concreta desses sujeitos negros e pobres e também a expressão da raiva e da dor destes seres humanos que o sistema capitalista exclui, mata e/ou explora. Conforme é dito por Racionais MC's, na sua letra "*A vida é desafio*":

Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo/ Quando pivete, meu sonho era ser/ jogador de futebol/ Vai vendo! Mas o sistema limita nossa vida de tal forma/ E tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver/ Os anos se passaram e eu fui me esquivando do círculo vicioso./ Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido/ Acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico/ Em busca do meu sonho de consumo/ Procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas/ O crime/ Mas é um dinheiro amaldiçoado/ Quanto mais eu ganhava, mais eu gastava/ Logo fui cobrado pela lei da natureza/ Vish, catorze anos de reclusão/ O barato é louco, ó (RACIONAIS MC'S, 2002).

---

2 Batalha de RAP trata-se de um duelo de poesia entre dois MC's (cantores e autores das letras de RAP), que podem ter linhas de raciocínio a serem executadas. São elas: o duelo de sangue, onde os dois MC's se "xingam" em forma de perguntas e respostas feitas pelos dois, a partir de rimas de poesia, nessas batalhas vence quem conseguir improvisar a melhor rima de pergunta e resposta; duelo de conhecimento, onde os dois MC's disputam o seu ponto de vista em forma de rimas de poesia, sobre algum tema levantado pela roda de pessoas que os assiste, nessa batalha vence quem conseguir improvisar a melhor rima e com mais propriedade de conhecimento sobre o tema.

Ser uma pessoa negra nessa sociedade é viver com raiva, é viver tentando não sentir medo, é viver entre o gatilho e a tempestade/ Sempre a provar que sou homem e não um covarde (RACIONAIS MC's, 2002). Ser este “nego drama”<sup>3</sup> no espaço da produção científica me demanda transitar pelo mundo elitista e branco que é a Universidade, ainda que carregando a subjetividade de ser um jovem negro, socialmente excluído, alvo constante do Estado e dos racistas. Assim, justifico a minha motivação pessoal para a realização dessa pesquisa: para que a voz dos meus possam ser ouvida também no espaço da academia, já que

[...] você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morô irmão?/ Sabe por quê? Pela sua origem, morô irmão?/ É desse jeito que você vive, é o negro drama/ Eu num li, eu não assisti, eu vivo o negro drama/ Eu sou o negro drama, eu sou o fruto do negro drama” (RACIONAIS MC'S, 2002)

Quanto à ordem teórico-prática, a pesquisa se propôs a fazer uso das letras musicais do RAP para aprofundar os estudos sobre a Questão Étnico-Racial brasileira, bem como abordar sobre a principal base da opressão vivida por 54% da população brasileira: o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018).

A partir disso, o intuito dessa pesquisa é trazer subsídios dentro da área de Serviço Social para trabalhar a realidade do povo negro brasileiro, utilizando-se da produção orgânica desses sujeitos. Buscam-se novos caminhos e perspectivas para a produção científica daqueles que, ao adentrarem o espaço acadêmico, não se identificam com as teorias eurocêntricas que em nada se assemelham com a concretude de sua realidade. Além disso, esta pesquisa também tem a sua devida importância para a formação de Serviço Social, pois como veremos mais adiante, o RAP é o relato da realidade vivida por boa parte da classe trabalhadora do Brasil, ou seja, é uma forma de comunicação direta dessas pessoas que constituem a maioria dos usuários dos serviços públicos.

Para falar sobre a história e o significado do RAP primeiramente é necessário situá-lo no contexto histórico do negro pelo mundo e suas influências na cultura colonial e capitalista, bem

<sup>3</sup> “Nego Drama” é um personagem da música dos Racionais MC's que reflete a dicotomia da vida de vários homens negros brasileiros. Ele é a representação desse homem negro que luta diariamente para se inserir no Sistema Capitalista, mas que devido as estruturas do racismo, vive sendo excluído pelo mesmo. Não que esse “nego drama” defenda o sistema, mas busca dentro dele a sobrevivência, o seu sustento e o sustento da sua família. No entanto, esse mesmo sistema persegue, mata, exclui e marginaliza esse personagem, obrigando-o a viver essa dupla subjetividade, que é expressada pelos RACIONAIS MC's da seguinte forma: “Nego drama! Entre o sucesso e a lama/ Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama/ Negro drama! Cabelo crespo e a pele escura/ A ferida, a chaga, à procura da cura/ Negro drama! Tenta ver e não vê nada/ A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada/ Sente o drama, o preço, a cobrança” (2002).

como compreender o conjunto do movimento social e artístico do Hip Hop<sup>4</sup>, no qual o RAP está inserido.

Ao ser sequestrado em suas terras de origem e levado para as colônias europeias, o sujeito negro levou consigo suas culturas locais que ainda hoje estão presentes na sociedade. Resistindo a anos de opressão e tentativas de apagamento, essas contribuições culturais deixadas pelos africanos, vítimas da diáspora escravagista se espalharam pelo mundo remodelando-se e rearticulando-se com outras modalidades e transmitidos pelas gerações na forma tradicional africana que se designa pela oralidade (TEODÓSIO, 2011).

O conceito de diáspora negra, segundo Marcela Dias Teodósio (2011) é caracterizado pela comercialização de pessoas negras na condição de escravos para as colônias. De acordo com Lopes (2004, p.236):

A diáspora Africana compreende dois momentos principais. O primeiro, gerado pelo comércio de escravos, ocasionou a dispersão dos povos africanos tanto através do Atlântico quanto através do oceano Índico e do Mar Vermelho, caracterizado um verdadeiro genocídio, a partir do século V - quando talvez mais 10 milhões de negros foram levados por traficantes europeus principalmente para as Américas. O segundo momento ocorre a partir do século XX, com a imigração, sobretudo para a Europa, em direção as antigas metrópoles coloniais. O termo Diáspora serve também para designá-la, por extensão de sentido os descendentes de países africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram.

Neste sentido, podemos entender que as expressões culturais dos jovens negros, são frutos desse movimento diaspórico, sendo o movimento Hip Hop uma dessas expressões culturais afrodiáspórica. Luiz Henrique dos Santos (2013, p.18) nos apresenta que:

Em qualquer parte do país, onde se olha, sempre é notória a presença do negro no dia a dia. Os negros têm presença marcante em várias manifestações culturais brasileiras, sendo o símbolo maior da luta contra a escravidão no Brasil, Zumbi dos Palmares, que acabou se transformando herói do povo negro. Mesmo após abolição da escravatura os negros sofreram com o preconceito, com a pobreza e com a imposição de baixos salários.

---

4 Neste capítulo apenas introduzimos um pouco sobre o tema, explicaremos o contexto histórico do movimento no capítulo específico dele.

Diante disso, dentre as principais formas que esses povos não brancos tiveram de resistência, uma delas era a oralidade. Diversas expressões culturais desses povos surgiram nas antigas colônias com um caráter de resistência, denúncia e negação ao sistema colonial e posteriormente, ao capitalismo. Como exemplos, podemos citar a capoeira, o samba, o jazz, o blues, o vogue e o ritmo que iremos estudar neste trabalho: o RAP, mas que também terá como base as vertentes do jazz e blues.

Tendo situado brevemente a importância do RAP é importante informar que o processo de investigação foi bibliográfico e documental, até porque o isolamento social necessário impediu uma aproximação com grupos de RAP, para aprofundar o debate. Assim, o caminho traçado foi o de levantar grupos e músicas que trouxessem a realidade e como a produção de conhecimento acadêmica tem as considerado como elementos de organização e mobilização. Mas, fundamentalmente, avaliar a constituição do RAP, como ferramenta de luta da juventude negra. O levantamento desses dados possibilitou a nucleação de temas pungentes e que indicaram a própria exposição do trabalho.

Um deles diz respeito ao reconhecimento da constituição de um Estado racista e de fato importa começar a apresentação com essa discussão que apresenta as raízes da opressão à população negra. Um segundo tema diz respeito à própria história da constituição dos ritmos e movimentos que vão se conectando e se distinguindo e que expressam essa história de resistência da juventude negra. E assim, poder detalhar e aprofundar o RAP, suas letras, seus movimentos e o seu potencial enquanto ferramenta de luta.

Por fim, sinalizo que houve uma preocupação em trazer no decorrer do trabalho as letras das músicas de RAP até porque, como já dito, foram às músicas e grupos selecionados que conduziram as reflexões aqui expostas. Neste trabalho apresentaremos quatro capítulos, o primeiro no que se refere ao Estado e a construção do racismo neste mesmo. O segundo é em relação especificamente ao racismo estrutural, apontado as principais vítimas desse sistema racializador. O terceiro iremos abordar sobre o movimento Hip Hop e os seus cinco elementos para compreendermos a construção desde movimento no qual o RAP esta inserido, No quarto, trataremos sobre especificamente o RAP, a sua contextualização histórica e seus impactos na sociedade e por fim chegaremos as nossas considerações finais, no qual realizamos o debate em torno da importância desse estilo musical e a mensagem que este mesmo pretende passar para os seus ouvintes. É importante salientar que o RAP esta presente em todo o nosso trabalho enquanto referencia bibliográfica para análise da realidade social brasileira.

## 2 ESTADO RACISTA E LUTA ANTIRRACISTA: “ISSO AQUI É UMA GUERRA”

*Uma atitude de resistência e de não conformismo ajuda a desmascarar a farsa e é o prenúncio da vitória.*

Carlos Marighela (1911 – 1969)

Neste capítulo iremos abordar o Estado e sua relação com o racismo estrutural. Este debate irá incidir diretamente no que é tratado nas letras de RAP e demais expressões artísticas do movimento Hip Hop. Para iniciarmos a nossa abordagem, iremos tratar sobre o racismo individual, institucional e estrutural, sob a perspectiva de Silvio Almeida (2018), pois essas três concepções, especialmente as de racismo estrutural e institucional, vão elucidar, à medida que as categorias são teóricas, expressam a realidade, o modo como racismo incide na atuação do Estado.

No que se refere ao racismo na sua dimensão individual, ele é caracterizado na ação de ofensa direta de um determinado grupo de pessoas pertencentes a uma etnia sobre outro grupo de pessoas de outra etnia. No caso do Brasil, essa dimensão é majoritariamente expressa na relação entre pessoas brancas contra pessoas negras e pessoas brancas contra pessoas indígenas. Como por exemplo, quando pessoas negras são chamadas de macacos ou tem a sua estética inferiorizada pelas pessoas brancas. O mesmo acontece quando a população indígena é estereotipada como um povo primitivo, desagregados da sociedade ou taxados de selvagens. Segundo Silvio Almeida (2018, p. 28):

O racismo, segundo esta visão, é concebido como uma espécie de “patologia”. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou ainda, a uma “irracionalidade”, a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – individualista pode não admitir a existência de “racismo”, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política.

Sob essa perspectiva, não existiriam sociedades ou instituições racistas, mas sim pessoas racistas que agem isoladamente ou em grupo. Desse jeito, o racismo, ainda que ocorra de forma indireta, vai expressar-se, principalmente, na sua forma de discriminação direta. Esta concepção, por se tratar de uma discriminação comportamental de indivíduo contra indivíduo e que vai se

justificar pela falta de ética ou falta de conhecimento histórico, a educação e conscientização sobre os males do racismo, bem como, incentivos a mudanças culturais serão as principais formas de enfrentamento do problema. Parafraseando Almeida (2018, p. 28):

No fim das contas, quando se limita o olhar sobre o racismo a aspectos meramente comportamentais, deixa-se de considerar o fato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob abrigo da legalidade e com apoio moral de líderes políticos, líderes religiosos e dos considerados “homens de bem”.

No que se refere à concepção institucional do racismo, ela não vai se limitar apenas a comportamentos individuais, mas sim como um resultado do funcionamento das instituições. Estas vão passar a exercer uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios a partir da raça. Conforme aborda MV Bill em sua letra *Traficando Informação* (1999):

Eu não quero ver minha coroa cheia de preocupação/  
Com medo que eu seja preso confundido com ladrão /  
O sistema de racismo é muito eficaz /  
Pra eles um preto a menos é melhor que um preto a mais /  
CDD, Zona Oeste, Jacarepaguá, aqui o gatilho fala mais

Segundo Almeida (2018), apesar de as sociedades contemporâneas em sua maioria serem constituídas por formas econômicas e sociais gerais – dinheiro, mercadoria, Estado e direito -, cada sociedade terá a sua formação histórica própria e conseqüentemente formas diferenciadas de atuação e existência. Uma analogia que podemos traçar quanto a isso é sobre o Estado. Como veremos mais a diante, ele vai ser a forma de gestão das atuais sociedades, mas isso não quer dizer que todos são iguais quando analisados historicamente. O Estado brasileiro não será igual ao Estado dos Estados Unidos ou da Inglaterra, ainda que ambos sejam formalmente Estados.

Sendo assim, o Estado através das suas instituições sociais (o Estado também é uma instituição) vai construir e impor em seus indivíduos formas de padrões de estética e padrões comportamentais que tornaram possível a relativa estabilidade aos sistemas sociais. Essa estabilidade dos sistemas sociais vai precisar da capacidade das instituições de absorver (normalizar) os conflitos antagônicos que são intrínsecos à vida social.

O MC Nego Max em sua música *Eu não sou racista* (2020) vai através de sua letra e clipe abordar sobre esses conflitos de raça na sociedade, trazendo tanto o pensamento hegemônico da branquitude<sup>5</sup>, como também, a visão do negro. O clipe se passa em uma sala com Nego Max sentado de frente com um homem branco, encenado pelo ator Leo Malara, simulando uma batalha de RAP (jogo de argumentos com poesia), nele o homem branco começa rimando:

*Primeiramente, com todo respeito  
Somos todos seres humanos pra mim  
Não existe essa de branco ou preto  
Dentro disso eu não consigo sentir pena  
Vocês problematizam tudo, esse é o grande problema  
Não sei o porquê esse hábito de vitimíssimo  
Não posso mais abrir a boca, porque hoje tudo é racismo  
Eu até queria ficar do seu lado  
Mas 'cês nem sabe se é de negro ou de preto que 'cês querem ser chamado  
Falando de escravidão como se fosse atual  
Mas se ela existisse ainda, 'cês 'tavam passando mal.  
Já passaram duzentos anos e 'cês ainda tão nessa  
Não consegue sair da fossa e diz que a culpa é nossa?  
Aliás, culpar os outros é o que 'cês mais adora  
Culpa o Estado, a Igreja, culpa a polícia e os branco  
Branco morre e 'cês não faz um gesto  
Preto morre e 'cês quer parar o mundo com seu protesto  
Eu não sou racista, eu não.  
Inclusive a empregada e o jardineiro da família são negros  
A babá também era, mas foi desligada.  
Depois que começou a fazer a facul, chegou duas vez atrasada  
Olha tamanha irresponsabilidade  
Depois quer vim falar de falta de oportunidade  
Engraçado, né? 'Cês gosta memo é de pegar atalho  
Mas a conquista só vem com o mérito do trabalho  
Vocês que vivem de cota, Bolsa isso, Bolsa aquilo  
Têm coragem de falar que eu sou o privilegiado?  
Enquanto 'cês tão na rua roubando e traficando  
Eu tô dentro do escritório dando um trabalho dobrado  
Bando de marginal, vagabundo e fedido  
Com essas música, essas gíria e essas roupa de bandido  
Honro meus imposto em nome da família  
Enquanto 'cês só quer saber de droga e putaria  
Adoram o Mano Brown como se fosse Cristo  
E assim suas crianças seguem o ciclo maldito  
Pare com essas porra e obedeça as leis  
Talvez assim a polícia pare de matar vocês  
Eu não sou racista, ahn  
Mas quando não perigosos, são preguiçosos e isso é fato  
Eu não sou racista*

5 Branquitude e brancura são denominações diferentes. “A primeira se refere à cor da pele, enquanto a segunda se refere à ideia de raça ‘apropriada pelas pessoas brancas’. É uma cor branca, que tem a ver apenas com biologia, incorporada dessa ideia de raça construída no século 19 por uma pseudociência. O importante é entender como essa questão de raça se transforma em racismo. O racismo é a raça hierarquizada”. (VAINER, 2019)



*E vocês têm que se responsabilizarem pelos seus atos  
É isso que eu acho  
Mas como jogaram na minha cara uma vez  
Que esse não é o meu lugar de fala  
Eu quero ouvir o seu lado da história  
A juventude negra empoderada, não é não?*

Essa é a ideologia da branquitude que abordaremos mais adiante neste capítulo. É esse o pensamento que ricos e a classe média branca, que detém o poder das principais instituições que governam o nosso país como o Estado, têm sobre nós negros. Vejamos agora a resposta de Nego Max:

*Primeiro que isso não é nenhuma novidade  
Que somos humanos, eu sei, explica isso pra sociedade  
Mas depois de séculos de atrocidade  
Percebi que na verdade, o homem branco que perdeu a humanidade  
Sua pena é a última coisa que eu preciso  
Guarda que tu vai precisar quando eu for cobrar o prejuízo  
Quer falar o que quiser, mas não quer ter a preocupação  
Isso só mostra o quão nojenta é a sua intenção  
Trago marcas profundas na minha memória  
Abolição aqui só aconteceu nos livro de história  
Nessa conversa só existe dois lados  
O com o passado escravocrata e o outro com o passado escravizado  
Polícia brasileira é a que mais mata no mundo  
No Brasil morre um preto a cada vinte e três minuto  
Agora, sejamos francos  
Quantas pessoas cê conhece que morreu só por ser branco?  
Você não é racista? Tá bom  
Mas sua justificativa afirmou o quanto cê é boçal  
Tá encrustado, enraizado na mente o padrão  
Que relação normal com preto é de patrão e serviçal  
Sequestraram guerreiros, estupraram rainhas  
Aplicaram todo tipo de crueldade e covardia  
Nosso sangue é base dessa economia  
E você tem coragem de falar de meritocracia?  
Cota não é esmola, é a inclusão  
De um povo sequestrado e deixado sem reparação  
Olha o seu atraso  
Não quer ou não percebe que a violência é consequência do seu descaso?  
A burguesia fede, 'cês são tudo arrombado  
Parece e merece o presidente que 'cês têm  
Falam da minha cultura, mas vive sugando ela  
Se apropriando e querendo nos fazer de refém  
Cidadão de bem? Hipocrisia  
Nós sabe bem o que cê faz escondido da sua família  
Sua filha quer bandido pra viver na adrenalina  
E seu filho com a mesada enche o cu de cocaína  
O Mano Brown pra mim não é Jesus, ele é real*

*Que me ensinou a sobreviver nesse inferno racial  
 E se a lei fosse cobrar quem rouba e mata  
 A cadeia tava lotada de terno e gravata  
 Você é racista, igual aos teus antepassados  
 Vocês fazem parte da escória, tudo racista  
 E se não fossem, estariam fazendo uma pra mudar a história*

Representando o povo negro, Nego Max canta o nosso lado da história, o lado do oprimido, do “escravizado”. É este o pensamento do sujeito que nega os padrões que as instituições pregam, o que pretende destruir a ordem posta e construir um novo sujeito.

Logo, será nas instituições que os indivíduos se tornarão sujeitos, tendo em vista que suas ações e seus comportamentos são parte de um conjunto de significados antecipadamente estabelecidos pela estrutura social. Dessa forma, as instituições vão moldar o comportamento humano, no que se refere as suas decisões, racionalidade, sentimentos e preferências. Então, conforme afirma Almeida (2018, p. 30):

*Assim, a principal tese de quem afirma a existência de racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte das instituições. Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos para impor seus interesses.*

Em outras palavras, o que podemos afirmar é que a concepção institucional do racismo aborda o poder como elemento central das relações raciais. Consequentemente, o racismo não será apenas a relação de uma ação indireta ou direta de brancos contra não-brancos, mas sim uma relação de dominação. Atualmente, quem detém o poder nesta relação são as mãos da supremacia branca, masculina, heteronormativa e burguesa. Desse modo, concordamos com Almeida (2018, p.31) ao dizer:

*No caso do racismo institucional, o domínio se dá com estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, a aparência e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Assim o domínio de homens brancos em instituições públicas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim o domínio do grupo formado por homens brancos.*

Isto quer dizer que, quando afirmamos que vivemos em um Estado capitalista, ainda que conforme veremos mais adiante, este Estado não seja totalmente comandado por capitalistas, estes serão a sua hegemonia no que se refere à dominação e representação. É neste sentido que aprofundaremos agora sobre o Estado.

Ainda utilizando a concepção de Almeida (2018) acerca do racismo, ao afirmarmos que tal opressão é estrutural, afirmamos que ela faz parte do processo político e histórico do nosso país. Dessa forma, o racismo enquanto processo político pode ser caracterizado em duas dimensões:

- a) Dimensão institucional: por meio da regulação jurídica e extrajurídica, tendo o Estado como o centro das relações políticas da sociedade contemporânea. Somente o Estado pode criar os meios necessário-repressivos, persuasivos ou dissuasivos – para que o racismo e violência sistêmica que ele engendra sejam incorporados às práticas cotidianas;
- b) Dimensão ideológica: como manter a coesão social diante do racismo? A política não se resume ao uso da força, como já dissemos. É fundamental que as instituições sociais, especialmente o Estado, sejam capazes de produzir narrativas que acentuem a unidade social, apesar de fraturas como a divisão de classe, o racismo e o sexismo. É parte da dimensão política e do exercício do poder a incessante apresentação de imaginário social de unificação ideológica, cuja criação e recriação serão papel do Estado, das escolas e universidades e dos meios de comunicação de massa (ALMEIDA, 2018, p. 42).

Neste sentido, o Estado terá um papel importante tanto na reprodução do racismo, quanto no enfrentamento do mesmo. Sendo assim, vai ser por meio de aparelhos institucionais, políticos, jurídicos e educacionais que o Estado reproduzirá o racismo, formando sujeitos acríticos sobre a desigualdade racial no país e reprodutores da sua lógica individualista e institucional. De tal maneira que, o racismo estrutural acaba por perpassar todas as nossas relações sociais, nossas formas de agir, sentir e ver a realidade. Ele vai ter como regulador e reprodutor central o Estado, que vai tanto intensificar os conflitos raciais, como também propor possíveis soluções.

Já o racismo como processo histórico, vai estar presente em toda a formação da nossa sociedade brasileira. Desde o período do sistema escravocrata ao atual sistema capitalista. Segundo Almeida (2018, p. 43):

Os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos, não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos. Assim as classificações raciais tiveram papel importante para definir as hierarquias sociais, legitimidade na condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento. Demonstra isso a existência de distintos modos de classificação racial: no Brasil, além da aparência física de

ascendência africana, o pertencimento de classe explicitado na capacidade de consumo e na circulação social.

Para melhor compreendermos sobre como essas formas de racismos vão, através dos mecanismos do Estado, como o jurídico e midiático, afetar o RAP no Brasil é importante conceituar sobre o que é o Estado e sua forma de atuação.

A definição para o que vem a ser o Estado diverge de acordo com a classe que o interpreta e analisa. No Estado capitalista atual temos de um lado, a burguesia que, utilizando-se do pretexto de manutenção da ordem, apropria-se dos meios de comunicação, produção, forças comerciais, polícia, exército e etc.; de outro, temos a classe trabalhadora, que se encontra desapropriada de todos os meios de produção, que segundo Carolina Maria de Jesus (1960) é escravizada pelo míseros salários e pela fome, e constantemente atacada pelos aparelhos de repressão da burguesia. Tal divisão é a representação pura do Estado:

O Estado - diz Engels, fazendo o balanço da sua análise histórica - não é, portanto, de modo nenhum, um poder imposto de fora à sociedade; tampouco é “a realidade da ideia moral”, “a imagem e a realidade da razão”, como Hegel afirma. É, isso sim, um produto da sociedade em determinada etapa de desenvolvimento; é a admissão de que esta sociedade se envolveu numa contradição insolúvel consigo mesma, se cindiu em contrários inconciliáveis que ela é impotente para banir. Mas para que estes contrários, classes com interesses económicos em conflito, não se devorem e à sociedade numa luta infrutífera, tornou-se necessário um poder, que aparentemente está acima da sociedade, que abafe o conflito e o mantenha dentro dos limites da “ordem”; e este poder, nascido da sociedade, mas que se coloca acima dela, e que cada vez mais se aliena dela, é o Estado» (ENGELS, 1884, p. 177-178 da 6ª edição alemã).

Em outras palavras, o Estado é o aparelho que uma determinada sociedade em transição utiliza como forma de regulação dos meios de produção e relações sociais, a fim de impor os interesses de uma classe sobre a outra. A existência de um Estado é a constatação de que tal sociedade vive em uma guerra de interesses, onde uma classe é oprimida, enquanto outra classe se mantém no poder. É o Estado a representação maior de que os interesses de uma classe são inconciliáveis diante dos interesses de outra classe dessa mesma sociedade. Conforme em *Estado e Revolução*:

O Estado é o produto e a manifestação do **carácter inconciliável** das contradições de classe. O Estado surge precisamente onde, quando e na medida em que as contradições de classe objetivamente **não podem** ser conciliadas. E inversamente: a existência do Estado prova que as contradições de classe são inconciliáveis (LENIN, 1917, p. 3) .

Sendo o Estado o aparelho de imposição dos interesses de uma classe sobre a outra, no sistema capitalista esses interesses estarão divididos entre os interesses da classe burguesa (dona dos meios de produção) versus os interesses da classe trabalhadora (despossuída dos meios de produção). Através do poder do Estado, a classe burguesa oprime a classe trabalhadora em uma guerra secular de classes antagônicas. Nesta relação, cabe à classe trabalhadora apenas a luta pelo poder, para que enfim possa conquistar a sua liberdade. Caso contrário, estão fadados a sempre serem escravos da burguesia.

O Estado é a forma política do mundo contemporâneo, sendo assim, o racismo não poderia ser reproduzido se, ao mesmo tempo, não se sustentasse nas estruturas estatais:

É por meio do Estado que a classificação de pessoas e a divisão dos indivíduos em classes e grupos é realizada. Os regimes colonialistas e escravistas, o regime nazista, bem como o regime do apartheid sul-africano não poderiam existir sem a participação do Estado e de outras instituições como escolas, igrejas e meios de comunicação. (ALMEIDA, 2018, p.40).

Por meio de seus aparelhos midiáticos, educacionais e jurídicos, o Estado vai criar as bases para a sustentação do racismo e assim manter o domínio econômico e político nas mãos da pequena parcela burguesa que, segundo o site do IBGE, representa 1% da população brasileira.

No entanto, ainda segundo Almeida (2018) são poucas as teorias sobre o Estado que abrem espaço para o tratamento da questão racial. O racismo vai ser visto como uma irracionalidade em contraposição à racionalidade do Estado, onde a solução será limitada à interpretação ética de atitudes racistas individuais, que serão apenas juridicamente solucionadas. Dessa forma, a sua dimensão estrutural será deixada de lado, já que sua existência é benéfica aos capitalistas brancos.

Conforme abordado, o sistema capitalista vai ser construído por incessantes conflitos entre as classes. Sendo assim, o Estado neste sistema irá exercer o papel de regulador dos conflitos, por meio de contratos sociais como a própria construção do Estado, a Constituição Brasileira de 1988 e a abolição da escravidão em 1888. A ideia hegemônica sobre o Estado o classifica como um

aparelho neutro e superior à própria sociedade. No entanto, a realidade e os autores aqui citados vão rebater com essa afirmação:

O papel do Estado no capitalismo é essencial à manutenção da ordem - garantia de liberdade – e da igualdade formal e proteção da propriedade privada e do cumprimento dos contratos – e a “internalização das múltiplas contradições”, seja pela coação física, seja por meio da produção de discursos ideológicos justificadores da dominação (ALMEIDA, 2018, p.72): .

Só que tal ordem e proteção serão fundadas a partir da ideia daqueles que detém o poder, ou seja, a hegemonia burguesa, masculina e branca. Estes utilizaram dos seus aparelhos para impor seus interesses e colocar ordem sobre aqueles que se manifestam contra este sistema de dominação. Um bom exemplo da verdadeira face dessa política burguesa no Brasil é o caso da censura feita à música Isso daqui é uma Guerra (1999) do grupo Facção Central, cuja representação da ação opressora do Estado burguês é apresentada pelo grupo:

*É uma guerra onde só sobrevive quem atira  
 Quem enquadra a mansão, quem trafica  
 Infelizmente o livro não resolve  
 O Brasil só me respeita com um revólver, aí.  
 O juiz ajoelha, o executivo chora  
 Pra não sentir o calibre da pistola  
 Se eu quero roupa, comida, alguém tem que sangrar  
 Vou enquadrar uma burguesa e atirar pra matar  
 Vou fumar seus bens e ficar bem louco  
 Sequestrar alguém no caixa eletrônico  
 A minha quinta série só adianta  
 Se eu tiver um refém com meu cano na garganta  
 Ai não tem gambé pra negociar  
 “Liberta a vítima, vamos conversar”  
 Vai se ferrar, é hora de me vingar  
 A fome virou ódio e alguém tem que chorar  
 Não queria cela nem o seu dinheiro  
 Nem boy torturado no cativoiro  
 Não queira um futuro com conforto  
 Esfaqueando alguém pela corrente no pescoço  
 Mas 357 é o que o Brasil me dá  
 Sem emprego quando um prego de Audi passar  
 Aperta o enter cuzão e digita  
 Esvazia a conta, agiliza, não grita  
 Não tem Deus nem milagre, esquece o crucifixo  
 É só uma vadia chorando pelo marido*

*É o cofre versus a escola sem professor  
Se for pra ser mendigo, doutor  
Eu prefiro uma Glock com silenciador  
Comer seu lixo não é comigo morô?  
Desce do carro senão tá morto  
Essa é a lei daqui, a lei do demônio  
Isso aqui é uma guerra*

O clipe dessa música, começa com o barulho de um helicóptero e as imagens aéreas das periferias de São Paulo com a finalidade de evidenciar quem são os potenciais revolucionários do Estado brasileiro. Neste mesmo clipe, a primeira voz que aparece cantando é do rapper Dum Dum, homem negro brasileiro que ao expor essa letra traz consigo todo o contexto de racialização do povo negro. Contexto esse, que tem as suas raízes fincadas no sistema escravocrata brasileiro, que após séculos de açoite, sob o mito de liberdade da falsa abolição<sup>6</sup>, deixou a população negra totalmente de lado pelo Estado, e que, diante do seu potencial revolucionário, tornou-se inimiga do Estado burguês brasileiro.

A censura feita ao clipe e à música foi executada pelo Ministério Público após seis exposições na emissora MTV Brasil, sendo proibido de ser transmitido até o final do inquérito. O responsável pela denúncia e solicitação de inquérito foi o promotor e assessor do procurador geral de justiça do estado de São Paulo, Carlos Cardoso:

Por iniciativa minha, a nossa equipe de promotores criminais que atua num grupo que tem assento ali na procuradoria geral de justiça, nós encaminhamos um pedido ao Dr. Mauricio Porto que é o juiz titular do Departamento de Inquéritos Policiais da capital de São Paulo, que centraliza todos os inquéritos policiais para que ele, cautelarmente, determinasse a apreensão da matriz junto à gravadora que produziu alguns milhares de CD's contendo esse clipe e que solicitasse e notificasse a MTV de que na avaliação do Ministério Público esse clipe caracteriza o delito de incitação ao crime. O juiz acolheu o nosso pedido, já notificou a emissora MTV que estava veiculando esse clipe, alertando-a inclusive de que se eventualmente esse clipe viesse a ser editado, veiculado pela emissora, os responsáveis por essa emissora poderão ser presos em flagrante pelo delito de incitação ao crime, responder igualmente por um processo criminal. A matriz do CD já foi apreendida junto à gravadora e nós agora estamos junto à promotoria da cidadania daqui da capital encaminhando esse procedimento investigatório para que eles solicitem também via judiciário, a proibição inclusive, da venda desses CDBs, fitas e vídeos que eventualmente contenham esse clipe. (SOLEDADE, 2016, p. 3)

---

<sup>6</sup> Explicaremos mais a diante sobre os processo que antecederam a abolição e que serviram para manter o povo negro em estado de vulnerabilidade e submissão social.

Segundo Soledade (2016), Carlos Cardoso não foi somente responsável pela denúncia e pelo pedido de proibição do videoclipe. Ele também cooperou para a construção de uma imagem negativa do grupo Facção Central através das mídias burguesas, como a Globo, na tentativa de convencer a população de que o grupo fazia apologia<sup>7</sup> ao crime e ao tráfico, além de relacionar o grupo ao aumento da violência, afirmando que ele estava ligado diretamente com a cultura da violência. Segundo a avaliação do promotor:

Esse clipe é criminoso e ele não pode ser veiculado porque ele vai passar para uma parcela determinada de pessoas a impressão de que o caminho do crime, do assalto, do sequestro, o caminho do latrocínio e do homicídio é um caminho válido pro jovem da periferia, pro jovem pobre, pro jovem negro, embora eu concorde com o Eduardo de que não há uma manifestação explícita nesse sentido de querer associar o jovem pobre da periferia ao criminoso. Não se trata disso. A questão é a leitura que as pessoas vão fazer dessas imagens associada a letra da música.(SOLEDADE, 2016, p.4)

Ou seja, além de se contradizer dizendo que concorda com o grupo, o promotor ainda se arrisca a falar pela juventude pobre e periférica. Juventude essa que é deixada de lado e usada durante bom tempo da história das políticas públicas no país como cobaias de políticas para a juventude, como a política do Ventre Livre que vai deixar muitos jovens e crianças em situação de vulnerabilidade e submissão. Em outras palavras, a juventude negra e periférica não vai ter voz para a criação de programas para seu benefício, sendo colocados como marginais desorganizados e a juventude colocada como algo passageiro, sem direito a voz para propor políticas voltadas para a própria juventude. Segundo Barbosa e França (2018, p. 28), ao analisarem a pesquisa de Brito (2014), vão evidenciar que:

A pesquisa de Brito (2014) sobre a juventude das camadas populares aponta que historicamente os jovens foram estigmatizados ou vistos como objetos das políticas públicas, ou seja, jovens que historicamente não participam ativamente do processo de construção das políticas públicas, o poder público acaba por desconsiderar suas formas de vivenciar a juventude e o que estes têm a dizer e o que querem pra si. Por tanto, os jovens necessitam de espaços nas agendas públicas para que possam protagonizar a construção de políticas públicas para si mesmo e não apenas ser objeto de pesquisa para dados estatísticos. A autora pontua os meios midiáticos e as instituições como instrumento ideológico que marginaliza a juventude.

---

7 Apologia significa fazer propaganda de algo para incentivar um determinado grupo.



Ou seja, a burguesia utilizando-se do poder regulador de políticas públicas do Estado hegemonicamente formado por homens brancos à mercê dos interesses burgueses, exclui a população jovem, periférica, indígena e negra das decisões de políticas de melhorias da sua condição de vida. Além de marginalizá-los e criar políticas públicas de criminalização e punição da juventude indígena, negra e periférica, atribuindo à sua condição de pobreza e respectivos efeitos, o estigma de algo a ser resolvido pelo encarceramento<sup>8</sup>, privação de liberdade e violência física.

A burguesia sabendo do poder revolucionário da classe trabalhadora, mais especificamente da juventude proletária, tenta apaziguar esses conflitos impondo e defendendo que o Estado representa a democracia. Sendo assim, a burguesia defende que, por meio de reformas constitucionais e eleições, é possível conciliar os interesses de ambas as classes. Enquanto isso, matam e torturam os filhos da classe trabalhadora. Quanto a essa democracia burguesa, o nosso honrado revolucionário negro Marighela<sup>9</sup> (1911-1969) ao relatar sobre a democracia representativa pré-golpe militar de 1964, nos elucidada:

O que havia de errado nesse tipo de democracia vinha de longe. Era um vício de origem. Um pecado original. Não se tratava de uma democracia feita pelo povo. Quem a instituiu foram classes dirigentes. Nesse arcabouço erigido pelas elites, as massas conquistaram alguns direitos, ali introduzidos graças às suas lutas. Historicamente, o mal dessa democracia era- acima de tudo- o seu conteúdo de elite, com a ostensiva marginalização das grandes massas exploradas, o proletariado crescendo sem nunca chegar à integração de direitos exigida pelo seu papel de produção. E os camponeses inteiramente por fora, párias da democracia, sob a ultrajante justificativa de sua condição de atraso e suprema escravização aos seus interesses dos senhores da terra.(MARGHELA, 2019, p.114)

A democracia defendida pela burguesia é na verdade a dominação da classe trabalhadora. É também o genocídio da parcela negra e indígena dessa classe trabalhadora. Portanto, a burguesia e a pequena burguesia vão negar que os interesses divergentes entre as classes são inconciliáveis, fazendo uso das suas forças opressoras para impor a ordem. Assim explica o rapper Eduardo do grupo Facção Central, na música *Sei que os porcos querem o meu caixão* (1998):

8 Em 15 anos, a proporção de negros no sistema carcerário cresceu 14%, enquanto a de brancos diminuiu 19%. Hoje, de cada três presos, dois são negros. É o que revela o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado neste domingo (18) pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Dos 657,8 mil presos em que há a informação da cor/raça disponível, 438,7 mil são negros (ou 66,7%). Os dados são referentes a 2019.(Acayaba; Reis, 2020)

9 Um dos principais organizadores da luta armada contra a ditadura militar brasileira (1964–1985), Marighella chegou a ser considerado o inimigo "número um" do regime. Foi cofundador da Ação Libertadora Nacional, organização de caráter revolucionário, também foi militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Marighella foi morto em novembro de 1969 assassinado pelos agentes do DOPS.

*O boy queria que eu tivesse traficando  
 Gritando assalto com uma nove pro caixa do banco  
 Queimando a cara de um refém com cigarro  
 Dá a senha, filho da puta, anda, desgraçado  
 O Brasil não aceita pobre revolucionário  
 O marginalizado defensor do favelado  
 Fugi do controle, quebrei a algema  
 Expandi meu veneno, meu ódio, minha crença  
 Contaminei o povo, revolta incurável  
 Terrorista verbal, discurso implacável  
 Pega seu dinheiro e enfia no cu  
 E caráter lapidado no sangue da zona sul*

Na letra, a expressão “boy” vem da palavra playboy que no dialeto da periferia significa burguês ou filho deste. O que Eduardo apresenta é justamente o desejo da burguesia em manter a figura do pobre e negro no lugar de marginal, principalmente aquele que se rebela contra o sistema. Quando ele fala que “O Brasil não aceita pobre revolucionário”, é justamente sobre o medo que a burguesia brasileira tem dos revolucionários da classe trabalhadora.

Tal medo, não específico da classe burguesa do país e sim do mundo, já que durante a história do capitalismo mundial, houve e ainda há uma tentativa de apagamento de figuras revolucionárias da classe trabalhadora, do povo. Para isto, a burguesia usa do seu exército militar para caçar, encarcerar e matar revolucionários, faz uso de seus equipamentos de mídia para desconfigurar a representação desses sujeitos revolucionários e torná-los “terroristas”, inimigos da democracia e da liberdade. Assim foi com Marx, Emilio Zapata, Carlos Marighela, Zumbi dos Palmares, Dandara dos Palmares, Olga Benário, Facção Central, Racionais MC’s, Sabotage e entre tantas outras pessoas que deram e ainda dão a sua vida para a revolução, pelo Estado do Proletariado<sup>10</sup>, pelo fim da exploração da classe trabalhadora, pela liberdade do povo pobre, negro, camponeses e indígenas.

Entretanto, ao dizermos que o Estado é capitalista não é o mesmo que dizer que o Estado é ditado exclusivamente pelos interesses dos detentores do capital. Segundo ALMEIDA (2018, p. 73):

A ligação entre Estado e capitalismo é muito mais complexa e estrutural no sentido que, o Estado contemporâneo, marcado pela impessoalidade e pela pretensa separação com o mercado, só pode ser vislumbrado no contexto capitalista. A existência do mercado – enquanto relação entre sujeitos de direitos e proprietários de mercadorias – depende de que o Estado garanta, por meio do controle burocrático e da repressão, a propriedade privada e as relações jurídicas, o que supõe uma capacidade interativa sempre presente.

---

<sup>10</sup> Estado do proletariado seria o Estado governado pela classe trabalhadora a favor dos seus interesses.

Dizer isso significa dizer que o Estado tem uma autonomia relativa em relação à economia, o que também é importante para a preservação do próprio capitalismo. No entanto, a sua autonomia vai ser a todo tempo colocada em questão pelas lutas políticas e sociais que irão se desenvolverem no interior da sociedade. Assim, para resolver esses conflitos o Estado irá formular e executar políticas públicas, a fim de intensificar a opressão aos proletariados, bem como, diminuir os efeitos causados pelo próprio sistema, como o desemprego, a fome e a desigualdade.

Dessa maneira, a política, assim como o Estado, surge para mediar os conflitos de interesses de diferentes grupos e/ou classes. Para melhor contextualizar sobre o termo “Política Pública” os autores Barbosa e França (2018), a partir da análise de Pereira (2009), vão enfatizar a importância de não compreender a Política Pública como algo restrito ao Estado, já que a sociedade terá importância para o processo como um todo. Os autores Barbosa e França (2018, p. 45) irão dizer que:

Fala-se Política Pública porque é de todos e não por ser do Estado ou de grupos coletivos da sociedade. Assim o caráter público da política resulta de ingerências do Estado e da sociedade para consolidação de direitos coletivos conquistados. (PEREIRA apud BARBOSA; FRANÇA, 2018, p.45).

Dessa forma as Políticas Públicas podem se originar tanto do próprio Estado, como também da sociedade civil ao se manifestar e propor políticas para a sua melhoria. Porém, ressaltamos que como será o Estado regulador dessa políticas, nem todas as propostas feitas pela sociedade serão aceitas e poderão haver alterações em sua estrutura, para que o mercado e a ordem não sejam negativamente afetados.

Um exemplo atual sobre essa questão é o recente programa de Auxílio Emergencial criado e mal implementado pelo governo Bolsonaro no ano de 2020. A população que já estava sendo assolada pelos efeitos da desigualdade social do capitalismo, sofreu uma intensificação da pauperização de sua situação econômica devido à pandemia por Coronavírus (COVID-19). Com a acentuação das expressões da Questão Social, provocadas pela crise econômica – que já afetava a população antes da pandemia – e sanitária oriundas da pandemia mundial do COVID-19, manifestaram-se contra o governo de Bolsonaro que pouco pensou na população pobre. Pressionado pela classe trabalhadora e pela ala progressista do parlamento, o governo programou um auxílio

emergencial no valor de R\$ 600,00<sup>11</sup> até o fim do ano de 2020. Tal política não garantiu que a classe trabalhadora pudesse fazer de fato o necessário isolamento para prevenção da disseminação do vírus. Como resultado, a classe trabalhadora foi obrigada a voltar aos seus postos de trabalho ou procurar emprego para sobreviver e a pandemia agravou-se, chegando a 2021 com 457 mil mortes.

De acordo, com Barbosa e França (2018) as primeiras formas de políticas sociais teriam um caráter repressivo e não protetor. Elas seriam voltadas para a inserção das pessoas desempregadas e pobres no mercado de trabalho, por meio do castigo e tortura. Aqueles que dependiam da sua força de trabalho para sobreviver, afetados pela pouca oferta de empregos consequente da grande quantidade de pessoas que necessitavam de emprego, eram castigados de inúmeras formas e sendo até sujeitos a escravidão.

Como é o caso do período pré-capitalista nos tempos finais da sociedade feudal na Inglaterra, em que ainda era presente o Estado absolutista. Neste tempo, o rei detinha um poder absoluto e a igreja controlava a mentalidade da população. Quando, a partir do século XIV, o Estado toma noção de que a igreja já não seria capaz de sozinha controlar o povo e possíveis insurreições da população pauperizada, surge a necessidade de serem criadas leis e estatutos, como a *Poor Law*<sup>12</sup> (leis dos pobres) para garantir o controle e manter a ordem social. No período de 1531 a 1601, os considerados incapazes para o trabalho, foram atacados com normas instauradas que davam uma espécie de licença para a “mendicância” em determinados territórios. Nesse mesmo período, as paróquias também tinham a função de caçar e penalizar os pauperizados e desempregados, além de ter permissão de recolherem tributos de voluntários para prestar o mínimo de assistência social possível para os considerados inválidos que viviam em situação de rua (BARBOSA; FRANÇA, 2018).

Com o desenvolvimento das relações de produção capitalistas, juntamente com o avanço da ideologia liberal que tinha como princípios a liberdade, fraternidade e liberdade, as formas de políticas do período pré-capitalistas já não seriam mais lucrativas para os burgueses. Já que esses dependiam de uma classe trabalhadora minimamente saudável e livre para que pudessem explorar a sua força de trabalho com mais efetividade. Conforme enfatizam Barbosa e França (2018, p.44):

---

11 Vale aqui pontuar que esse valor só foi pleiteado pelo governo devido a pressão que a esquerda brasileira fez contra esse governo Bolsonaro.

12 O Sistema das Poor Laws tinha como finalidade fornecer uma ajuda social aos pobres da Inglaterra e Gales. Este se desenvolveu na Idade Média tardia e vai colocar a questão da desigualdade social nas mãos da Igreja para ser solucionado. No entanto, não teve fortes impactos positivos na vida dos trabalhadores, pelo contrário.

No século XVIII, com os adventos da revolução industrial, aumento populacional e etc. Os instrumentos de regulação social usados para o controle de uma sociedade pré-capitalista já não correspondiam à nova realidade. Com isso em 1795 foram introduzidas medidas em que não apenas os impotentes e desempregados fossem assistidos, mas agora era necessário livrar da fome os trabalhadores, assim foram introduzidas de acordo com a necessidade de cada localidade um subsídio de complemento de renda, as Speenhamand.

As políticas públicas então criadas a partir desse período na Europa teriam um caráter menos repressivo no que se refere os trabalhadores “livres”, assalariados. O que consiste em um pequeno avanço para a classe trabalhadora europeia. No entanto, em suas colônias nas Américas os trabalhadores escravizados continuariam a sofrer inúmeras formas de violências, com aparato da igreja católica e também do Estado. Neste período a América Latina estava tomada pelo regime escravista que dava as condições econômicas necessárias para o desenvolvimento capitalista no continente europeu.

No Brasil, como veremos no próximo capítulo, a população negra e indígena no período de 1500 a 1888, serão alvos de políticas que vão justificar a escravidão e os castigos violentos que sofriam os trabalhadores escravizados. Posteriormente, com a transição do sistema escravista para o capitalista, essas populações vão se integrar a classe trabalhadora “livre”, mas ainda vítimas de diversas políticas racistas. Contudo, essa mesma população também será protagonistas de diversas lutas e formas de resistências contra o sistema escravista e contra o racismo no sistema capitalista, bem como, as lutas por melhores condições de trabalho e contra a desigualdade que neste período vão afetar majoritariamente negros, indígenas e uma parcela da população branca.

## 2.1 O RACISMO DE CADA DIA: “SOBREVIVENDO AO INFERNO”

*Maraca, cocares, tambores, turbantes  
A Terra tremerá como nunca tremeu antes  
(Katú Mirim – Aguyheveté, 2020)*

Falar sobre racismo é diferente de falar sobre a escravidão, mas não é possível falar sobre racismo no Brasil, sem antes falar sobre a escravidão e a colonização. O racismo é um tipo de opressão sistemática que vai sobrepor um determinado grupo de pessoas a outro grupo, tendo como divisor marcante a raça, mas que também irá atravessar economia, a cultura e a linguagem. Já a

escravidão, ou melhor, dizendo, o sistema escravista foi um sistema econômico que cria a racialização como uma forma de justificação da exploração da mão de obra escrava. Em outras palavras é a necessidade de exploração do trabalho que irá mover o tráfico e a escravização, as formas de opressão são decorrentes desse processo. Isso é importante para que haja uma compreensão histórica e dialética da dinâmica da invenção da raça e suas transformações ao longo dos anos.

Sendo assim, neste capítulo iremos tratar sobre o racismo brasileiro e sobre lutas antirracistas no Brasil, sob o olhar daqueles que foram vítimas desse sangrento sistema de opressão. Para isso, iremos tratar brevemente sobre o sistema escravista brasileiro para podermos entender os mecanismos que desenvolveram o racismo do Brasil e também a chegada do povo negro nas terras tupiniquins. Vale salientar, que o sistema escravista foi um sistema complexo e explicá-lo como um todo exigiria mais tempo de dedicação para o estudo e mais páginas de escrita. No entanto, também é importante abordarmos sobre esse sistema, para aprender sobre as formas de resistências dos trabalhadores escravizados e livres do nosso país. Como já disse Katú Mirim em sua música *Agujevete* (2020):

*Eu vim te apresentar  
A verdadeira história que eles tentam camuflar  
O Brasil tem genocídio, dor, massacre e escravidão.  
Mas isso não aparece na sua televisão  
Com arma na mão, e cruz no pescoço  
Mataram mais de mil parentes lá no Mato Grosso  
Absurdo é dono da terra ter que lutar por demarcação  
E os ratos chamam isso de grande revolução  
Meu grito ecoará, arrebentará sua janela  
Meu sangue é meu orgulho, não é sua aquarela  
To fora que agora nossos povos se unirão  
Então corre agora são vocês que fugirão  
São vocês que fugirão.*

Logo, para entender sobre como o RAP hoje é uma ferramenta cultural de resistência do povo negro, dos povos indígenas e periféricos contra o racismo e contra o capitalismo, precisamos apreender como esses povos já se organizavam na construção do nosso país. Parafraseando Césaire (2010, p. 15):

O fato é que a civilização chamadas “europeia”, civilização “ocidental”, tal como foi moldada por dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas que sua existência originou: o problema do proletariado e o problema colonial. Esta Europa, citada ante o tribunal da “razão” e ante o tribunal da “consciência”, não pode justificar-se; e se refugia cada vez mais em uma hipocrisia ainda mais odiosa, porque tem

cada vez menos probabilidades de enganar.

Ou seja, para que possamos compreender como classe trabalhadora, mais especificamente a parcela negra e indígenas dessa classe, se manifesta culturalmente, economicamente e violentamente contra o sistema capitalista e racista. Precisamos antes trazer à tona a história do nosso país, mas não me refiro a história contada pelo colonizador ou pelo capitalista e sim a história contada por aqueles que tiveram as suas terras saqueadas, a sua cultura negada, a sua existência atacada, os seus meios de produção roubados por aqueles que ainda hoje detêm o poder.

Hoje em dia, não temos dúvidas de que os povos colonizados não aceitavam a dominação e o sistema colonial impostos nas Américas, Ásia e Oriente Médio. A massa de trabalhadores do mundo sempre se rebelou e ainda se rebelam contra o domínio do Rei, da igreja e da burguesia. Já os que hoje detêm o poder, tentam esconder e negar a todo custo o passado e presente sangrento e genocida da colonização e do capitalismo. Logo, nós, a classe trabalhadora desse país, cabe à tarefa de estudar e abordar sobre o período colonial de forma clara e racional, para que possamos enfim supera-la, pois, o seu desenvolvimento vai ser o que dará base para a construção e desenvolvimento do capitalismo. Conforme afirma Césaire (2010, p. 17):

Isso significa que o essencial aqui é ver claro e pensar claro, entender atrevidamente, responder claro à inocente pergunta inicial: o que é, em seu princípio, a colonização? Reconhecer que ela não é evangelização, nem empreitada filantrópica, nem vontade de fazer retroceder as fronteiras da ignorância da enfermidade, da tirania; nem a expansão de Deus, nem a extensão do Direito; admitir de uma vez por todas, sem titubear por receio das consequências, que a colonização o gaste decisivo é o do aventureiro e do pirata, o do mercador e do armador, do caçador de ouro e do comerciante, o do apetite e da força, com a maléfica sombra projetada por trás por uma forma de civilização que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente, a estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial.

Ainda segundo o autor, a hipocrisia burguesa é recente, pois no passado, os colonizadores não escondiam a sua forma primitiva e selvagem, disfarçadas de civilizada, de se relacionar com outros povos e nações. A hipocrisia da burguesia chega mais tarde, tendo como principal responsável o pedantismo cristão que ao traçar equações desonestas do tipo: cristianismo= civilização; paganismo = Selvagerismo, que apenas resultaria em consequências colonialistas e racistas abomináveis, cujas principais vítimas deveriam se os índios, os amarelos, os negros. Estes

povos oprimidos, ao tratarem sobre as suas dores e opressões vivenciadas, são desmoralizados e deslegitimados pela atual burguesia filha dos colonizadores que invadiram essas terras e a denominaram forçadamente de Brasil. Nas palavras de Kaê Guajajara:

Herera kaê  
 Ei parente, levante a cabeça  
 Não se adeque, não não se esqueça  
 O bem viver tá logo ali  
 Fora, do sistema que desmoraliza ocultando as origens  
 Eu sei que eles falaram do teu passado  
 Toda vez que teu presente for insuportável pra eles  
 Urucum na pele, proteção no jenipapo  
 Reconnectando, a minha flecha é a minha voz  
 Veja o futuro que te atravessa numa existência que só existe se você resistir  
 Feche os olhos e veja pindorama inteira  
 Mesmo as cidades cobrindo o azul  
 Caminhe com a força de uma onça  
 Bota o asfalto que eu tiro  
 Teu canto é levado pelo maracá  
 No ar virando sete flechas  
 Não preciso se espelhar, nem se diminuir  
 Nós somos a chave. (Acalanto, 2020)

A respeito do que foi a colonização, o autor Moura (1994, p. 175), também irá concordar com Césaire (2010) e Kaê Guajajara (2020), ao dizer que:

A aventura colonial dos povos europeus, a partir do século XV, não foi apenas um ato de expansionismo geográfico, com o objetivo de conseguir novas áreas de dominação e rotas comerciais e marítimas. Este foi o aspecto horizontal e visível desse processo violento. Mas foi, também, um complicador étnico e um mutilador e estrangulador cultural. Complicador étnico porque introduziu compulsoriamente nas áreas colonizadas – América do Norte, Caribe, América do Sul – o componente africano que veio não apenas dinamizar demograficamente essas áreas, mas, também, involuntariamente, consolidar, com o seu trabalho, o escravismo nessas colônias. Mutilador e estrangulador cultural porque impôs pela violência, direta ou indireta, os seus padrões culturais e valores sociais usando para isto desde a morte e a tortura até a catequese refinada chamada de evangelização para dominar os povos escravizados.

Ao desumanizar outros seres humanos e povos, os reduzindo a mera mercadoria produtora de mais mercadoria, os colonizadores se desumanizaram também. Como efeito, desenvolveu-se uma sociedade mundialmente violenta que naturaliza o preconceito, o genocídio, a desigualdade, o



estupro, o assassinato, a fome, o roubo, a dor daqueles historicamente explorados e marginalizados pelos sistemas colonial e capitalista. Nas palavras de Kaê Guajajara em sua composição Mão Vermelhas (2020):

*Me diz pelo que você luta?  
Que ar você respira, senão o meu fôlego?  
Que comida você come, senão a que eu dou?  
Abra a sua mente antes da sua boca  
É o Brasil que ninguém vê*

*Tic, tac, tic, tac  
O Agro não é tech  
Não é pop e também mata  
Vestem rosa ou azul  
Com as mãos manchadas de vermelho*

*Vejo meus filhos se perguntando  
Se você os mata ou se eles se matam  
Se você os mata  
Ou se eles matam primeiro*

*Você não sabe  
Ninguém viu  
Mas ficou cravado na minha memória  
Pega no laço e você sabe a história*

*Legalizam o genocídio  
Chamam de pardos pra embranquecer  
Enfraquecer e desestruturar você  
Pra não saber de onde veio*

*E conta a história da bisa, da sua bisa que era índia  
E não é branco, nem preto  
Nem indígena o suficiente, pelos fiscais de ID  
Ninguém é ilegal em terra roubada*

*Tô renascendo das cinzas do fogo  
Em que queimaram meus ancestrais  
Ainda resistimos em tantos tons e vivências*

Entretanto, a Europa vai sentir no seu próprio continente, os efeitos causados pelo próprio veneno que, de forma silenciosa e segura, irá se destilar e por fim, atacar e se expandir pelo continente da mesma forma sangrenta e desumana que este mesmo continente se expandiu nos continentes colonizados.

Estamos aqui falando sobre o Nazismo, que de 1933 a 1945 irá perseguir torturar, escravizar e colonizar boa parte da Europa e Ásia, até ser derrotado, entre outros, pela União Soviética comunista que na época era dirigida por Stálin. É a partir daí que a hipocrisia da burguesia entra em

pauta, já que para se colocar no lugar de vítima de um sistema de fato opressor, mas que é fruto da sua própria podridão. O colonialismo criou o seu próprio demônio, deu as bases para que o nazismo pudesse existir de forma livre e segura, até ao ponto que o sujeito branco passou de cúmplice a vítima de sua própria criação. Segundo Césaire (2010, p. 21):

Nos assombramos, nos indignamos. Dizemos: “Que curioso! Porém, bah, é o nazismo, já passará!” E esperamos. Nos esperamos; e calamos a nós mesmo a verdade, que é uma barbárie, porém a barbárie suprema, a que coroa, a que resume a cotidianidade das barbáries; que é o nazismo, sim, porém contudo antes de ser a vítima fomos seu cúmplice; que apoiamos esse nazismo, sim, porém contudo antes de ser a vítima fomos seu cúmplice; que apoiamos esse nazismo antes de padecê-lo, o absolvemos, fechamos os olhos diante dele, o legitimamos, porque até então só se havia aplicado aos povos não europeus; e cultivamos este nazismo; somos responsáveis por ele e ele brota, penetra, goteja, antes de engolir em suas águas avermelhadas a civilização ocidental e cristã por todas as fissuras deste.

O autor ainda nos traz uma constatação importante a respeito de Hitler, que ao declarar guerra os países vizinhos da Alemanha, dominar vários povos europeus, executar a perseguição contra os judeus que culminou no grande Holocausto do século XX. Hitler estava nada mais, nada menos que reivindicando a humanidade idealizada pela própria Europa colonial. Para a burguesia da época ele não estava errado, e tampouco era odiado por suas ações. Até que os seus crimes viram à tona e evidenciarem que o mesmo holocausto cometido pelos europeus contra os povos dos continentes americanos, asiático e africano, estava sendo executado no seu interior. Dessa forma afirma Césaire (2010, p. 22):

Falei muito de Hitler, porque ele permite ver com amplitude e captar que a sociedade capitalista, em seu estado atual, é incapaz de fundamentar o direito das pessoas, ao mesmo tempo em que se mostra imponente para fundar uma moral individual. Queira-se ou não, ao final do beco sem saída da Europa, quero dizer da Europa de Adenauer, de Shuman, de Bidault e de alguns outros, está Hitler. Ao fim do capitalismo, desejoso de perpetuar-se está Hitler. No final do humanismo formal e da renúncia filosófica está Hitler.

Ou seja, no fundo todo o sistema capitalista mundial tem guardado de forma harmoniosa o seu Hitler, o seu Franco, o seu Getúlio Vargas, o seu Mussolini, o seu Trump. Neste sentido, podemos tomar como um exemplo nacional e contemporâneo, o nosso atual presidente do Brasil:

Jair Bolsonaro. Este que foi eleito pelas vias democráticas do nosso país e que venera todos esses ditadores de forma explícita. Este que ataca de forma física e verbal as comunidades indígenas do nosso país. Este que ataca também de forma física e verbal os povos quilombolas. Este mesmo que sem pesar, expressa de forma pública todo o seu racismo, xenofobia, misoginia e lgbtqifobia, e que mesmo assim se mantém no poder. O jornal Folha de São Paulo fez uma matéria intitulada: Veja falas preconceituosas de Bolsonaro e o que diz a lei sobre injúria e racismo, publicada em janeiro de 2020, onde foram apresentados vários recortes de algumas das tantas falas racistas e preconceituosas de Jair Bolsonaro:

**“Com toda a certeza, o índio mudou. Está evoluindo. Cada vez mais o Índio é um ser humano igual a nós”** em janeiro de 2020, durante live em rede social.

**“O Hélio vai para a China comigo. Eu falei: “Tem algum problema? É só você fazer assim [puxando as pálpebras para os lados] que ninguém vai te achar na multidão”** em outubro de 2019, durante live em rede social, com o deputado Hélio Lopes (PSL, RJ), que é negro, a seu lado.

**“Peixe só se for frito. Não gosto da comida à base de peixe, sem ser peixe frito ou ensopado”** em outubro de 2019, ao falar de sua rejeição a culinária oriental, durante missão pelo continente asiático.

**“O índio é um ser humano igual a nós, não é para ficar isolado em uma reserva como se fosse um zoológico”** em julho de 2019, durante evento do Exército no Rio de Janeiro.

**“Quem quiser vir aqui [ao Brasil] fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. O Brasil não pode ser um país de turismo gay. Temos famílias”** em abril de 2019, durante café da manhã com jornalistas.

**“Fui num quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava 7 arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais”** em abril de 2017, durante palestra no Rio de Janeiro

**“Não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente”** em fevereiro de 2016, durante entrevista ao programa Superpop, de Luciana Gimenez na RedeTV!

Bolsonaro não muito diferente dos seus “cúmplices” do passado é também responsável por um dos maiores genocídios da nossa história ao não combater propositalmente a atual pandemia por Coronavírus que, segundo o site Google Notícias, já matou 3,24 mil pessoas em todo o mundo, dentre essas mortes o Brasil ocupa o 3º lugar de maior números de casos de infecção e mortes causadas pelo vírus, já alcançamos o número de 414 mil até o dia 06 de maio de 2021. Ressalto que este trabalho está sendo escrito durante esse processo, como os números de mortes aumentam diariamente, amanhã dia 07 de Maio de 2021, seguindo a média de morte diária, teremos mais 4000 mil mortes causadas pela falta de gestão de Bolsonaro no enfrentamento ao novo coronavírus.

Não é a primeira vez que uma ou mais doenças são usadas para dizimar o povo negro e indígena na história brasileira. Nos primeiros anos de colonização, os povos indígenas foram vítimas de várias doenças trazidas pelos europeus, que em suas embarcações internacionais espalharam as doenças resultantes do seu estilo de vida sujo e desumano. Assim nos relata Kaê Guajajara em sua música *Pandemia* (2021):

*Não foi só a bala que matou meu povo não  
Tanta epidemia amontoou mais de uma nação  
Um rio de sangue na água cristalina  
Até o contato com suas roupas me assassina*

*Andando na minha miséria  
Na mente lapsos de uma velha floresta  
Tô tipo uma onça rugindo da cela  
Indígena gritando na favela*

*Vendo culturas inteiras sumindo  
A epidemia vem matando  
O maior grupo de risco há mais de 500 anos  
Eu tentei, me isolei*

*E sempre ficam nessa de querer fazer contato  
Nume'e kwaw hehe, a'e rupi nuexak kwaw  
Ima'eahy haw  
Nuvem de doença que contagia*

*Causando falência múltipla de órgãos  
Eu tava na mata vem e me mata numa  
Falência múltipla de povos  
Vi um parente indo se lavar*

*Num grande rio de lama tóxica  
Prevenir ou se contaminar  
Isso é uma Guerra biológica  
E tu que nunca foi de banho*

*Tá aprendendo a lavar a mão  
Vai comprar tudo de álcool em gel  
Olha pra tua poluição  
Ah ando ure day gran txori ì pa omi xute  
Txahe kapuna prika ì ambo nam ah ando  
Heta kran*

*Ah ando hon upolatxa-ma tigagika tangweta  
Ah ando hon upolatxa-ma ì ne pa kwandom-na  
Não foi só a bala que matou meu povo não  
Tanta epidemia amontoou mais de uma nação  
Um rio de sangue na água cristalina  
Até o contato com suas roupas me assassina  
Como a varíola*

*Como a gripe  
Tantas que o tamuz suportou  
Ninguém solta a mão de ninguém  
Ainda bem que ninguém segurou*

*Amo teko uzeeng ihewe hekepe  
Ekize zo ma' e wi nehe  
Epita me neràpuz pupu  
Ah ando hon upolatxa-ma tigagika tangweta  
Ah ando hon upolatxa-ma ì ne pa kwandom-na.*

Ainda que o Brasil não seja um país colonizador, mas sim colonizado e explorado, ainda nos dias de hoje pelas ditas grandes potências imperialistas do capitalismo. Ele é dominado por uma supremacia branca e burguesa que tem suas raízes fincadas no selvagem colonialismo, para que possa manter os seus privilégios e seu ultrapassado sistema capitalista. Sendo a classe trabalhadora que sustenta esse país e que também é assassinada por este governo bolsonarista, enfatizo que é nosso dever reivindicar a nossa verdadeira história nacional e reivindicar a justiça por todos os crimes praticados por essa burguesia internacional e nacional que secularmente se mantém no domínio. Em outras palavras, ditas por Katú Mirim em sua música *Agyygevete* (2020):

*Aldeia, quilombola, são fortes, são resistência  
Mas se um desiste, enfraquece, tem consequência  
Bolsonaro gritou “Fora quilombola e aldeia”  
Ei, se racismo é crime, por que ele não ta na cadeia?  
Racismo velado, nosso povo sendo massacrado  
Racismo velado, nunca somos protagonizados  
Racismo velado é bandeirante sendo exaltado  
Racismo velado, chega de ficar calado  
Chega de ficar calado  
Meu povo vai ser exaltado  
Racismo velado.*

Assim como Hitler, o fato do presidente Bolsonaro ser democraticamente eleito é fruto de um país que desconhece a sua história, que esconde e maquia os crimes cometidos no período colonial; assim como esconde e maquia os crimes cometidos por Getúlio Vargas, os crimes cometidos na Ditadura Militar de 64, que nega justiça aos mortos e torturados no período da ditadura militar, que nega justiça aos tantos povos indígenas dizimados e atacados durante todo o período da nossa história até os dias de hoje, que nega o seu racismo, que nega justiça ao povo

negro que é morto diariamente e de diversas maneiras no nosso país. Assim como Césaire (2010) afirma que a burguesia branca e seu sistema capitalista eram culpados pela ascensão de Hitler, afirmo que nossa nação construída em suas bases coloniais, a burguesia e a pequena burguesia e o nosso capitalismo são responsáveis pela chegada de Bolsonaro a presidência. Neste sentido, também é importante aprofundar sobre como os governos da socialdemocracia dos anos 2000 contribuíram com a vitória eleitoral do nosso atual governo bolsonarista.

Sendo assim e tendo em vista a importância de sabermos a nossa verdadeira história nacional e mundial, bem como a história dos verdadeiros sujeitos revolucionários do período colonial e do capitalismo que ainda está em vigência no Brasil, iremos agora tratar um pouco sobre o modo de produção escravista que fundou o nosso modo de produção capitalista.

No dia 22 de abril de 1500, do calendário europeu, as terras de Pindorama<sup>13</sup> foram invadidas pelos povos europeus, mais especificamente os Portugueses, que deram início ao processo de colonização e exploração da terra e de seus povos originários. Para realizar o processo degradante, genocida e desumano de colonização, os povos europeus convencidos de sua suposta superioridade de raça branca, começaram a escravizar os povos tradicionais e sequencialmente a desmatar todo o território, com a finalidade de exportar matéria prima para o desenvolvimento de sua corte, no caso de Portugal para pagar suas dívidas com o reino inglês.

Após essa fase inicial de colonização do território agora chamado de Brasil, se iniciou no século XVII, a monocultura do cultivo de cana de açúcar que devastou grande parte da mata atlântica e amazônica. Para realizar esse processo de desmatamento, os povos europeus após exterminarem com boa parte dos povos indígenas e após roubarem boa parte de suas terras, começaram a sequestrar e realizar a diáspora de povos de várias etnias do continente africano. Essas pessoas que realizaram forçadamente a travessia transatlântica tinham a cor da pele preta e foram denominados pelos genocidas europeus de negros que chegam às terras brasileiras na condição de escravos.

Neste período se iniciou a construção do Sistema Escravista brasileiro, esse sistema era extremamente violento, pois a raça branca desumanizou os sujeitos negros os tornando em mercadorias de exploração da sua mão de obra. Este sistema tinha como base econômica o comércio triangular extremamente lucrativo para Portugal, este tipo de comércio era feito da seguinte maneira: As pessoas africanas, ao desembarcarem no território brasileiro, eram vendidas na

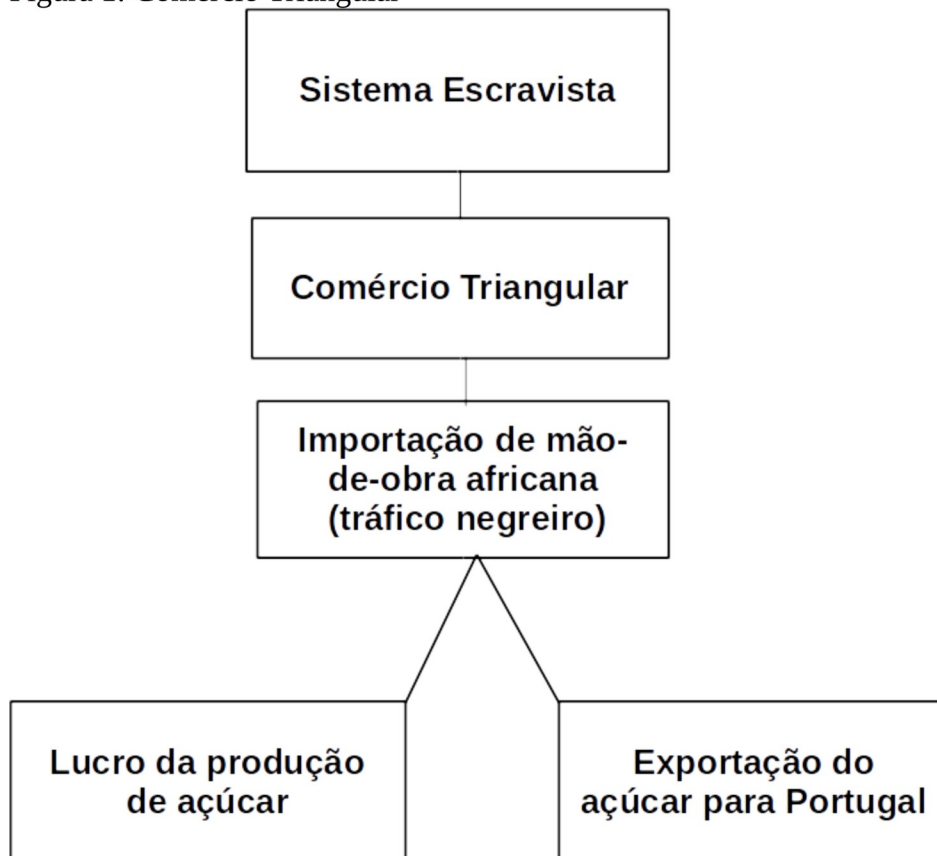
---

13 Esse era o nome pelo qual os indígenas guaranis chamam esse território que hoje é conhecido como Brasil.

condição de escravo. A partir do trabalho desses sujeitos escravizados nos canaviais era produzido o açúcar. Este era exportado para Portugal e revendido por toda a Europa. (MOURA, 1994).

Dessa forma, o dinheiro gasto na compra dessas pessoas era repostado com essa venda de matéria prima para a coroa. Após repostado, o dinheiro era novamente gasto na compra de mais pessoas escravizadas para a reposição da força de trabalho, já que a vida desses trabalhadores escravizados era muito curta devido às condições extremamente precárias e violentas desse sistema. Para melhor ilustrar foi elaborado um organograma da base econômica desse sistema:

Figura 1: Comércio Triangular



Fonte: Organograma elaborado pelo autor (2021).

Foram 400 anos desse sistema que naturalizava a violência em locais públicos e privados, o estupro, a humilhação, e o assassinato desses sujeitos africanos.

Em seguida, no dia 13 maio de 1888, devido ao medo das rebeliões desses trabalhadores escravizados, da pressão da revolução haitiana e da pressão mercantil da Inglaterra, foi abolido o Sistema Escravocrata e se iniciou a transição para o Sistema Capitalista. Nessa transição, esses sujeitos negros foram totalmente excluídos de qualquer direito social, ascensão e dignidade; sendo obrigados a continuarem sujeitos às necessidades, vontades e valores da classe dominante. A respeito da transição do sistema escravista para o capitalismo Moura (1994, p. 87) ira dizer:

O longo período de duração da escravidão no Brasil, que somente terminará já na época da formação do imperialismo, garroteou a possibilidade do desenvolvimento de um capitalismo nacional não dependente, fazendo-nos uma nação subalternizada economicamente às forças do capitalismo internacional, com todas as implicações políticas que isto determina. Ao lado de esses investimentos ocuparem os espaços dinâmicos da nossa economia, ela foi acompanhada por um processo de subalternização também política e cultural nos colocando sempre como devedores e culturalmente dominados pelas nações do centro, que comandavam o mercado capitalista mundial.

Kaê Guajajara em seu RAP Território Ancestral (2020), ira tratar sobre essa desterritorialização e a esse apagamento identitário dos povos indígenas:

*Alô mãe, você sente minha falta?  
Por que eu também sinto falta de mim  
Alô mãe canta que o corpo transpassa o tempo  
E nos faz resistir*

*Deixei meu cocar no quadro  
Retrato falado escrevo daqui  
Num apagamento histórico  
Me perguntam como eu cheguei aqui  
A verdade é que eu sempre estive*

*Vou te contar uma história real  
Um a um morrendo desde os navios de Cabral  
Nós temos nomes, não somos números*

*Pra me manter viva, preciso re-existir  
Dizem que não sou de verdade  
Que não deveria nem estar aqui  
O lugar onde vivo me apaga e me incrimina  
Me cala e me torna invisível*

*A arma de fogo superou a minha flecha  
Minha nudez se tornou escandalização  
Minha língua mantida no anonimato*



*Kaê na mata, Aline na urbanização*

*Mesmo vivendo na cidade  
Nos unimos por um ideal  
Na busca pelo direito  
Território ancestral*

*Vou te contar uma história real  
Pindorama (território ancestral)  
Brasil (tekohaw tekohaw)  
Demarcação já!  
No território ancestral.*

A abolição da escravatura e o fim do sistema colonial, revestida de características que não promoveram ações reparativas para a população negra e populações indígenas, tampouco conseguiu fazer a integração desses grupos na sociedade, perpetua até hoje na vida desses indivíduos. Ocorre de tal modo que traz reflexos intrinsecamente ligados a historicidade da condição de subalternidade, principalmente para mulheres negras e indígenas, desde o período escravagista até a instauração da lógica de produção e acumulação capitalista.

Nessa perspectiva, a delineação da construção do mercado de trabalho coloca uma invisível barreira que conota o sentido da separação da supremacia branca com a população negra, pois “na própria estrutura escravista já havia um processo discriminatório que favorecia o homem livre em detrimento do escravo” (MOURA, 1994, p.44).

O contexto pós-abolicionista para as (os) escravizadas (os) não representou a cidadania como esperavam, a falsa abolição veio em conjunto com a ausência de modificação nas estruturas hierárquicas imposta pela lógica do sistema escravocrata (PEREIRA, 2011). Agora livre, a população negra se vê sem possibilidades para reprodução das condições objetivas de vida.

Após a abolição, a população negra se mantém, hegemonicamente, à margem da sociedade. Na divisão sociotécnica do trabalho permanece nos cargos de serviços braçais, e, no caso das mulheres negras, são as que mais trabalham e pagam impostos, entretanto as que menos recebem. Em outras palavras, “o fim da escravidão trouxe novos arranjos para que essas mulheres continuassem a exercer as mesmas atividades, deixaram de ser escravas domésticas e passaram a ser empregadas domésticas” (PEREIRA, 2011, p.1).

Dito isto, no Brasil não há, nem hoje e nem nunca, a democracia racial. Almeida (2018) diz que a situação da população negra pode ser explicada pelas causas cumulativas. A educação precária leva à desinformação, quanto aos cuidados da saúde, que dificulta conseguir um emprego e

se manter nele. A democracia racial, como pontua o citado autor é a ideologia que produz um discurso racista e legitimador de violência e da desigualdade racial.

O racismo foi renovado como igualdade racial e normatiza a sobre exploração do trabalho. A meritocracia é dos pilares que estruturam o racismo, ao colocar sobre a população negra a responsabilidade de se manter sem condições, no pós-abolição, como modo de conseguir mão de obra barata diante das imposições do novo cenário econômico.

Nesse sentido, é importante salientar que o racismo se caracteriza como um conjunto de fatores que estabelecem a subalternidade social, econômica e política da população negra, utiliza-se de mecanismos estratégicos capazes de impedir a emancipação e ascensão social<sup>1</sup> desses sujeitos, ou seja “[...] o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (ALMEIDA, 2018, p.39).

Segundo Moura (1994), esses mecanismos foram construídos empiricamente durante o período escravista. Logo após a abolição, as elites intelectuais procuram explicar cientificamente, motivo apresentado foi à restrição do negro no mercado de trabalho, no sentido de manterem a mão de obra não qualificada e dificultarem a ascensão da população negra.

O dia 14 de maio de 1888, para grande parte dos escravos que saíram das senzalas com objetivo de conquistarem sua liberdade e os direitos através da cidadania, foi meramente ilusório, tendo em vista que não foram contemplados. Para tanto, é preciso compreender os interesses políticos, sociais e econômicos dessa época e como isso rebateu na dinamicidade de sobrevivência da negritude.

*A áspera estrada do negro pela conquista da cidadania começava. Julgando-se cidadão, pensando poder invocar os seus direitos, o egresso das senzalas teve uma grande decepção. A sua cidadania nada mais era do que um símbolo habilmente elaborado pelas classes dominantes para que os mecanismos repressivos tivessem possibilidades de elaborar uma estratégia capaz de colocá-lo emparedado num imobilismo social que dura até os nossos dias (MOURA, 1989, p.64).*

De acordo com Jacinto (2014), na transição do trabalho escravo para o trabalho livre é possível destacar as principais razões para as mudanças econômicas, sociais e políticas que ocorreram ao longo desse período: a lógica do capitalismo; a escassez de cativos e a luta dos

trabalhadores escravizados por libertação. Tal transição se desdobrou em dois aspectos complementares: a transição do capital escravista para o capital mercantil ou industrial e a transição do trabalho escravo para o livre.

A primeira das razões, a lógica do capitalismo, prevê a compra do indivíduo, que poderia ser pouco produtivo, adoecer, morrer ou fugir. No trabalho assalariado, em qualquer uma dessas possibilidades basta contratar-se outro trabalhador sem nenhum tipo de prejuízo do capital investido. A segunda, a escassez de escravizados, ocorrida principalmente por causa da proibição do tráfico negreiro em 1850. A terceira foi a intensa e cotidiana luta de homens e mulheres escravizados, determinante para o solapamento do modelo que, se por um lado tornava-se oneroso pela necessidade de altos investimentos em repressão, por outro acabava obrigando-se a flexibilizações de maneira a diminuir as razões das revoltas (JACINTO, 2014, p.19).

A Abolição de 13 de maio de 1988 não significou uma verdadeira liberdade ao povo negro. Ela, na verdade, foi um acordo entre a burguesia nacional e seus credores, como a Inglaterra, com a finalidade de desenvolver o modo de produção capitalista no Brasil. Além disso, esta mesma burguesia temia que as revoltas do povo negro e povos indígenas resultassem em uma revolução, como aconteceu na Revolução Haitiana. Logo, segundo Moura (1994, p.103) antes de “libertar” os negros da escravidão, a supremacia da branquitude vai executar uma série de ações para que este se mantenha na situação de subalternidade. Dentre elas, cinco momentos foram determinantes para que a abolição acontecesse, são eles:

- 1) A Tarifa Alves Branco (1844)
- 2) Lei da Terra (1850)
- 3) Lei Eusébio de Queirós
- 4) Guerra do Paraguai
- 5) Política imigrantista (MOURA, 1994, p.103)

Vamos então tratar sobre esses 5 elementos para compreendermos como o processo da abolição não significou uma verdadeira liberdade para o povo negro.

#### *1) A Tarifa Alves Branco (1844)*

Esta tarifa segundo Clovis Moura (1994) irá incentivar a industrialização e abrir brechas para o trabalho livre no interior do sistema escravista. Tal medida, serviu como uma medida protecionista para a indústria nascente no país. Outro foco dessa medida, era a criação de uma classe proletária “livre” no interior do sistema escravista, cuja sua formação era composta majoritariamente por imigrantes brancos.

## 2) *A Lei da Terra (1850)*

As terras brasileiras que antes eram doadas pelo Estado, passariam agora a serem vendidas por este. Devido a possibilidade da abolição, tal medida foi pensada justamente para que os interesses dos latifundiários pudessem ser mantidos. Com que dinheiro um ex-escravizado iria comprar terra? Sendo que a abolição não foi acompanhada de políticas de reparação.

## 3) *A Lei Eusébio de Queirós (1850)*

Esta foi a lei que proibiu o tráfico transatlântico de pessoas negras na condição de escravos para o Brasil. Tal medida serviu apenas para acabar com o tráfico internacional e preparar a nação para a chegada dos imigrantes europeus para o trabalho livre. Já que teve impacto direto na renovação da principal força de trabalho da época: o escravo.

## 4) *A Guerra do Paraguai (1865-1870)*

A Guerra do Paraguai impactou em grandes proporções a economia do Império. Com o fim do tráfico de escravos, a mão de obra escrava já estava defasada e com a guerra vários escravos que foram mortos guerreando. Com isso, os principais setores do Estado (a indústria, comércio e política) entraram em crise. Houve então a necessidade de importação de mão de obra. No entanto o sistema escravista já estava ultrapassado, logo, se inicia então o processo de legislações protecionistas aos imigrantes brancos que viessem trabalhar na condição de livres.

## 5) *A política imigrantista.*

Essa política tinha como foco a restauração do país no pós Guerra contra o Paraguai e também o apagamento da população negra trazida na condição de escravos. Os governantes da época imaginavam que a entrada de mais pessoas brancas no país para o trabalho, poderia através da miscigenação embranquecer as populações não brancas. Enquanto a população negra se encontrava sem direitos e sem condições econômicas e sociais que garantissem a sua existência, a população imigrante branca recebeu terras e vários privilégios para que pudessem ter uma vida minimamente digna no país.

A abolição não mudou qualitativamente a estrutura da sociedade brasileira. Substituiu o senhor de escravos pelo fazendeiro de café, sendo que os últimos tomando lugar dos primeiros como seus herdeiros diretos e continuadores, cristalizando-se, por outro lado, as oligarquias regionais do nordeste e norte também apoiadas no monopólio da terra como os antigos senhores de escravos (MOURA,1994, p.103).

O objetivo dos aparatos jurídicos está relacionado a estratégias da classe dominante em construir uma nação “moderna” de características europeias e expulsar o negro e o indígena do trabalho e da terra, concomitantemente, da pirâmide social.

Seguindo essa perspectiva, podemos observar que as legislações citadas acima – lei Eusébio de Queiroz e Lei da Terra - “foram resultados das necessidades de as elites se adaptarem à nova realidade de ascensão do capitalismo, em escala internacional e atendida, ainda, “a ideologia do branqueamento” que estava sendo gestada” (JACINTO, 2008, p.43), tendo em vista que os escravos eram impedidos de ocupar um lugar na sociedade diferente da condição de cativo.

A cidadania, delineada no contexto pós-abolicionista está relacionada a condições dignas aos direitos básicos como trabalho, educação, saúde, moradia, emprego, entre outros. Contudo, essa população não usufruiu de maneira igualitária desses direitos, principalmente mulheres negras e indígenas.

No entanto, se por um lado a supremacia branca criava meios institucionais que favoreciam os seus interesses e privilégios. Por outro, as populações indígenas e negras resistiam e ainda resistem fortemente como podem as várias formas de opressão e dominação. Estes, sempre resistiram à exploração compulsória e desumana do seu corpo e do seu território. Assim nos contextualiza Kaê Guajajara na sua composição *Essa rua é minha* (2020):

*Essa rua essa rua ela é minha  
Eu refloresto e vou um dia retomar  
Pra todo povo todo povo dessa terra  
Que o genocídio não conseguiu acabar*

*Se tu roubou, se tu roubou em 1500  
Tu roubaste, tu roubaste hoje também  
Não vem dizer que tu não tem a ver com isso  
Pagar em vida é melhor do que no além*

*Chega carnaval sou a preferida  
Do samba enredo ou na avenida  
Várias homenagens  
Nenhuma que muda a minha vida  
Cocar falso na cabeça  
Na mão uma bebida*

*Essa rua, essa rua ela é minha  
Eu refloresto e vou um dia retomar  
Pra todo povo todo povo dessa terra  
Que o genocídio não conseguiu acabar*

*Se tu roubou, se tu roubou em 1500  
Tu roubaste, tu roubaste hoje também  
Não vem dizer que tu não tem a ver com isso  
Pagar em vida é melhor do que no além*

*Chega carnaval sou a preferida  
Do samba enredo ou na avenida  
Várias homenagens  
Nenhuma que muda a minha vida  
Cocar falso na cabeça  
Na mão uma bebida*

*Não sou tua indiazinha  
Nem tua Iracema  
Não sou tua Pocahontas  
Nenhuma das tuas lendas  
Sou filha dessa terra  
Pronta pra retomada  
Se ficar de papo torto  
Vai tomar uma flechada*

*Essa rua rua rua rua rua  
Chega carnaval sou a preferida  
Essa rua rua rua rua ela é minha  
Eu refloresto e vou um dia retomar  
Essa rua rua rua rua rua  
Várias homenagens, nenhuma que muda a minha vida  
Essa rua rua rua rua ela é minha  
Eu refloresto e vou um dia retomar.*

Enquanto isso o povo negro, também estava ativamente resistindo contra a escravidão. Estes, sem medo e nem pesar, enfrentavam a repressão da colônia e davam a sua vida pela liberdade e não pela escravidão. Segundo Moura (1994, p.64)

[...] ao mesmo tempo, criavam-se as condições de reprimir as revoltas de negros e de índios, sendo que esses últimos se mostravam cada vez mais aguerridos, chegando ao ponto de matarem o capitão-mor Pereira Coutinho. É também por essa época que os africanos escravos começam a demonstrar a sua inquietação, tendo-se notícias de um quilombo atacado em 1575. Mas as atividades desses “negros da Guiné alevantados” já eram registradas bem antes deste ataque.

Durante a história desse país foram várias as formas de resistências utilizadas pelas populações não brancas. Ainda os tempos dos açoites na escravidão, a população negra resistia de forma individual (fugindo da senzala, matando os seus senhores, roubando fazendas ou até mesmo cometendo suicídio) e coletiva (criando quilombos, fuga organizada, ataque organizado às fazendas e cidades). Quando unidos em quilombos, as pessoas negras da época tinham mais chances de sobreviver e enfrentar o sistema escravista.

Ao mesmo tempo em que crescia a população escrava, de um lado, do outro, a rebeldia desse elemento se fará sentir: os índios através de guerras constantes e violentas contra os colonos, e os africanos através de movimentos coletivos como Palmares e outros grandes ou pequenos quilombos, ou no seu cotidiano com fugas individuais, em grupos, descaso pelo trabalho, delinquência ocasional contra os feitores, senhores e membros de suas famílias (MOURA, 1994, p. 65).

Ainda que muitos quilombos tenham sido dizimados pela coroa portuguesa e Estado brasileiro, a sua existência causava grandes impactos para o modo de produção da época. Neles, a população negra podia desfrutar de uma relativa liberdade do seu corpo, de sua expressão e de suas culturas. Os que conseguiam se desenvolver, chegavam a criar uma economia própria de resistência. De acordo com MOURA (1994, p.64):

Para nós, essa produção quilombola, pelo menos no caso particular do Brasil e com base nos poucos informes de que dispomos (uma conclusão provisória, portanto) não se configurou em um *protocampesinato*, mas foi uma economia de resistência destinada à sobrevivência dos quilombos e não teve continuidade na economia de trabalho livre em face da forte repressão contra eles. Tanto isto tem apoio histórico que na República de Palmares, como nos quilombos mineiros, fluminenses, gaúchos, pernambucanos e de outras regiões onde os quilombos se instalaram, não encontramos uma continuidade na economia após a Abolição, porque foi destruída antes.

Alguns quilombos conseguiram resistir e manterem-se isolados do sistema escravista da época e sobreviveram até os dias de hoje. Como é o caso o Quilombo dos Calungas de Goiás, um coletivo de pessoas negras que preservaram todas as características de pertencimento a um quilombo. Esta comunidade se localiza nos municípios de Monte Alegre e Cavalcante e, segundo a tradição, nasceu no século XVIII com a economia mineradora. De acordo com MOURA (1994, p. 61):

Calcula-se que a comunidade Calunga existe há mais de 150 anos e atualmente tem cerca de 5 mil habitantes. Está dividida em 3 núcleos nos vãos de Almas, Muleque e Calunga-Contenda. A principal hipótese sobre a sua origem é a de serem descendentes de escravos fugidos de Espírito Santo, Bahia, Goiás e de ali permanecerem isolados, conservando características culturais próprias.

Ainda segundo o autor, a forte base comunitária dos Calungas pode ser verificada durante os festejos de Nossa Senhora da Abadia, de 5 a 16 de agosto no vão de Almas. Esta festa se inicia com São João e termina com Nossa Senhora das Neves, estes festejos tem um significado de pausa no trabalho para o reencontro com os amigos e o sentimento religioso acaba ficando para segundo plano (MOURA, 1994).

Neste segmento, a população branca que mantinha o poder no período da escravidão, vai utilizar diversas formas de defesa às insurreições da população escravizada que tinha forte potencial de se unir aos povos indígenas para derrotar os seus algozes.

Outra forma de resistência da população negra para a garantia de sua sobrevivência foi à criação de clubes negros. Embora não tinham como centralidade a destruição do sistema capitalista, mas sim de garantir a sua inserção e ascensão no seu interior, foi uma marcante e importante forma de resistência dessa camada da classe trabalhadora.



Neste sentido, dentro do manto das relações sociais, encontramos produtos resultantes do racismo presente nas relações raciais do Brasil. Uma vez que a luta do povo negro brasileiro para classificação e ascensão social era obrigatoriamente uma luta contra o “preconceito de cor” (FERNANDES, 2008). As fissuras causadas pela discriminação racial são evidentes na realidade social do país (NASCIMENTO, 1978). Ou seja, após a escravidão, negros e negras ainda se encontram em situação de desigualdade social, vítimas da violência estatal e da segregação social devido à cor da sua pele.

São a partir destes aspectos das relações raciais do povo brasileiro que são constituídos os clubes sociais negros, que conforme conta a professora, pesquisadora e militante do Movimento Negro de Santa Catarina, Jeruse Romão em sua pesquisa sobre os Clubes Negros; tais clubes surgem devido “as práticas de segregação racial que parecem retratar a África do Sul dos anos 1950, durante o apartheid (...)” (ARAUJO, 2017). Assim relata a pesquisadora em uma entrevista ao portal Catarinas.

Logo os Clubes Negros começam a surgir no início do século XX com a discriminação racial, mesmo não sendo institucionalizada oficialmente, suas práticas agiram com eficácia na segregação territorial que criavam mecanismos para impedir o acesso dos negros a determinados recintos. (FELIX, 2013) Entretanto como a própria Rita de Cássia Souza Felix (2013), expõe em seu artigo que a historicidade desses Clubes Sociais Negros é anterior à assinatura da Lei Áurea, havendo vestígios destas associações no meio do século XIX, “quando a população negra escravizada em processo migratório para os centros urbanos buscava sua inserção nas sociedades locais.” (FELIX, 2013, p.40).

Estes Clubes eram locais “[...] em que se estabilizaram a autoestima, autoimagem e identidades negras. ” (FELIX, 2013, p. 40). Ou seja, a valorização da beleza negra está presente nestes espaços, onde exercia sua função social de trabalhar na melhoria da autoestima de negros e negras brasileiros associados ao clube. Além de construção de sociabilidades e culturas. Também eram espaços de construção de legitimação do poder: poder simbólico, poder invisível (cumplicidade) dentre os membros (FELIX, 2013). Desta forma, os clubes negros foram importantes para construção da identidade do negro inserido na sociedade de classes, auxiliando na ascensão de seus filiados no sistema capitalista brasileiro. Ainda que tais clubes tivessem características próprias da população negra, eles reproduziam as ações dos clubes dos brancos (ROMÃO, 2017).

Entretanto após interessarem pelo conhecimento da “realidade racial brasileira” no fim da I Grande Guerra desde o começo da segunda década, promoveram um novo estado de espírito, polarizando os interesses integracionistas e assimilacionistas em rumos reivindicativos de teor igualitário (FERNANDES, 2008). Assim mobilizando o sujeito negro a se inserir no debate e na solução do que Florestan Fernandes (2008) vem apontar como “problemas raciais brasileiros”, afirmando que tal fato representava um acontecimento revolucionário.

Quanto aos povos indígenas que ainda hoje lutam pela retomada de suas terras e pelo reconhecimento de sua humanidade. Estes foram duramente atacados pelo sistema colonial e o atual sistema capitalista. Já no período colonial, muitas etnias indígenas foram dizimadas e atacadas. Segundo Moura (1994, p. 186):

Quanto ao índio, particularmente, o primitivo habitante, a sua trajetória é bem diferente do grupo português que chegou como dominador. Se fizermos uma estimativa de 4 milhões de índios na descoberta – há quem estime em muito mais – o processo foi o inverso. Segundo Darcy Ribeiro, depois da fase genocida da ocupação de 1900 até 1957 extinguiu-se 87 grupos tribais como comunidades étnicas. Mais de 30% das tribos desaparecidas pertencem a zonas que foram conquistadas pela economia pastoril e 45% pela economia extrativa (grupos de caçadores, seringueiros, castanheiros e outros coletores de produtos florestais).

Na atualidade, esse genocídio aos povos indígenas continua através de grupos de garimpeiros e representantes de empresas transnacionais. Os povos indígenas que ainda resistem às atrocidades desumanas dos capitalistas, sendo estes ainda expulsos de suas terras, perseguidos ou assassinados. Conforme denuncia o líder indígena Marçal de Souza Tupã ‘e da etnia Xavante do Mato Grosso do Sul, no filme Terra dos Índios (1979) produzido por Zelito Viana:

Eu creio que pelo Brasil inteiro vai levantar ou já levantou... Índios esclarecidos como eu... que levantará a sua voz... em prol da sua raça. Eu sei, eu lembro muito bem, conheço através dos jornais... o nome do... do xavante Mario Juruna. Aquele índio é tido como subversivo pelos elementos da FUNAI. Eu acho que não. Porque aqueles que chamam índio de subversivo... o índio num sabe disso. O índio não sabe esse termo de subversão. Isso não é nosso. Nós reclamamos a injustiça, a calúnia, a pobreza e a fome que a civilização nos trouxe. Eu queria que o público brasileiro sentisse e visse através dessa reportagem, dessa filmagem, a situação real de uma parte do índio brasileiro, a vida do índio brasileiro, a situação deles atualmente. Não é só conhecer o índio amazonense, os nossos irmãos do Amazonas que ainda tem área maior, que tem possibilidade de se locomover numa área bem grande que é muito linda, muito bonito, o índio viver sua vida natural. Nós não temos nada disso. Porque nós os índios que vivemos aqui é que sentimos a injustiça, a perseguição, a pobreza, a fome, porque a área que ocupamos não oferece mais

condições para a nossa sobrevivência. Pra dizer que o índio que índio mato-grossense aqui do sul vai viver de pesca, vai viver dos recursos naturais que oferecia. Antigamente, os nossos antepassados que viviam aqui nessa bendita terra que é o Brasil, que foi do índio. Falo que foi do índio porque nós não temos mais nada. Não temos mais nada. E já quero que chegue ao conhecimento do presidente da república, que desconhece a nossa situação.

Marçal de Souza, também chamado de Tupã-ie (O Deus pequeno), foi morto em 25 de novembro de 1983, as causas da sua morte ainda permanecem desconhecidas. Ele morreu lutando contra os latifundiários e pela permanência dos indígenas que viviam nas margens do rio Apa, localizado em Ipirabua no Mato Grosso do Sul.

Neste sentido, as políticas elaboradas e executadas pelo desenvolvimentismo e da modernidade agravaram ainda mais a situação desses povos originários. Já que, as fronteiras entre as cidades capitalistas e populações indígenas irão avançar ainda mais sobre as terras indígenas. Neste processo, caciques são assassinados e as riquezas de suas terras são exploradas de modo que irá enriquecer apenas os mais ricos que sobrevivem da exploração do povo e da terra. Tudo isso irá ocorrer com a justificativas de civilizar o país e modernizar as suas estruturas, porém, na verdade este processo produz genocídio mais desigualdade social. Concordando com MOURA (1994, p. 187):

Sem querermos fazer uma análise estrutural e dinâmica do assunto, desejamos destacar como, hoje, os mecanismos de interiorização étnica criados pelos primeiros colonizadores ainda exercem a sua estratégia através de outras formas de controle e sujeição capazes de manter a população indígena lesada e inferiorizada. Com isto, aquilo que se chamou *processo civilizatório* e que antes se chamava catequese e evangelização dos povos pagãos manteve os remanescentes das antigas populações indígenas reduzidas a apenas 185 mil (1982), marginalizados e subalternizados.

Como vemos, mesmo com todas tentativas de coesão, de mistificação e de genocídio das populações negras e indígenas feitas pela supremacia da branquitude, essas populações ainda hoje resistem contra o apagamento da sua identidade, contra o roubo das suas terras, de suas riquezas e cultura. Nas palavras de Katú Mirim em sua música *Nativas* (2020):

*Nativas, prontas para lutar  
Retomando tudo vamos decolonizar  
Nativas, prontas para lutar  
Retomando tudo vamos decolonizar*

Atualmente os povos negros e indígenas resistem de várias maneiras, seja por meio institucional através da disputa eleitoral ou reformas constitucionais, ou por meio da organização de manifestações, ou por meio da sua cultura, nós estamos vivos e ativos. Como já dito, nesse trabalho iremos tratar sobre a resistência desses povos, como o samba, capoeira e o *RAP*.

### 3 O MOVIMENTO HIP HOP: HISTÓRIA E OS CINCO ELEMENTOS

“Em tempos de saberes fragmentados, é necessário explicitar o ponto de partida da análise para não incorrerem em divergências e negações prévias à reflexão pretendida” (Roberta Transpadini, 2019).

Não há como falarmos sobre o RAP sem antes abordarmos sobre o Movimento Hip Hop, pois um está intrinsecamente ligado ao outro. Neste sentido, abordaremos nesse capítulo o movimento Hip Hop, bem como as suas estratégias de atuação e seus cinco elementos para que possamos, enfim, adentrarmos no nosso tema central que é o RAP. A partir disso, iremos tratar sobre o Hip Hop enquanto movimento sócio-político-cultural e o RAP – que terá um capítulo especial para - enquanto expressão artística desse movimento.

Após ser idealizado e experienciado no Bronx, Estados Unidos da América (EUA), o Hip Hop se propaga por todo o mundo, transformando-se de acordo com as histórias culturais dos espaços em que chega. De acordo com autores, como Tepermam (2015) e Camargos (2015) que pesquisam sobre o tema e seguidores desse estilo musical, o Hip Hop chega ao Brasil na cidade de São Paulo, no final da década de 1970.

Durante o período de nascimento do Hip Hop brasileiro, o nosso país passava por um momento de redemocratização, marcado pelo fim do regime militar e pela hiperinflação. Como resultado desse processo, podemos citar o desemprego e a pauperização de grande parte da população. Momento marcado pelo fortalecimento dos movimentos sociais que exigiam mudanças constitucionais e justiça para aqueles e aquelas que foram de diversas formas (assassinatos, torturas e exílio) vítimas da Ditadura Militar. É nesse contexto, que começam a surgir às primeiras manifestações do movimento Hip Hop no país, tendo como pioneiro o break (TEODÓSIO, 2011).

Segundo Teodósio (2011), o break foi divulgado em diversos aparelhos da mídia, desde aos cliques musicais aos concursos realizados nos programas de televisão. A globalização deste estilo de dança, também foi difundido pelos filmes como o Flash Dance (1983) e principalmente pelos passos inéditos e marcantes do cantor Michael Jackson, no álbum Thriller (1982). No Brasil, o campo de principal expressão do break, foram nos bailes blacks que ainda ocorrem nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Dentre as figuras que lançaram o break no Brasil, entre meados dos anos de 1984 e 1989, temos Nelson Triunfo, considerado o primeiro b-boy brasileiro; MC Thaíde e DJ Hum, ambos considerados pioneiros do Hip Hop paulistano. Aqui, destacamos a Galeria 24 de Maio e a Estação de Metro São Bento como locais de encontro dos adeptos a esse movimento de rua. Nestes espaços, a expressão dessa cultura era bem evidente, neles havia grande diversidade de materiais (camisetas, CDs, convites para bailes, salões de cabelo, entre outros) que tratavam sobre a cultura Hip Hop. Conforme aborda Thaíde e DJ HUM em sua música “Sr. Tempo” (1996):

Me lembro muito bem do som e o passinho marcado  
 Eram mostrados por quem entende do assunto,  
 E lá estavam Nino Brown e Nelson Triunfo,  
 Juntamente com a Funk e Cia que maravilha (...)

No Centro da cidade as grandes galerias,  
 Seus cabelereiros e lojas de disco,  
 Mantêm a nossa tradição sempre viva.  
 Mudaram as músicas, mudaram as roupas,  
 Mas a juventude afro continua muito louca.  
 Falei do passado e é como se não fosse,  
 O que eu vejo a mesma determinação no Hip-Hop  
 Black Power de hoje.

No entanto, o questionamento sobre o Hip Hop ser um movimento social ou cultura gera polêmica mesmo entre seus adeptos. Existe também a confusão em relação ao RAP e o Hip Hop serem a mesma coisa. Tais divergências são abordadas na letra “RAP, hip-hop, raperr” do grupo 5º Elemento (2006):

Os conceitos hoje misturaram e embaçou  
 RAP, Hip Hop, rapper. vish complicou!  
 então me diz o que é ser rapper, qual sua concepção?  
 É moral? É Compromisso? É só rimar em vão?? JÃO  
 Será que é expressão de sentimentos pela rima  
 Ou será que é lowrider, roupa e clip com as mina?  
 RAP é só crítica, um som que te incomoda?  
 RAP é consciência, inteligência? é MODA?  
 Que droga, dizem saber o significado  
 Inclusive eu, mas quem é o certo e quem é o errado?

Na letra, o grupo aponta a discordância polêmica existente tanto entre adeptos quanto entre ouvintes. Essa discordância, também é perceptível nas letras dos cantores e grupos, pois enquanto uns trazem em suas composições o Hip Hop enquanto cultura, outros trazem o mesmo enquanto movimento chegando até mesmo a convidar seus ouvintes a entrarem no movimento. Vejamos então a letra da música “*Hip Hop*” do grupo Cidadãos Brasileiros (2017):

Dedico esse RAP a todos do movimento, seja pra quem curte ou pratiquem já é de dentro, desde os disc-jókeys, até os graffiteiros, dançarinos e rappers nossos manos do peito, a todo esse públicoque faz o espetáculo ficar mais bonito e muito mais agitado, e é como eu digo não precisa ser melhor e nem ser o bom, pois cada um de nós á tem o seu dom, e esse é o nosso, nosso grande movimento, esse é o nosso dom, esse é nosso talento, esse é o nosso dom, esse é o movimento.

Nessa musica o grupo reivindica por diversas vezes o Hip Hop enquanto movimento. Já o grupo Z’Africa Brasil, na sua música “A vida segundo os elemos do Hip Hop” (2015), ira tratar sobre o Hip Hop enquanto cultura e movimento:

Ser do movimento Hip Hop é fácil agora viver a cultura Hip Hop é difícil dizem que fazer um RAP qualquer um é capaz mais loko mesmo no RAP é o saber de quem faz.

Ou seja, ele reivindica um dos principais elementos do Hip Hop, o conhecimento. Ao dizer que qualquer um é capaz de fazer RAP, mas o “mais loko mesmo no RAP é o saber de quem faz”, o grupo está falando justamente sobre os desafios de viver essa cultura, de estudar para produzir um som e a partir disso, transformar esse conhecimento em música. Logo podemos encaixar o Hip Hop tanto como uma cultura, quanto um movimento social, pois como veremos mais adiante, a todo instante, ambas as categorias irão se cruzar no percurso da história do mesmo.

O movimento Hip Hop, surge inicialmente como uma forma de lazer e diversão para os jovens negros e periféricos. Ao mesmo tempo, o movimento trazia centralmente formas de resistência e de estratégias de sobrevivência dessa mesma população subalternizada, abrindo portas para que a juventude negra e periférica pudesse expressar o seu duro cotidiano no sistema capitalista e idealizar um mundo melhor para todas as pessoas. Assim, é também abordado por Camargos (2015, p. 26):

Embora muitos dos jovens envolvidos com Hip Hop acabassem por realizar algumas ações

de deliberado cunho sociopolítico, não se deve menosprezar a possibilidade de serem “resistências acidentais”. Ao passar em revista parte da história de rappers de campinas, em entrevista concedida à pesquisadora Rosangela Moreno, Ivo – nome fictício atribuído a um dos principais articuladores de eventos ligados ao RAP e da posse Rima & Cia., no fim dos anos 1990 – reforça algo que corrobora com o argumento aqui exposto: “unia[mos] o útil ao agradável, só que tudo era inconsciente. A consciência nossa era vamos tocar, como todo mundo que vinha para o movimento era para dançar, para grafitar e cantar. ”

Movimento e/ou cultura é inegável que suas manifestações apontam para a denúncia e resistência do povo periférico e preto. Para melhor expressar os desafios que a população negra e periférica tem de enfrentar no capitalismo, recorreremos ao site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o site, a taxa de desocupação no ano de 2018, entre negros foi de 29%, enquanto para a população branca foi de 18,8%. Ou seja, temos mais pessoas negras no desemprego do que pessoas brancas, o que afeta diretamente na sobrevivência das pessoas desse grupo social. Outro dado alarmante que o site nos mostra é o de participação de pessoas ocupadas, também em 2018, em cargos gerenciais: pessoas brancas ocupam 68,6% de pessoas que ocupam cargos gerenciais em empresas, para 29,9% de pessoas negras.

Os dados nos mostram a diferença de poder econômico entre brancos e negros e podemos perceber esta desigualdade relatada nas letras de RAP, como uma materialização das estatísticas em tom de denúncia. Os dados também nos mostram como o racismo opera de forma sistêmica na economia e causa propositalmente desigualdade racial, como vemos em Almeida (2018, p. 39): “A viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. ”

Além disso, também podemos analisar os dados acesso a saneamento básico, segundo o IBGE (2018), 12,5% da população negra moram em bairros com ausência de coleta direta ou indireta de lixo, entre pessoas brancas nessa mesma situação, a porcentagem é 6%. Dentre os que não têm acesso ao abastecimento de água potável, a população negra é representada por 17,9%, já a população branca é representada por 11,5%. Já os números de pessoas que moram em bairros com ausência de esgotamento sanitário por rede coletora ou pluvial, os dados vão nos mostrar que em 2018, 26,5% de pessoas brancas não tem acesso a esse tipo de saneamento básico, para 42,8% de pessoas negras.



Novamente podemos notar a grande disparidade de sobrevivência entre pessoas negras e brancas. O racismo estrutural que assola o povo negro, segundo o IBGE representa 55% da população brasileira.

Retornando ao debate a respeito do Hip Hop, definir uma origem para este movimento político-artístico é um desafio. Os cinco elementos utilizados como forma de expressão e intervenção na realidade material são: o DJ, MC, o grafite/pichação, break e o conhecimento. Por sua vez, cada um destes cinco elementos têm diferentes particularidades sobre as suas origens e contextos, pois todos eles “surgiram” como resultados de um conhecimento popular, de um determinado tempo, história e lugar, por isso, podem ser também entendidos como subculturas do Movimento Hip Hop. Nas palavras do grafiteiro e rapper, belo-horizontino, Monge em seu canal do Youtube “Griot Urbano”:

(...)cada elemento tem suas particularidades, tem uma cultura muito própria. Os Djs, as Djs são muito diferentes em vários aspectos dos mcs/das mcs, bem como dos grafiteiros/grafiteiras e dos dançarinos e dançarinas. Cada um tem um modo de vestir muito próprio, um modo de falar próprio e uma arte muito própria, muito diferente, porem conectados/conectadas entre si. O DJ, não é Dj sem a dança, não é a dança sem DJ. O MC a mesma coisa e o grafite também. Então! Fica essa reflexão de não pensar, também, as manifestações artísticas do Hip Hop como elementos, mas também como subculturas e respeitar as diferenças dessas subculturas.

Em outras palavras, não é possível encontrar uma origem exata para o movimento Hip Hop, além de hipóteses do conhecimento popular. Não cabe a este trabalho julgar se tais hipóteses estariam certas ou erradas. O que sabemos é que tal movimento e seus elementos, como hoje são conhecidos surgem se desenvolvem e se espalham de forma orgânica e particular na dinâmica das relações sociais aonde ele chega. No entanto, alguns compositores, como o grupo Cidadãos Brasileiros em sua musica “Hip Hop” (2017), se arriscam dizer que ele veio mesmo dos Estados Unidos States e da cultura do negro:

Hip Hop é uma onda que existe no mundo inteiro é um dom, uma arte, um grande movimento que veio dos States e da cultura do negro causando revoluções pelo seu surgimento, atingiu a humanidade como uma grande doença invadiu nosso país pelos anos de oitenta e as gangues de rua ficaram pra trás por causa do Hip Hop que nos trouxe a paz, contagiando o povo como se fosse um arrastão se espalhando e criando uma nova geração, geração Hip Hop esse é o lema essa é a grande chave desse nosso sistema, então não perca

tempo entre nesse movimento, pois não tem nenhum segredo basta você ter talento. Hip Hop! Esse é o movimento Hip Hop! Esse é nosso talento

Considerando que a sua disseminação se da inserida nessas relações sociais do Estado Capitalista; que a sua apropriação e aperfeiçoamento é feito pela classe mais pobre (classe trabalhadora), oprimida e racializada (indígenas, negros, latinos caribenhos e latinos americanos) que despossuídos de armamentos bélicos, utilizam o seu conhecimento e sua arte popular como sua principal arma de ataque contra a burguesia; e que a sua materialização expressará a revolta deste oprimido. Podemos dizer que o movimento Hip Hop, também, surge dos conflitos entres as classes sociais (burguesia x trabalhador) do sistema Capitalista e vai expressar a revolta do trabalhador oprimido, bem como denunciar os abusos e explosão provocados pela classe burguesa contra a classe trabalhadora. Além disso, conforme o capitalismo vai aperfeiçoando as suas formas de exploração e opressão, o movimento Hip Hop, de forma dialética, também irá se aperfeiçoar tanto na forma de crítica social, quanto na sua estética e expressão.

Quanto às hipóteses, Tepermam (2015, p.19) irá nos relatar uma possível historia do surgimento da expressão “Hip Hop”. Ele nos conta que:

Herc passou a contar com a colaboração de um amigo, Coke La Rock, que pegava o microfone e falava com as pessoas. La Rock pedia que não parassem de dançar, dizia os nomes dos dançarinos ou dos amigos, criava apelidos, falava bobagens ou coisas engraçadas e sem sentido, mas com sonoridade divertida. Em um desses improvisos, o DJ e MC Lovebug Starki teria criado uma espécie de refrão: Hip Hop you don't stop that makes body rock [quadril, solto, não pare, isso faz seu corpo balançar]. Associar a palavra “hip” [que pode ser traduzida por quadril, mas que também que dizer “segundo a última moda”] à palavra “hop” [pular ou dançar] era uma maneira graciosa de dizer: não pare de mexer os quadris, não pare de dançar, “essa é a ultima moda”. A expressão “hip-hop” dava o recado e soava bem.

De acordo com a hipótese do autor, o termo se fundamenta pela forma que o movimento politico-artístico se expressa, ou seja, pela musicalidade (som), oralidade (canto) e corporeidade (dança). A palavra “movimento” neste período estava atrelada ao significado de “mover o corpo” e não tinha ligação com o significado de militância. Mesmo que seus adeptos estivessem em condições de exploração, racialização e opressão, não se tinha ainda um debate politico

aprofundado, tampouco uma identidade de movimento social. Até porque a sua real função estava mais ligada ao lazer do que na transformação social na vida de seus personagens.

Ainda assim, podemos caracterizar que havia um espírito de militância entre os seus adeptos. Só o fato de serem corpos negros, com estética negra (cortes de cabelo e vestimenta) e periféricos ocupando um espaço público para movimentar o seu corpo, já era o suficiente para sofrerem com a repressão policial e ao insistirem na ideia de continuar ocupando esses espaços públicos para se divertirem, se tornaram uma resistência. Logo, será partir dessa racialização e dessa tentativa do Estado de reprimir e esconder essas pessoas da classe trabalhadora mais periférica, que não se encaixavam com a estética hegemônica do “belo” (branco, burguês e heterossexual), que nasce a consciência política do hip-hop. Dessa forma, ocupar as ruas e praças para dançar um break se tornou um ato político e de resistência quanto às imposições do Estado capitalista e racista do Brasil. Conforme é abordado por Thaíde na sua música “Hip Hop puro” (2017):

Quando eu me lembro  
 Dos tempos da são bento  
 Vamos dizer, no começo do movimento  
 Quando nem se pensava em videoclipe, a levada do RAP era bem mais simples  
 Pra chegar ao metrô, eu pegava buzo  
 O trançado no pé como eu sempre uso  
 Meus amigos de rua do meu lado, viajava no som que saia do nosso rádio box, pra quem entende do  
 assunto  
 A todo instante chamados de vagabundos  
 Muitas vezes alvos de tiração, por sentir a liberdade dançando no chão  
 Nem deu tempo, chegaram, escudo, eles, os home, querendo acabar com tudo  
 Um batalhão de soldados na nossa frente, e o miltão colocando um pano pra gente  
 Gambé olhava pro rádio e dizia: Desliga isso!  
 Então fazíamos o som na lata de lixo  
 Todo mundo desafiava o perigo  
 Dj hum chegava e ligava o toca discos  
 Tudo em nome da cultura diversão  
 Atitude liberdade informação  
 Infelizmente isso já faz tempo  
 Como eu disse, no tempo da são bento  
 Quando nem se pensava em videoclipe, a levada do RAP era bem mais simples  
 Havia pouco grafite nos muros, porém, o hip-hop era bem mais puro (...)

Nesse trecho da música percebemos como o ato de pessoas negras e periféricas se juntarem para dançarem pelas ruas, se tornou um incômodo para o Estado. Como aborda o compositor, mesmo com a opressão exercida pelo Estado, os adeptos da cultura do Hip Hop continuavam no

mesmo lugar e inventava som e passos de dança sob a mira da polícia. Considerando que esse enfrentamento com a Polícia Militar (PM) já era feito nas respectivas comunidades desses sujeitos de forma abafada pela mídia, enfrentar a autoridade da Polícia Militar (os home) nos locais centrais de São Paulo tornava-se (ainda é) um ato de luta pela sua liberdade, mesmo que essa ação ainda não era de fato considerado um ato político pelos seus adeptos. A realidade opressora e racista da nossa sociedade brasileira que forneceu as condições necessárias para ascender à chama da consciência política do movimento Hip Hop do Brasil. Como foi bem relatado por Thaíde, sobre os antigos tempos do Hip Hop no Brasil, era “B.boy sendo preso porque estava dançando e mc que foi morto no vagão do metrô”. (2017)

Assim, também nos relata Nelson Triunfo, outro pioneiro do movimento Hip Hop no Brasil, que vivenciou as várias ramificações (elementos) deste movimento como B.boy, rapper e dançarino do grupo Funk & Cia, desde a sua chegada a São Paulo. Em um depoimento colhido por Toni C., na produção do documentário Tudo nosso (2006), Triunfo retoma os aspectos que viveu na cidade de São Paulo nos anos de 1970 e início dos anos 1980. Mostra-nos, como pequenas atitudes podem, por muitas vezes, afetar o estado dominante das coisas. Além de também demonstrar o caráter racista e opressor do nosso Estado burguês. Dessa forma relata Triunfo:

Alguns manos, depois, vieram falar que, quando eu dançava em 83, 84 na Rua 24 de Maio, era para diversão, que eu não tinha ideia do que estava fazendo [...]. agora, imagina, um cara chegar no centro da cidade, tomar um bocado de porrada da polícia, ir preso e, no outro dia, tá lá, dançando de novo... Eu quero saber o que tem de divertido nisso né, cara? Certo? Eu acho que era resistência, e os caras não sabiam o que queria dizer isso, né não? Não é verdade? Era resistência...<sup>14</sup>

Neste sentido, o autor Camargos (2015, p.39) irá concordar a hipótese de que o movimento Hip Hop, para os seus adeptos da época, estava mais relacionado ao lazer do que uma resistência política, trazendo um anúncio da revista Veja de 1987, na qual noticia uma festa de “Hip Hop” que acontece na casa de shows CAIS<sup>15</sup>. Quanto a este anúncio, bem como ao o termo “hip-hop” o autor diz:

14 Depoimento de Nelson Triunfo, extraído do DVD *Tudo Nosso: Hip Hop fazendo história* (dir. Toni C., Brasil, s/d).

15 CAIS, Praça Roosevelt, 134S, tel. 2589465. De quinta a sábado, a partir das 23h. Anda bem agitada a sua casa inaugurada pelo fotógrafo Kikito, que reúne a RAPaziada paulistana do pano preto à gravatinha borboleta colorida. Som para dançar a noite inteira, ao ritmo do melhor do *Hip Hop* [...], punk-rocks e rockabilly. Entrada: Cz \$ 130,00 por pessoa. <Cf. Veja, n. 970, abr. 1987, p.51.>.

Temos aí um indício da amplitude que práticas culturais inicialmente estranhas a um público mais amplo começaram a adquirir – Hip Hop, na época dessa publicidade, já era utilizado como atrativo em casa noturnas. Estava atrelado à cadeia produtiva do entretenimento, “merecendo” até investimentos de grandes empresas.

Enquanto Teperman (2015) explica o início da expressão Hip Hop no contexto norte americano, Camargos (2015) nos exemplifica o início da expressão no contexto brasileiro. Por sua vez, Triunfo e Thaíde nos trazem o próprio relato empírico do que passam no período de chegada do Hip Hop no Brasil. Em ambas as colocações, notamos que a expressão estava relacionada à festa e dança, mas que ao ser pensada e executada, em sua maioria, pelas pessoas negras da classe trabalhadora, se tornou um símbolo de resistência político-artístico.

Retomando ao debate da veracidade das hipóteses de origem do termo, Camargos (2015, p.39) irá dizer que:

É difícil tirar grandes conclusões dessas fontes, por não revelarem exatamente o que o uso do termo Hip Hop designa nos referidos eventos, mas ao menos sugerem negociações e apropriações em torno de tal prática, ainda que ela seja apresentada de modo genérico. Contudo, o contato com esses objetos culturais, ao menos para alguns sujeitos não instituía apenas uma relação de consumo e entretenimento passivo. Incorporado ao cotidiano das pessoas, o Hip Hop era trabalhado pelo uso criativo e processado por assimilações como material fruído dentro de um modo de vida em transformação (...).

Ou seja, mesmo que estivessem muito ligados ao lazer, muitos dos seus adeptos da época, já começavam a apropriá-lo de forma mais combativa. Corroborando com esta análise, Teperman (2015, p.21) nos leva um pouco mais além, no que se refere ao significado etimológico da expressão Hip Hop. Ele nos conta que:

Vimos como o hip-hop está ligado etimologicamente ao movimento dos quadris, ou seja, à dança, à festa. Se hoje a expressão remete a um movimento cultural no geral bastante politizado, isso foi uma construção posterior. RAP costuma designar apenas a música, enquanto hip-hop se tornou o termo mais geral, que engloba também dança, moda, grafite, estilo de vida e atuação política – muitas das vezes se fala em “movimento hip-hop”. Em todo caso, o ponto que interessa destacar é que as dimensões festivas e críticas do RAP e do hip-hop não são tão facilmente separáveis, e não é à toa que essa aparente contradição gera frequentemente debates acalorados.

Como podemos notar, ainda que estivesse muito ligado ao lazer, a sua apropriação pela classe trabalhadora, mais especificamente a parcela negra dessa classe, bem como, as opressões exercitadas pelo Estado burguês contra o povo trabalhador, irá tornar o movimento social-político-artístico do Hip Hop em uma importante ferramenta de enfrentamento da população negra e periférica contra o capitalismo e contra o racismo. Como bem colocado pelo autor Teperman (2015) é um equívoco igualar a expressão RAP à expressão hip-hop, pois mesmo estando fortemente ligados um ao outro, carregam significados diferentes. Neste sentido, trataremos nesse trabalho o movimento Hip Hop enquanto movimento político-artístico-social e o RAP enquanto uma vertente musical originada e aperfeiçoada por este movimento.

O que configura o movimento Hip Hop enquanto movimento social? Para isso precisamos definir o que é um movimento social e como desenvolveram ao longo da história. Para Gohn (2011) são formas de atuação coletiva de caráter sócio-político e cultural que tem como horizonte a organização da sociedade pela luta por direitos ou de enfrentamento da ordem social posta. Nesse sentido, vão atuar através da denúncia, da pressão direta por meio de manifestações, concentrações, marchas ou eventos político-culturais. Nessa perspectiva podemos considerar o, o Hip Hop que por meio da música, dança arte visual e eventos culturais, vai denunciar a forma como o pobre e o negro são tratados no nosso país. Além disso, também irão desempenhar um papel didático com a população, realizando diagnósticos sobre a realidade social e informando por meio dos seus eventos e redes sociais, como as redes da internet, sobre as violências que essa população passa. Igualmente, informar sobre os direitos que essa população tem e também construir de forma coletiva propostas de superação para as questões de segurança pública, saneamento básico, moradia, desigualdade, saúde e estruturas opressivas, como o racismo e o machismo.

Os movimentos sociais vão desempenhar por meio de suas ações, o sentimento de pertencimento para aqueles sujeitos que estão excluídos – no que se refere à questão de direitos - pelo Estado e assim mobilizá-los para a luta. Como resultado, através da organização sócio-política e da solidariedade de classe, vão fortalecer os seus integrantes e resolver alguns problemas emergenciais de determinadas localidades, como a fome nos bairros periféricos.

Por exemplo, na campanha nacional de solidariedade organizada pelo Movimento de Luta nos Bairros (MLB), os militantes desse movimento utilizaram redes sociais, brigadas de solicitação de alimentos em supermercados e manifestação contra a fome dentro de grandes supermercados como o Carrefour, para solicitar os alimentos e distribuir sextas básicas em vários bairros pobres que se encontravam assolados pela fome e pelos efeitos causados pela atual pandemia do

Coronavírus. Vale destacar que tal ação não é fundamentada pelo assistencialismo, e sim pelo viés de fortalecimento da população pobre para que tenham forças para lutar contra o capitalismo e contra o atual governo fascista do presidente Jair Bolsonaro. Segundo Gohn (2011, p. 336):

Definições já clássicas sobre os movimentos sociais citam como suas características básicas o seguinte: possuem identidade, tem opositor e articulam ou fundamentam-se em um projeto de vida e de sociedade. Historicamente, observa-se que têm contribuído para organizar e conscientizar a sociedade; apresentam conjuntos de demandas via práticas de pressão/mobilização; têm certa continuidade e permanência. Não são só reativos, movidos apenas pelas necessidades (fome ou qualquer forma de opressão); podem surgir e desenvolver-se também a partir de uma reflexão sobre sua própria experiência. Na atualidade, apresentam um ideário civilizatório que coloca como horizonte a construção de uma sociedade democrática. Hoje em dia, suas ações são pela sustentabilidade, e não apenas autodesenvolvimento. Lutam contra a exclusão, por novas culturas políticas de inclusão. Lutam pelo reconhecimento da diversidade cultural.

Ainda que o movimento Hip Hop não tenha uma composição hierárquica tradicional dos movimentos sociais clássicos como: diretório municipal, diretório estadual, diretório nacional. A sua atuação não acontece de forma espontânea, ou seja, geralmente os duelos de MC's ocorrem a partir de uma organização que é formada por integrantes seguidores do movimento Hip Hop. Por de trás da maioria das intervenções feitas pelo movimento existe uma organização coletiva de seguidores responsáveis com a cultura do movimento Hip Hop. Estes são articulados por uma associação formal ou informal, guiados por um princípio em comum, por realização de reuniões, eventos e atividades coordenadas coletivas. Essas organizações coletivas que organizam por meio do Hip Hop atividades como: batalhas, oficinas de grafite, oficinas de DJ, palestras e até atos de manifestação, são chamadas de posse. A partir da análise de Hedbige (1987), os autores Marcon e Filho (2013) relatam que:

Este modelo de organização surgiu nos subúrbios nova-iorquinos, nos anos 1970, segundo Hedbige (1987), como modo de atuação estruturado e coletivo, congregando jovens de um dado bairro ou espaço territorial da cidade, a partir de diferentes formas de expressão estética do hip-hop, que miravam resultados produtivos positivos junto ao seu local de convívio e residência. De lá para cá, apesar dos diferentes contextos nacionais e regionais em que se desenvolveram tais expressões, a noção de posse se tornou uma referência fundamental do sentido coletivo e político do estilo.

A posse é a representação da conexão entre a atuação estética e a organização política de grupos de artistas e ativistas do movimento. Dessa forma, vai ser através dela que o movimento irá também atuar de forma organizada dentro de partidos políticos ou em conjunto a movimentos sociais. Levando as suas demandas coletivas, para estes outros espaços com a finalidade de obter mais força para a sua atuação. Segundo Marcon e Filho (2013, p. 151).

Tais envolvimento são justificados pelos envolvidos pela ideia de politização de outros adolescentes e jovens por meio de atividades denominadas de encontros, cursos ou oficinas de música, de dança, de grafite e de cidadania, geralmente realizadas nas escolas e nos bairros empobrecidos. Os próprios dançarinos, DJs, grafiteiros e rappers se tornam instrutores multiplicadores das técnicas artísticas do hip-hop, bem como expressam suas mensagens e formas de percepção da vida cotidiana. Por meio de atividades lúdico-pedagógicas, eles próprios se veem como protagonistas das ações que definem como estratégias de melhorias de vida para si mesmos e para suas comunidades. Sendo assim, a posse é entendida como uma forma de organização coletiva que parece dar coerência e articulação aos modos de pensar, de agir e de ser desses jovens. Seja o hip-hop entendido como “cultura” ou como “movimento”, em ambos os casos a ideia remete a uma ampla forma de expressão artística e de comunicação compartilhada por eles em um universo social bem mais amplo que o seu próprio local de convívio (nos bairros), assim como remete a ideia de uma atuação social compartilhada e justificada como uma atuação consciente.

Neste sentido, a posse, por meio de atuação pedagógica e social, será também um formador de sujeitos sociais e de multiplicadores sociais. Formando de forma coletiva, modelos ideais de comportamento que vão se opuser ao modelo de comportamento inconsciente e criminoso. Como é o caso da posse Aliados Pelo Verso (ALPV) que segundo o Mano Sinho, um dos integrantes da organização entrevistado por Marcon e Filho (2013) em 2011, a regra para participar das ações realizadas pela posse é não utilizar nenhuma substância entorpecente, lícito ou ilícito. Essa regra tem por finalidade, mostrar alternativa para os jovens da periferia de Sergipe, uma alternativa que se opõe ao tráfico e a ações inconscientes. Ainda nesta entrevista, Mano Sinho (2011) irá ressaltar que a ideia de ouvir RAP, fazer grafite ou break de forma descomprometida é ser o oposto de uma participação consciente, é não ter o compromisso com a mudança de atitude com sua própria realidade ou com a realidade da sua comunidade.

Neste sentido, os jovens que compõem as posses vão exercer um papel pedagógico por meio do Hip Hop. Dessa forma, o elementos do movimento - DJ, MC, Break, Grafite e o Conhecimento – serão os instrumentos que o movimento irá utilizar para pleitear direitos, atingir os seus objetivos, pensar políticas públicas e intervir nas relações sociais. Estes vão se aproximar de forma estratégica



de escolas, de organizações não governamentais (ONG), de movimentos sociais e partidos políticos, não apenas em busca de fortalecer e angariar recursos para suas ações, mas também para que elas tenham reconhecimento e legitimidade pública. Em outras palavras:

O desenvolvimento do hip-hop está intimamente associado à criação estética e performática dos jovens da periferia, também relacionada às suas histórias de vida, dos seus familiares e de seus amigos. Estas vivências, mesmo distintas, aparecem expostas no universo da cultura de rua por meio das pinturas nas paredes da cidade, das narrativas e das sonoridades do RAP, das plasticidades das danças de rua, assim como, em alguns casos, elas surgem por meio da reivindicação e da mobilização organizadas. Quando este tipo de atuação ocorre, a posse é, muitas vezes, o meio pelo qual se articula uma ação político-cultural mais sistemática, com objetivos definidos, buscando demonstrar que a mobilização que esses jovens das periferias empreendem é uma força que pretendem ser transformadora para as comunidades em que vivem. Tais formas de atuação e os discursos sobre o seu teor político são valorizados pelas duas posses que estudamos. (Marcon; Filho, 2013, p.517)

Tal colaboração teórica, nos ajuda a categorizar o movimento Hip Hop como um movimento sócio-político-cultural, pois suas ações estão ligadas no campo da cultura, no campo social e no campo político. No campo cultural o movimento vai exercer o papel de fortalecer e difundir a cultura produzida e consumida pelo povo negro e da periferia. No campo sócio-político, vai exercer o papel de denúncia e diagnóstico da realidade social, bem como, o papel pedagógico de análise social e formas de resistência e sobrevivência em uma sociedade marcada pela luta de classes, pelo racismo, pela violência de gênero e pela lgbtqifobia. Parafraseando Gohn (2011, p. 337):

Há neles uma ressignificação dos ideais clássicos de igualdade, fraternidade e liberdade. A igualdade é ressignificada com a tematização da justiça social; a fraternidade se retraduz em solidariedade; a liberdade associa-se ao princípio da autonomia – da constituição do sujeito, não individual, mas autonomia de inserção na sociedade, de inclusão social, de autodeterminação com soberania.

Finalmente, os movimentos sociais (de esquerda) de bairros e nacionais vão desenvolver forma de fortalecimento das comunidades, com a finalidade de prepara-las para a luta contra hegemônica do Estado. No caso do Movimento Hip Hop, seu foco está para além de simplesmente a produção de arte para consumo e fortalecimento da indústria cultural. Trata-se da organização de um povo marcado pelas estruturas opressivas dessa sociedade que por meio da sua cultura e arte,

vão construir essa forte arma contra os seus opressores. Essa arma do movimento Hip Hop, utiliza como munição de ataque os seus cinco elementos de atuação e resistência.

### 3.1 OS CINCO ELEMENTOS: MC'S E OS DJS

Diante dos apontamentos da origem da cultura do *Hip Hop*, vamos agora abordar sobre os elementos artísticos que compõem o conjunto dessa cultura, para que possamos chegar à sua origem no Brasil. Sendo assim, dentro dessa cultura do *Hip Hop* temos cinco elementos que juntos vão formar o Movimento *Hip Hop*. São eles: o Mestre de Cerimônia (MC), Disc-jóquei (DJ), o *RAP*, o *Break* e o Grafite. Segundo Santos (2013, p.23):

Tal somatória caracteriza a cultura *Hip Hop*, portanto nos EUA tudo estava acontecendo, mas ninguém tinha atribuído ainda o nome de “movimento *Hip Hop*” a todos esses fatores culturais que estavam surgindo nas ruas de Nova Iorque. É então posteriormente que o DJ “África Bambaataa” vai oficialmente “batizar” essa cena cultural, intitulando-a de “Movimento *Hip Hop*”, que é praticamente uma onomatopeia com a intenção de querer dizer “mexa os quadris”.

Como já abordado no texto, o MC e o DJ surgem nos bailes (figura 2) promovidos pelas juventudes negras dos Estados Unidos e também conhecidos no Brasil como bailes charmes, que geralmente aconteciam em locais públicos como ruas e praças, mas também aconteciam em casas de shows negras. Tendo em vista as políticas de segregação da época, esses jovens não brancos que não eram aceitos em todos os espaços, promoviam essas festas para poder se divertir e afirmarem as suas existências.

Figura 2: Baile Charme de Campo Grande – RJ



Fonte: <http://euamocampograndej.blogspot.com/2011/07/baile-e-patinacao-no-clube-campo-grande.html>

Esses bailes iniciados na década de 1970, aqui no Brasil serão chamados de Baile Charme ou Baile Black. Os DJ's eram responsáveis pelos efeitos sonoros chamados *beat*, que eram produzidos pela aparelhagem eletrônica composta por dois toca-discos e um microfone. Em alguns casos, também é realizado o *beat box*, que é a técnica de produzir sons e batidas com a boca. Durante a tocada desses sons, os MC's são responsáveis pelo canto, eles eram os autores e cantores das letras de *RAP*, que através da voz desses sujeitos era relatado o cotidiano da vida na periferia.

### 3.2 O GRAFITE

Partindo para o outro elemento dessa cultura das ruas, temos o grafite (figura 3 e 4) que são fortemente presentes nos muros das grandes capitais do mundo. Ele vem há anos dando sentido

artístico e reflexivo aos muros urbanos, colorindo as cidades e reafirmando a existência das pessoas negras e latinas nas cidades.

Figura 3: Grafite do artista Davi Melo Santos (DMS) no edifício Príncipe de Gales, na Rua Tupinambás, 179 - Belo Horizonte (MG).



Fonte: Acervo do autor

Figura 4: Grafite feito pelo coletivo Minas de Minas Crew na Estação Central de Metrô da cidade de Belo Horizonte.



Fonte: Acervo do Autor

Na virada para o século XXI, a chegada do movimento *Hip Hop* no Brasil trouxe também o elemento *grafite*. Este vai ocupar os espaços públicos da cidade, trazendo como protagonistas de sua arte o povo negro e sua cultura. De início, o grafite, assim como a pichação, serão vistos como vandalismo, depredação e ilegalidade, justamente por serem, na maioria das vezes, expressões artísticas que denunciam as estruturas opressivas da nossa sociedade, muitos deles vinculados às perspectivas revolucionárias. Com o grafite e o picho, as cidades têm os seus muros tomados por diversas ideologias e projetos de sociedade, como o socialismo, anarquismo, comunismo etc. Ambos se constituem como um potente modo de comunicação e educação popular.

Com o passar dos anos e devido à resistência dos artistas em continuar a enfrentar a ordem burguesa e a criminalização, o grafite, por ser uma expressão mais ligada às artes plásticas e suas mensagens serem mais subjetivas, ganha destaque e até investimento para se desenvolver. Ele vai sendo aceito como uma arte mais “bonita” e “harmônica”, diferente do picho, que por estar ligado diretamente com a escrita e sem deixar muitas brechas para interpretações subjetivas, expressando

objetivamente a mensagem desejada, segue criminalizado. Como é o caso da obra “Deus é mãe” feita pelos artistas mineiros Poter, Lmb, Bani Tek e Zoto, que é parte do projeto CURA (@cura.art) na cidade de Belo Horizonte-MG, que processada justamente pela estética do picho que é apresentada na arte .

Vale aqui um destaque para este projeto. O CURA é o maior festival de arte pública de Minas Gerais. A partir dele, em 2017, foi criado o único mirante de arte urbana do mundo. Da Rua Sapucaí, que fica no centro da cidade, é possível ver todas as obras feitas no hipercentro.

Durante muito tempo e até hoje, o grafite e a pichação foram confundidos e marginalizados como vandalismo, justamente por utilizarem como suporte da sua arte os muros da cidade. Ambos interferem no espaço, subvertem valores, são espontâneos, gratuitos e efêmeros. No entanto, eles se diferenciam na sua forma de expressão. O grafite se expressa através das artes plásticas e a pichação se expressa pela escrita. Em outras palavras, o grafite privilegia a imagem, já a pichação privilegia a palavra e/ou letra (SALES, 2007).

O grafite, assim como as outras artes do muralismo, além de colorir e dar contornos aos muros da cidade, irá cumprir também um papel pedagógico de contar a história local, nacional ou internacional através dos desenhos. Ao trazer, nas maiorias das vezes, pessoas negras, indígenas e/ou figuras revolucionárias da nossa história, como protagonistas de sua arte, o grafiteiro ou grafiteira tornam-se verdadeiros professores da rua. Sendo essas ruas, um lugar frequentado por todos aqueles e aquelas que nelas se movimentam em busca de sua sobrevivência.

O MC Thaíde também manda essa “real” sobre o grafite e sua função social, em poucas palavras o músico explica sobre o importante papel dos grafiteiros em colorir essa “embaçada” realidade que é viver na cidade:

Zona leste, oeste, região central, sul  
Agitam os sprays  
Grafiteiros que são reis  
Na arte de colorir essa cidade embaçada

No Brasil, temos como marco da expressão da pichação enquanto ferramenta de manifestação social, o ocorrido durante a Bienal de Artes Plásticas do ano de 2008, onde um grupo de pichadores ocupa o espaço e realizam uma intervenção de protesto. Eles escreveram nas curvas arquitetônicas de Oscar Niemeyer palavras de protesto exigindo a legitimação da sua arte, conforme

ilustrado na figura 7. É necessário aqui pontuar que ambas as expressões são artes urbanas diferentes e são tratadas como vandalismo, porque expõem nos muros das cidades as contradições da sociedade e também por se originarem da periferia.

Figura 5: Pichação na Bienal de Artes Plásticas de 2008



Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pichadora-da-bienal-e-condenada-a-4-anos-dedetencao>

Os grafites destacam em suas pinturas, a estética e cultura do povo negro, diferente das artes clássicas europeias em que as pessoas negras são apresentadas de forma estigmatizada, conforme mostra a figura . No caso das artes clássicas europeias, ou as pessoas negras são apresentadas como pano de fundo, ou são apresentadas como escravos, conforme mostra na figura 6. Já nos grafites, o negro é o próprio protagonista da sua arte, e não apenas um mero figurante, conforme mostra a figura 7.

Figura 6: Punições Públicas



Fonte: <https://www.infoescola.com/historia/escravidao-no-brasil/>



Figura 7: grafite



Fonte: <http://funwebtest.epfl.ch/site2005/Smayemba/images/multiple-rappers.gif>

O processo de grafitar se elucida como a persistência e afirmação da cultura afrodiáspórica, que após anos de tentativas de exclusão e marginalização, se impõe nas ruas para modificar o seu passado, transformando-o num presente mais colorido e próspero. Parafraseando Santos (2013, p. 28):

Nesse processo de exclusão, como alternativa de protesto o Movimento *Hip Hop* através dos militantes engajados tornou-se uma ferramenta essencial de reivindicação e protesto, sendo uma voz popular representativa, uma espécie de tribuna popular contemporânea, mesmo que eventualmente tenha que se impor especialmente, afinal de contas é um saber urbano contemporâneo e criativo.

Sendo assim, o grafite assim como o *RAP*, vem para marcar e recontar a história daqueles que foram silenciados, que para serem ouvidos precisam gritar, se expor e se impor, para essa sociedade marcada pelo racismo e pela luta de classes.

### 3.3 O BREAK

Esse estilo de dança se apropriou das cidades de tal forma que extrapolaram os limites das periferias. Os dançarinos de rua, chamados e chamadas também de *break boys* (b-boys) e *break girls* (b-girls) conquistaram o seu espaços nos locais populares das cidades, ocupando centros culturais, espaços artísticos, áreas de lazer e locais centrais de trânsito urbano (SANTOS 2013).

Podemos notar nos passos do *break* (figura 8), expressões corporais desafiadoras e autênticas. Nesta dança, não existe regras para mexer o seu corpo, existem alguns passinhos já formados. No entanto, na sua essência o objetivo principal é deixar o seu corpo mexer conforme o ritmo do *beat*.

Figura 8: Evento “Filhos de Boombox”, realizado no Completo Turístico da Ilha de Sant’Ana em Caicó.



Fonte: <https://collecion.com.br/evento-de-break-dance-promete-sacudir-a-ilha-de-santana-em-caico/>

O MC Thaíde e DJ Hum, destacam figuras pioneiras do *break* no Brasil em sua musica “Sr Tempo”, como Nelson Triunfo que conforme apontado nesse trabalho, muito resistiu contra a opressão da Polícia Militar de São Paulo que tentava impedir o B.boy de exercer a sua arte.

Me lembro muito bem do som e o passinho marcado  
Eram mostrados por quem entende do assunto  
E lá estavam Nino Brown e Nelson Triunfo  
Juntamente com a funkcia que maravilha

Dessa forma, os jovens exploram os centros urbanos à sua maneira, parafraseando Santos (2013): “entrelaçando sua forma autêntica de expressão corporal com a sensação de estranhamento que ele sente na sua relação com a cidade e na sua relação com seu próprio corpo” (SANTOS, 2013, p. 28). Tal cultura tem muita relação com os povos que foram sequestrados pela diáspora africana<sup>16</sup>, que além de se expressavam principalmente pela oralidade e corporal idade, conforme mostra a figura 9.

Figura 9: Dança Kudrow em Angola



Fonte: <https://escolaeducacao.com.br/dancas-africanas/kuduro-angola/>

### 3.4 O QUINTO ELEMENTO

Abordaremos agora sobre um dos elementos essenciais para o Movimento Hip Hop: O conhecimento. De acordo com Tepermam (2015, p.27), ao criar a Zulu Nation – primeira organização comunitária do Hip Hop – África Bambaataa intencionava enfrentar a violência entre as gangues promovendo batalhas por meio dos chamados “quatro elementos”: DJ, MC, break e grafite. Ao notar que essas expressões artísticas traziam muitos conteúdos da realidade dos

---

<sup>16</sup>Diáspora africana é termo utilizado para falar sobre o tráfico transatlântico de pessoas negras no período da escravidão. Explicaremos melhor esse contexto no capítulo 3 deste trabalho.

integrantes dessas competições, Bambaataa percebeu que o Movimento Hip Hop tinha algo a ser transmitido e absorvido, pois ele fazia com que essas pessoas das periferias compreendessem a sua realidade e universo pelo qual faziam parte, levando essa realidade em forma de mensagem para até os ouvidos de alguns dos seus algozes.

Foi então, que o músico passou a defender o chamado “quinto elemento”. O conhecimento é o elemento do Hip Hop que lhe dá a sua autenticidade e que o faz ser uma eficiente ferramenta de transformação social, conforme cita Tepermam (2015, p.27): “A ideia é um contraponto à redução do RAP a um produto de mercado, reforçando sua potencialidade como instrumento de transformação”.

Ao produzir movimentos de break, letras de RAP ou frases e desenhos de grafite e pichação, os e as autores e autoras dessas obras precisaram apreender sobre os elementos que estão postos em suas realidades. Ou seja, precisaram pesquisar compreender e expressar sobre os seus sentimentos e sobre a sua existência, em outras palavras, precisaram buscar o conhecimento para depois passá-lo para adiante.

Tudo isso torna o RAP em uma expressão musical que está além de lançar hits e álbuns. Especialmente “o quinto elemento” é o que faz o RAP ser também uma escola para muitos e muitas dos seus seguidores, pois ele traz e passa aprendizados históricos e contemporâneos, mais especificamente do povo negro e pobre.

De acordo com Tepermam (2015, p.29), nos anos de 1980, uma variedade de rappers começou a produzir letras que alimentavam o que África Bambaataa chamava de “quinto elemento”, como a música “*The message*” estreia em disco do veterano Grandmaster Flash, nela o músico aborda sobre as condições precárias da vida em um bairro pobre na periferia de uma cidade norte-americana.

#### 4 NO RITMO DA POESIA: “O RAP É COMPROMISSO, NÃO É VIAGEM”

Dando início ao nosso debate, que foi titulado com o título da música do Sabotage, com a finalidade de mostrar que debateremos neste capítulo sobre o compromisso do RAP. Neste sentido, *RAP* começa a ser semeado entre os anos de 1920 e 1930, na Jamaica. Nesse período, a Jamaica estava passando pelo processo de industrialização que proporcionou o crescimento de classe operária, em conjunto com o aumento do número de desempregados nos grandes centros urbanos do país. Neste processo de industrialização e pauperização da população, Teodósio (2011, p.16) nos relata que:

Diante desse novo contexto, muitos jovens migraram do interior do país, com o objetivo de conquistar outras oportunidades de trabalho na capital, que propusessem mudanças em suas condições de vida. No entanto, esses jovens não possuíam especializações ou conhecimentos para a ocupação dos cargos ofertados. Dessa forma, fruto da falta de oportunidades, muitos deles encontraram na rua um meio para suprir as frustrações, por não serem aceitos no primeiro emprego.

Deixados de lado pelo mercado de trabalho e sem condições de sobrevivência, a rua foi o espaço em que esses jovens que na época eram chamados de *rudy boys* viveram experiências de miséria e violência. Esses jovens eram distinguidos dos outros pelas suas aparências que geralmente tinham *dreadlocks* (longas tranças realizadas em cabelos crespos), roupas largas e faziam uso de uma linguagem mais agressiva e rodeada de gírias (TEODÓSIO, 2011).

Devido ao cenário de crises políticas e crises econômicas do capitalismo ocorridas no mundo entre meados de 1970 e a guerra entre os Estados Unidos e Vietnã, muitos desses jovens jamaicanos se locomoveram para os Estados Unidos, mais especificamente para os bairros pobres das cidades de Nova York e Los Angeles. Nesses bairros, esses jovens jamaicanos se somaram aos latinos americanos e aos descendentes dos escravizados africanos, trazendo consigo o *toasting*, um estilo musical parecido com o reggae (muito comum nas festas de *Sound System*). De acordo com Santos (2013):

Na Jamaica esse estilo era disseminado unindo pessoas em locais públicos com carros equipados com um som potente; as letras consistiam em pequenas rimas improvisadas (free

style), com certo teor político. Nesta época, a insatisfação dos imigrantes e do povo marginalizado era traduzida em manifestações como a de pegar aparelhos de som e colocá-los em frente de suas casas, nos quais gritavam ao microfone palavras de ordem pautadas principalmente nas ideias de Malcom X, Martin Luther King, Panteras Negras, e ao som de bases contínuas de discos como os de James Brown. (SANTOS, 2013, p. 30)

Dentre esses jovens, de acordo com Teodósio (2013), estava o Kool Herc (figura 10), Dj jamaicano que foi morar na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Ele trazia em sua bagagem, essas técnicas musicais que já eram desenvolvidas no seu país de origem. Ao chegar à cidade de Nova York, Kool Herc foi morar no bairro do Bronx, que era majoritariamente formado por jovens negros e latinos que também viviam em situação de pauperismo. Parafraseando Lindolfo Filho (2007):

É o movimento Hip Hop, uma cultura inventada por jovens afro-americanos a partir de influência afro-jamaicana, reinventada nas periferias das grandes metrópoles do planeta e que tem não só garantido aos jovens dessas áreas o resgate de autoestima, a sensação é de pertencimento, por seu teor contestatório, como também tem preenchido lacunas deixadas pela educação formal (FILHO, 2007, p.128).

Figura 10: Kool Herc



Fonte: <http://bboylegends.com/the-legend-of-dj-kool-herc/>

Nesse período, ainda segundo Teodósio (2013), a conjuntura dos Estados Unidos era permeada pela desconstrução dos programas sociais conquistados durante as lutas políticas do pós Segunda Guerra Mundial, pelo alto crescimento do desemprego e subemprego, e pelo acirramento da segregação socioespacial e racial que era proveniente dos investimentos públicos e privados em locais de interesse das elites que conseqüentemente levou a um abandono por parte do Estado com as áreas ocupadas pelos pobres e negros. Esse momento teve como resposta fenomenal, a intensificação das lutas por direitos civis, que pautavam mudanças nas leis segregacionistas e exigiam o reconhecimento da cidadania e direitos sociais da população negra.

Vale salientar, que dentre esses movimentos de luta da população negra, Teodósio (2013) nos ressalta a importância dos movimentos Panteras Negras e Black Power, que segundo a autora:

[...] possuía como objetivo a criação de um Estado negro que fosse capaz de alterar a relação de forças, até então favorável apenas aos brancos; o movimento Black Power, com relevante papel para a disseminação de uma visão político com base em referências africana negras que inauguraram o *slogan* “Negro é lindo”, exaltando posturas e atitudes que pudesse levar a novos patamares e modelos de cidadania. (TEODÓSIO, 2013, p.17)

Tendo em vista a esse movimento histórico, temos outros colaboradores para a idealização do movimento *Hip Hop*, como o DJ Grand Master Flash (figura 11), que elaborou a técnica conhecida como *scratch*. Esta técnica consiste em girar o disco com a mão para frente e para trás, em velocidade acelerada, gerando um atrito entre a agulha dos tocadores de disco da época e a face do disco, criando assim, um som semelhante ao de disco arranhado.



Figura 11: Grandmaster Flash



Fonte: <http://lumdimsum.com/tag/grand-master-flash/>

Além desse músico, temos também como pioneiro contribuinte para a cultura do Hip Hop, DJ estadunidense África Bambaata (figura 12), conhecido como criador do coletivo Zulu Nation que reforçou a questão política no movimento Hip Hop. Esses DJ's apresentavam nos bailes que aconteciam nas casas de show da época, os dançarinos que recebiam microfones para que improvisassem, além de passos de dança, versos durante a execução das músicas. É nesse momento que nasciam o estilo musical do RAP e os músicos nomeados como Mestres de Cerimônias (MC's) (TEODÓSIO, 2013).

Figura 12: África Bambaat



Fonte: <http://namiradogroove.com.br/showsfestivais/urban-music-festival-traz-afrika-bambaataa-john-legend-cee-logreen-e-quem-sabe-primal-scream>

Como vimos neste trabalho, o RAP vai ter uma função pedagógica de contar a história e relatar/denunciar a realidade. Para isso, ele vai se utilizar um dialeto próprio, uma forma de linguagem que tem suas origens nas periferias. Através dessa linguagem será construída a identificação de seus seguidores e também vai ser um valor simbólico de resistência. Não muito diferente do que aconteceu no passado, por onde o negro passou ele modificou e criou cultura. A linguagem de resistência também foi usada nos tempos da escravidão, quando várias pessoas trazidas de diferentes lugares da África, trouxeram consigo vários hábitos e diferentes formas de linguagem. No entanto, diante da dominação do modelo escravocrata da época, eles precisavam de uma forma de comunicação que os unissem. Clovis Moura (1994, p. 239) nos explica sobre como a junção forçada de várias etnias africanas afetou na linguagem desses:

Isto levou a que eles procurassem criar uma língua geral capaz de fazê-los serem entendidos mutuamente. Essa estratégia do escravo africano permitiu a elaboração no

processo do trabalho (empiricamente) de um código de linguagem abrangente e capaz de fazer com que os membros dos grupos étnicos que falavam línguas diferentes passassem a se entender na condição de escravos.

Esse código de linguagem próprio dos escravizados vai dar margem para que eles possam se articular contra o sistema e também possam exercer a sua cultura e religião. Neste sentido, Moura (1994) vai se apropriar do conceito de Yeda Pessoa de Castro, na qual a etnolinguista vai conceituar esse código de linguagem dos escravizados como *dialeto das senzalas*. Essa mesma autora, também irá falar sobre a existência de outros dialetos como *dialeto rural*, *dialeto da minas* e *dialetos urbanos*. Todos são formas de comunicação criados pela classe trabalhadora para a garantia da sua existência e articulação entre os seus iguais.

Sabida a importância substantiva da comunicação linguística para a interação entre grupos sociais, nada mais natural do que se ver nessa estratégia do escravo um mecanismo de defesa importantíssimo para este conseguir, especialmente nas senzalas, um código de linguagem abrangente capaz de transmitir, a todos, suas estruturas básicas de pensamento e a sua mundividência ideológica. Podemos dizer, mesmo, que tal medida se constituiu em um ato político, na acepção mais ampla e abrangente do termo. Foi a partir da comunicação, transcendendo as limitações criadas pela multiplicidade de línguas, que os africanos começaram a unir-se ante a “desgraça comum”, na expressão do Conde dos Arcos. (MOURA, 1994, p. 240)

Tal forma de resistência do povo negro escravizado pode servir de referência para entendermos as formas de resistências linguísticas dos negros na modernidade. O *RAP* por sua vez, vai ser uma dessas formas de resistência e vai também utilizar um dialeto próprio, o dialeto da periferia em outras palavras a gírias. Vai ser a partir dessa forma de falar e de produzir música que serão cantadas as letras do *RAP*.

A expressão *RAP* surge da expressão *rhythm and poetry*, que significa “ritmo e poesia”. O ritmo tocado é produzido pela base musical, enquanto a melodia é dada pelo *rapper* que também é chamado de MC. De acordo com Santos (2013), nas criações e produções das letras de *RAP*, estão presentes três aspectos fundamentais: 1) Produção artística (caráter estético), 2) Conduta social (caráter ideológico) e 3) Produção do espaço (aspecto geográfico). Esses aspectos fazem com que esse estilo musical, seja produzido com letras, que vêm repletas de elementos das expressões da

questão social e racial experiências pelos cantores e seguidores do estilo e carregam consigo a linguagem da periferia que são caracterizadas pelas gírias e expressões locais.

Nesse tipo de música, a mensagem é pessoal, nele muitos MC's se recusam a cantar letras de outros grupos, mesmo que estes já estejam em evidência na indústria fonográfica. Consequentemente, para compor uma música de *RAP*, é essencial a compreensão da realidade social em que o MC está inserido. (TEODÓSIO, 2011)

Sendo assim, *RAP* vai exercer um papel social de retomar as memórias que até então foram violentamente apagadas pelos burgueses, brancos, colonizadores, capitalistas e racistas. Dessa forma, essas populações que foram silenciadas pelas classes dominantes, recontam a sua história e realidade sob a sua perspectiva e do seu modo de falar. Neste sentido, podemos deduzir que o *RAP* é um estilo musical que relata a realidade vivida pelos sujeitos periféricos de um determinado espaço pelo qual ele é produzido. Ou seja, ele é a narrativa/leitura da realidade social sob o olhar do favelado e não no olhar dos burgueses. Conforme aborda a literatura:

[...] o *RAP* é uma elaboração e reflexão da experiência urbana, desigual e opressora, que ganha força nos países com grande “presença negra e afrodescendente”. Desse modo, não se pode ignorar o caráter indenitário do movimento, visto que, ao ser retratado como música de origem negra, o *RAP* se transforma também em um veículo de “construção de identidade”, o que proporciona a formação de novos conceitos contra a violência e a discriminação praticadas desde a escravidão e que ainda permanecem, mesmo depois da abolição, cuja proposta é romper com o conformismo e com o sentido de cordialidade que habitam o imaginário da sociedade brasileira. (TEODÓSIO, 2011, p. 22)

Além disso, outra cultura que está diretamente relacionada ao *RAP* é a Literatura Marginal, que se destaca com os seus versos de realidade social. Esse estilo literário é produzido por jovens e adultos que vivenciam as diversas violações de direitos provocadas pelo Estado e burguesia. Nos versos marginais, seus autores têm liberdade para expressar sua identidade ou a busca por essa identidade, suas vivências e subjetividades, de classe, raça e gênero.

Dentre os autores brasileiros, temos importantes nomes como Sérgio Vaz, um dos pioneiros da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), essa cooperativa realiza saraus em um boteco na zona sul da cidade de São Paulo; Ferrez que se destaca como liderança do “movimento cultural da sul”. Tal movimento é fruto da união entre os moradores da zona sul da cidade de São Paulo, ele que expressa o sentimento de coletividade do trabalhador brasileiro para lidar com os desafios postos pelo cotidiano do capitalismo. Além desses, também iremos dar o devido destaque ao

Ademiro Alves, popularmente conhecido como Sacolinha, este jovem escritor foi o criador do projeto “Literatura Marginal”, cuja finalidade é de difundir textos de escritores das periferias e incentivar a literatura (TEODÓSIO, 2011).

Nesse contexto, temos como resultado os fanzines, que são produções feitas em um papel A4. Para essas produções, não há limites para expressar a sua imaginação, os textos se misturam a imagens e símbolos (figura 13 e 14). Nesse campo de rimas, a subjetividade e criatividade ganham materialidade nas palavras e desenhos dos seus produtores que geralmente sobrevivem da venda e/ou escambo desse autêntico trabalho, pelas ruas dos centros urbanos.

Figura 13: Frente do fanzine do escritor e artista Diego Quadros

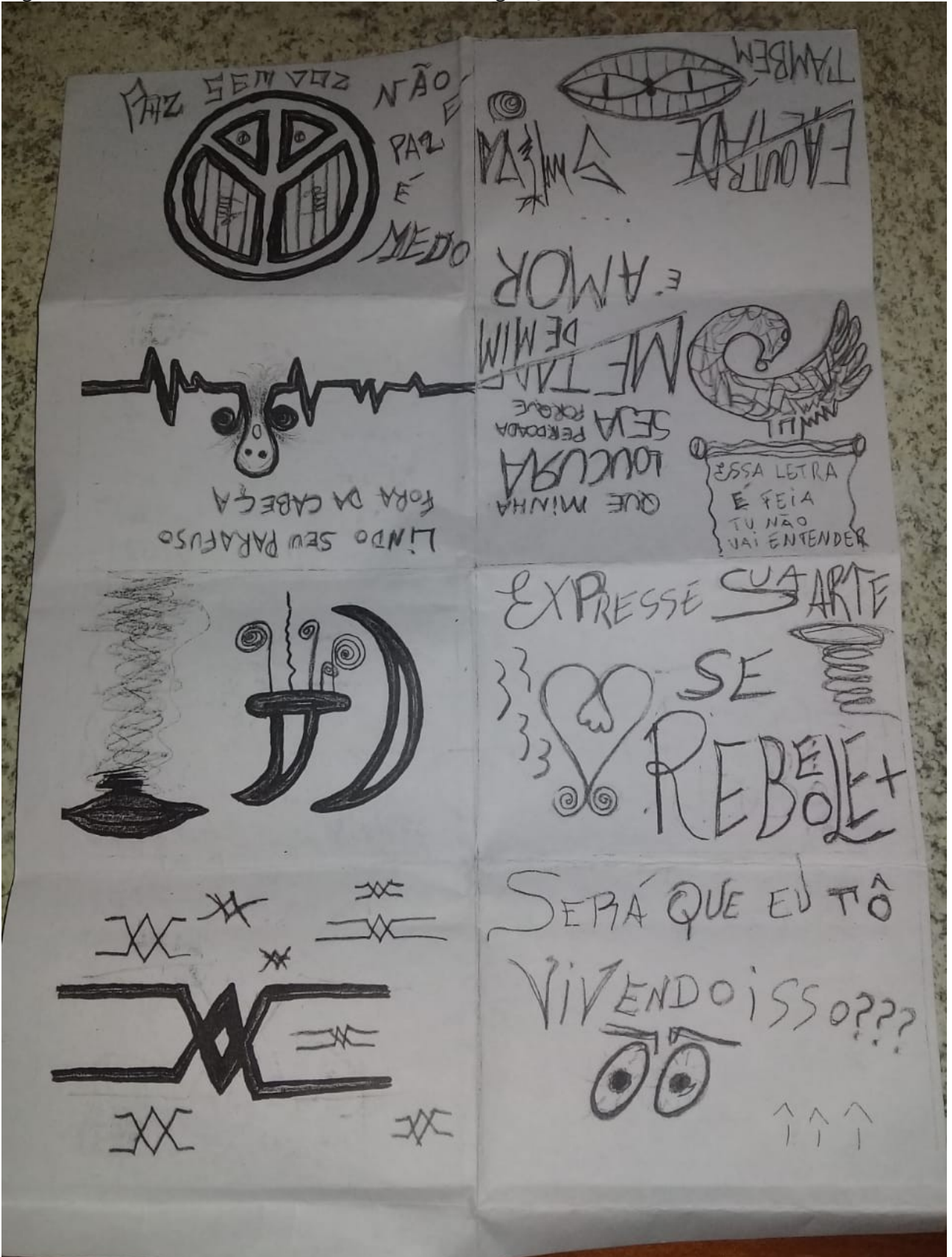
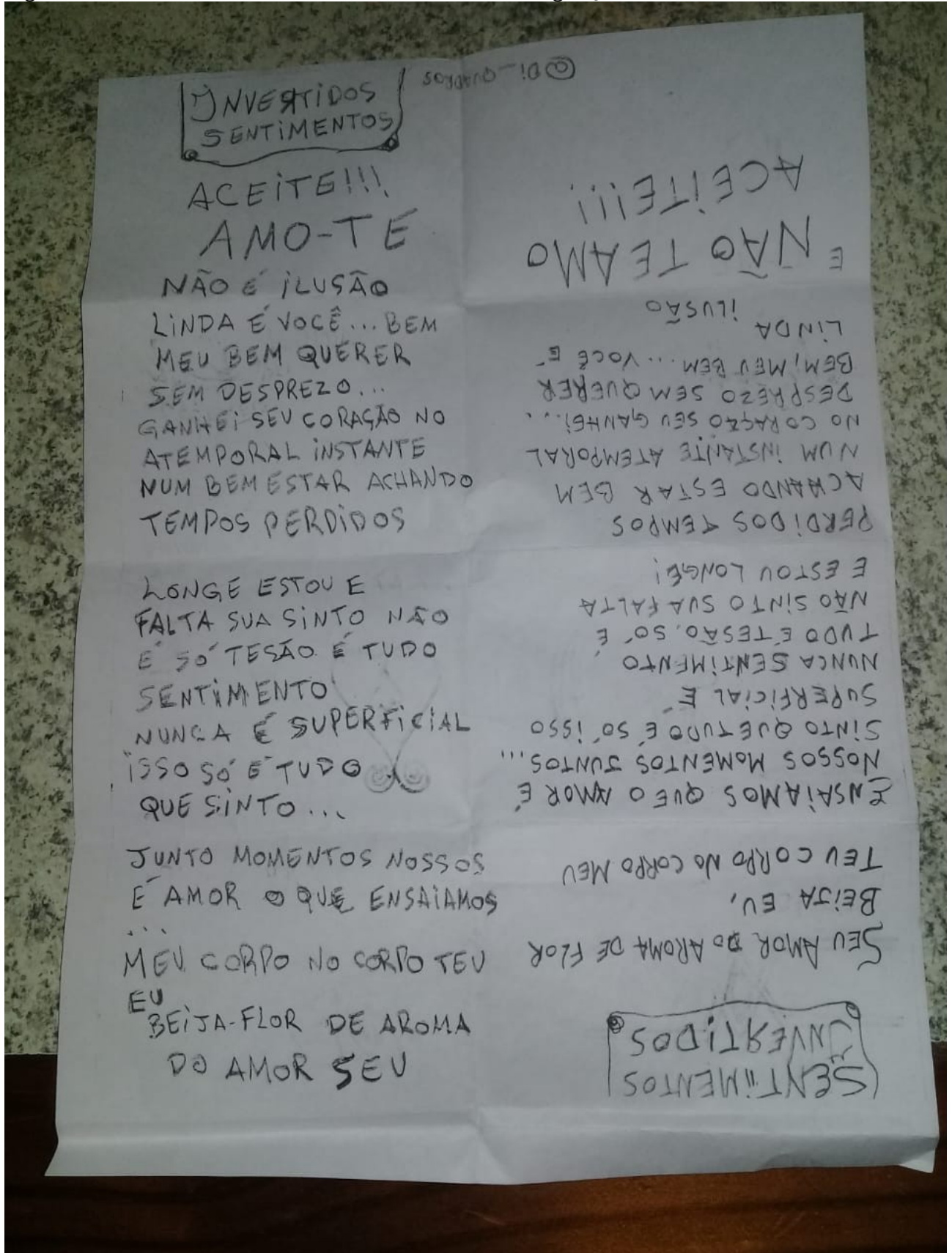


Figura 14: Parte de trás do fanzine do escritor e artista Diego Quadros



Como podemos notar, o *RAP* abriu portas para a criatividade de muitos desses jovens negros e periféricos. Na maioria das produções, estão presentes poesias que tratam sobre questões das contradições do capitalismo brasileiro, como o desemprego, o racismo, a pobreza, as falhas do poder público, os perigos de morte, a vida nas penitenciárias, os problemas familiares, a riqueza e ostentação dos *playboys* e a criminalidade. Nessas composições, podemos perceber o sentido de protesto e confronto, em um tom intencionalmente agressivo, imponente e na maioria dos casos, sem espaço para negociação de classes. Essas características tornam o *RAP* em um estilo musical revolucionário, com grande potencialidade de intervenção social.

De acordo com Teperman (2015), os estudos realizados com o *RAP* no âmbito acadêmico vêm aumentando desde os anos 2000. Neste sentido, o autor sugere que esse aumento nos estudos tem relação ao aumento do consumo e visibilidade desse gênero musical. Ainda segundo o autor, esse tipo de musicalidade em uma vertente revolucionária ao negar a conciliação de classe e expor a desigualdade social e racial do país desmascara o mito da democracia entre as classes e raças brasileiras.

No entanto, o crescimento e execução de políticas públicas e direitos sociais, proporcionou à classe trabalhadora brasileira uma maior participação no consumo e conseqüentemente maior acesso à informação e tecnologia. Esse cenário deu para o *RAP* comercial uma característica mais radical do que revolucionária. Nesse sentido, o conceito “radical” trabalhado por Teperman (2015) tem como base os estudos de Antônio Candido, segundo o qual: “o radical é, sobretudo um revoltado, e embora seu pensamento possa avançar até posições realmente transformadoras, pode também recuar para posições conservadoras” (2004, p. 194).

Contudo, ainda existem muitos grupos e autores que trabalham com o *RAP* na sua vertente revolucionária, não que devemos desconsiderar a importância do *RAP* radical, porém, ele deixa lacunas para uma real crítica do capitalismo. Sendo assim, esse tipo de vertente radical, vai propor a inserção do negro e periférico no capitalismo ao invés de propor o seu fim.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O RAP ENQUANTO FERRAMENTA DE LUTA DA POPULAÇÃO NEGRA E PERIFÉRICA

Após a contextualização que realizamos neste trabalho, podemos concluir que o RAP vai ser uma das ferramentas de luta utilizada pelo movimento Hip Hop. Através dele serão realizadas denúncias do cotidiano difícil que a classe trabalhadora do nosso país leva, bem como uma estratégia de comunicar as várias realidades dessa classe no Brasil, com a finalidade de expor tais contextos e de articular uma unidade para lutar contra a opressão racista e burguesa.

As letras irão trabalhar com a temática de gênero, retratando os desafios que a mulheres, especialmente as mulheres negras enfrentam no cotidiano da periferia. Como a dificuldade de encontrar emprego que obriga muitas mulheres a recorrerem à prostituição e ainda assim, enfrentar também o preconceito dessa profissão que é resultado da objetificação do corpo das mulheres e da falta de oportunidades de emprego. Conforme aborda Nega Gizza na sua música *Prostituta* (2000): Após a contextualização que realizamos neste trabalho, podemos concluir que o RAP vai ser uma das ferramentas de luta utilizada pelo movimento Hip Hop. Através dele serão realizadas denúncias do cotidiano difícil que a classe trabalhadora do nosso país leva, bem como uma estratégia de comunicar as várias realidades dessa classe no Brasil, com a finalidade de expor tais contextos e de articular uma unidade para lutar contra a opressão racista e burguesa.

As letras irão trabalhar com a temática de gênero, retratando os desafios que a mulheres, especialmente as mulheres negras enfrentam no cotidiano da periferia. Como a dificuldade de encontrar emprego que obriga muitas mulheres a recorrerem à prostituição e ainda assim, enfrentar também o preconceito dessa profissão que é resultado da objetificação do corpo das mulheres e da falta de oportunidades de emprego. Conforme aborda Nega Gizza na sua música *Prostituta* (2000):

Ontem vi um anúncio no jornal  
vi na tv no out door e em digital  
pediam mulheres com corpo escultural  
pra dar prazer a homens, mulheres e até casal  
mas na real o que eu quero é ser artista  
dar autógrafos, entrevista ser capa de revista  
quero ser vista bem bonita na televisão  
rolê de carro e não mais de camburão, não  
tô deprimida nesse ambiente de desgraça  
traficantes, parasitas, viciados psicopatas  
um baseado pra afastar essa fadiga  
dessa noite sedentária de orgia e mal dormida

não choro mais, sei que me perdi  
 tô consciente , o meu destino eu escolhi  
 das pragas sociais sou a pior  
 cocorococó eu sou o efeito dominó  
 o lenocínio ofusca, induz, coage , atraí  
 o marinheiro aventureiro sorrateiro desembarca e cai  
 sou de quem me vir primeiro  
 sou a ausência do amor com a presença do dinheiro

refrão.

Sou puta sim vou vivendo meu jeito  
 prostituta atacante vou driblando o preconceito

os crentes dizem que vendo a alma pro capeta  
 sei muito bem que não sou mais mulher direita  
 não sei se é certo, mas faço parte do bordel  
 um redevú, que mais parece à torre de babel  
 sinto os sintomas da fadiga no meu corpo  
 mais sedativos aliviam as consequências desse aborto  
 a perversão deixa profundas cicatrizes  
 em desespero já tentei vários suicídios  
 quem me vê aqui, sorri assim tão inocente  
 não percebe a malícia da serpente  
 dou mais um dois e alivio essa tensão, ou não?  
 Na madrugada toda puta é a imagem do cão, ou não?  
 Sem carteira vou guiando, sentido contra mão  
 artigo cinco nove lei da contravenção  
 vou despertando a libido de um velho ou de um menino  
 considerada aqui na zona a rainha do erotismo  
 santo Agostinho é meu santo protetor  
 contradição é minha marca na reza e na dor  
 sou o retrato três por quatro desse povo brasileiro  
 sou a ausência do amor com a presença do dinheiro

refrão.

Sou puta sim vou vivendo meu jeito  
 prostituta atacante vou driblando o preconceito

ser meretriz triste e feliz, codinome vagabunda  
 entre o mal e o bem vou deixar de ser imunda  
 você acha que é falta de moral. Promiscuidade excessiva  
 seja puta dois minutos e sobreviva  
 tenho sonho, amor e vaidade  
 um téco ajuda suportar a enfermidade  
 as famílias me odeiam por causa da luxúria  
 mas só vendo a minha carne, e meu carinho alguém procura  
 entre logo, feche a porta meu cliente  
 tire a roupa lave o sexo, tome a pasta escove o dente  
 não pense no pecado, tenha decisão  
 sou seu vídeo game, ligue aqui nesse botão  
 goze logo o tempo é curto o preço é justo  
 outros homens me esperam vá sem susto  
 a polícia é apenas nosso risco  
 a justiça é apenas nosso cisco  
 a necessidade me leva a sobrevivência  
 a miséria me leva a indecência  
 as duas à loucura, intenso devaneio  
 sou a ausência do amor com a presença do dinheiro

refrão.

Sou puta sim vou vivendo meu jeito  
prostituta atacante vou driblando o preconceito

sou prostituta na boca do povo conhecida como puta  
obrigada a conhecer as posições do kama sutra  
se meu filho chora sou eu, a mãe que escuta  
meu deus desculpa, não tenho culpa só fui à luta  
não sei se tenho o valor que mereço  
mas pra deitar comigo tem um preço  
pela minha mãe pelo meu filho tenho muito apreço  
foi num prostíbulo que achei meu endereço  
não me orgulho, mas me assumo, menos mal  
quem roda bolsa ou faz programa, pra mim é tudo igual  
das cinzas as cinzas, do pó ao pó  
sem dó, os meganhas chegam o tempo fica bem pior  
vem dí menor, vem comigo no xilindró  
estar em casa com meu filho agora seria bem melhor  
não estou só, tenho deus comigo  
mas corro o risco de deitar com o inimigo  
bate o sino, meu filho deve tá dormindo  
enquanto eu inicio a vida sexual de um menino  
aos dezesseis só curtidão, pensava em nada  
hoje aos 23 neurose a mil só transo angustiada  
aos 33 quem sabe velha e arrependida  
aos 43 só no esqueleto recordo a vida  
minha puta vida  
reflete o desespero  
sou a ausência do amor com a presença do dinheiro

refrão.

Sou puta sim vou vivendo meu jeito  
prostituta atacante vou driblando o preconceito.

Vale ressaltar, assim como é relatado na letra, que a prostituição, é uma forma de ofício que a sua função é manter o poder econômico e de dominação dos homens sob as mulheres e para as mulheres a função desse ofício é exclusivamente as colocarem submissas aos prazeres masculinos. Logo a sua existência de ver substituída por melhores condições de vida para as mulheres, em outras palavras, não vai ser com o preconceito e julgamento moral que iremos acabar com essa forma de dominação e sim com luta por mais direitos e oportunidades para as mulheres.

Ao abordar esses temas, identifica-se a importância em usar da linguagem como uma das ferramentas para a luta contra o racismo, machismo e demais opressões estruturais do Sistema Capitalista. O povo negro e periférico irá conseguir quebrar os muros existentes entre a periferia e bairros ricos, entre o povo indígenas e não indígena e entre a cidade e o campo. A realidade do negro, do indígena, do favelado (branco, negro ou indígena) vai ser difundida em todo o país e para

além das fronteiras oceânicas. Realidade essa que é muito bem apontada na letra da música *Favela Vive 4* (2020):

PRA COMEÇAR COM TODO O AMOR DO MUNDO  
*Hoje eu acordei no puro ódio (e aê? E aê?).*  
*Muita fé pros cria, pá, e aí, visão (visão)*  
*São vários no crime, eram pra estar no pódio (favela Cria)*  
*Gatilha, várias mãe aqui ficou sem filho*  
*Tentando sair do mais baixo andar do poço (yeah, yeah)*  
*Pra nós deram 600 reais de auxílio*  
*Bala na cabeça ou joelho no pescoço (ei, yeah)*  
*Quantos aqui recorre a isso?*  
*Portando Glockada, boca de fumo é serviço (yeah, yeah)*  
*Sem pedir esmola que eu nunca vi lucro nisso (lucro nisso)*  
*Nós pede comida e eles querem jogar míssil (eles querem jogar míssil)*  
*Quatorze anos, preta é a cor da sua pele*  
*Some da sua casa, aparece no IML*  
*Nesse momento, eu ouço uma voz me dizendo*  
*Foi fulano, foi beltrano, mas podia ser Guilherme*  
*Pro favelado sobra isso*  
*E pela família é que se ignora o vírus*  
*Sem o privilégio do safado que dá o papo no polícia*  
*Que ele é macho na favela e bosta no Alphaville*  
*Você me pergunta de onde vem tanta raiva*  
*É do descaso da patroa com o filho da empregada*  
*Tratamento diferenciado e liberado*  
*Aí o preço pago é vinte mil na vida favelada*  
*Os que comemora a morte, esses cara é sinistro*  
*Chora se o bonde abateu o helicóptero*  
*Burguês safado que nunca se misturou*  
*Nasce rico e acha que alguém inveja sua cor (yeah, yeah, yeah)*  
*Nove jovens mortos num baile em Paraisópolis*  
*Pobre não tem nem direito de ser feliz*  
*Tu não é um cara igual meu mano Rogério Soares*  
*Tu nem reconhece mais as próprias cicatriz*  
*Mas nós palmeia tudo daqui*  
*Acende o balão, pé no chão, bem plantado aqui*  
*São tantas covardia que eu nem me surpreendi*  
*Se pra nossas doenças sempre disseram: E daí?*  
*E quando acabar essa canetada*  
*A bala vai comer, alguém aqui vai sorrir, alguém aqui vai chorar*  
*E gritar: Favela Vive*  
*Ou: Eu não consigo respirar (LORD,2020)*

Esse é o país em que vivemos, que ajudamos a construir e nossas escolhas podem fazer toda a diferença na realidade e nos rumos da nossa história. O RAP nos faz encarar a realidade do nosso

país, nos faz chegar na conclusão que estamos em uma guerra secular. Precisamos estar atentos do nosso papel nessa guerra, precisamos ouvir esse grito que estão ecoando dos becos e vielas do nosso país. O passado colonial e o presente capitalista estão intrinsicamente ligados tanto na opressão quanto também na resistência dos oprimidos. Nesta guerra, a populações indígenas e negras são as que mais vêm morrendo. Assim nos atenta Djonga na musica *Favela Vive 3* (2018):

*Mas no meu lugar se ponha e suponha que  
No século 21, a cada 23 minutos morre um jovem negro  
E você é negro que nem eu, pretin, ó  
Não ficaria preocupado?*

Por exemplo, exatamente neste momento, 07 de maio de 2021, em que escrevo esse trabalho trancado no quarto por causa da pandemia. Acontece no Rio de Janeiro, uma das maiores chacinas da história do nosso país. Em uma operação ilegal, comandada pelo governador Claudio Castro, pelo menos 25 pessoas foram mortas segundo o jornal A Verdade (2021):

Supostamente para combater o tráfico de drogas, centenas de agentes da Coordenadoria de Recursos Especiais (CORE), do Departamento Geral de Polícia Especializada (DGPE), e do Departamento Geral de Polícia da Capital (DGPC), se utilizando helicópteros e tanques blindados (caveirões), invadiram a favela do Jacarezinho, na Zona Norte, e assassinaram ao menos 24 pessoas, entre elas crianças e adolescentes. Vários moradores ficaram feridos. Segundo o Instituto Fogo Cruzado, 29 pessoas foram baleadas ao longo de sete horas de operação, e até passageiros do metrô foram atingidos por balas de fuzis.

Isso é um absurdo, é genocídio! É essa a realidade que nós jovens negros da periferia vivemos no dia a dia, sob a mira da polícia o tempo inteiro. Muitos acadêmicos se aprofundam muito sobre o tema da violência policial e periferia, mas poucos estão realmente presentes na luta quando precisamos de soldados do nosso lado para essa guerra. É essa a realidade que nós jovens negros e periféricos passamos que nos faz escrever trabalhos como este, que soam mais como um grito político, para além de um trabalho de conclusão de curso (TCC). Espero que você depois de ler este desabafo em forma de pesquisa, se inspire em se movimentar e a entrar nessa guerra do lado do povo, pois nós estamos morrendo. Queira ou não, concordando ou não, a guerra da burguesia e classe média contra o pobre, o negro, os indígenas já está posta, ela é um fato. No nosso país, a paz

não vai existir enquanto não aceitarmos que estamos em uma guerra secular e é fundamental entrarmos para o combate, assim como muitos fizeram na história. Não devemos recuar pelo medo, pois não temos tempo para sentir medo.

Enquanto assistentes sociais, essas várias realidades serão expressas cotidianamente em nossos campos de atuação. Logo, é necessário recorrermos às várias formas que os nossos principais usuários expressam a sua realidade, se unir em suas lutas, apoiar suas formas de organização e usa-las como meios de atuação profissional. O RAP é uma forte ferramenta para compreendermos as necessidades e demandas da classe trabalhadora, bem como uma forma de pensar coletivamente soluções para os desafios enfrentados por essa classe. Contudo, enfatizo minha concordância com Marx e Lenin que somente a destruição do sistema capitalista e a implantação do sistema socialista que superaremos a desigualdade, fome e exploração da classe trabalhadora.

## REFERÊNCIAS

5º ELEMENTO. RAP, HIP HOP, rapper. Joinville. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=GsyNTvxq6Ak&ab\\_channel=5%C2%BAElemento](https://www.youtube.com/watch?v=GsyNTvxq6Ak&ab_channel=5%C2%BAElemento)

A CHIBATA no convés. Disponível em:

<http://www.projetomemoria.art.br/JoaoCandido/biografia4.html>. Acesso em: 13 maio 2021.

ADL; Choice; Djonga; Menor do Chapa & Negra Li. Favela Vive 3. São Paulo, 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=avbOUVHr0QI&ab\\_channel=Al%C3%A9mdaLoucuraADL](https://www.youtube.com/watch?v=avbOUVHr0QI&ab_channel=Al%C3%A9mdaLoucuraADL)

ADL; Mc Cabelinho; Kmila CDD; Orochi; Cesar MC; Edi Rock. Favela Vive 4. São Paulo, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=SZ1H5IIOIuU&ab\\_channel=Al%C3%A9mdaLoucuraADL](https://www.youtube.com/watch?v=SZ1H5IIOIuU&ab_channel=Al%C3%A9mdaLoucuraADL)

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ARAÚJO, Ana Claudia. **Pesquisadora resgata história dos Clubes Negros em Santa Catarina. Catarinas**. Florianópolis, p. 1-1. jul. 2017. Disponível em:

<https://catarinas.info/pesquisadora-resgata-historia-dos-clubes-negros-em-santa-catarina/>. Acesso em: 23 abr. 2021.

BARBOSA, Natasha Paes; FRANÇA, Rafael Rodrigues de. **VIOLÊNCIA CONTRA JUVENTUDE NEGRA NO ESTADO DO PARÁ: o extermínio da juventude no bairro da terra firme**. 2018. 107 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

BRITO R de. S. **Diferentes, desiguais e conectados: subjetivações e violência**. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Programa De Pós-Graduação Em Sociologia E Antropologia Área De Concentração – Antropologia. Belém. 2014. Disponível em <[http://www.academia.edu/32428017/PDF\\_TESE\\_FINAL\\_VERS%C3%83O\\_CAPA\\_DURA.pdf](http://www.academia.edu/32428017/PDF_TESE_FINAL_VERS%C3%83O_CAPA_DURA.pdf)>. Acesso em 10 de Março de 2018.

CAMARGOS, Roberto. **RAP e Política: percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Copyright, 2010. 84 p.

CIDADÃOS BRASILEIROS. **Hop Hop. 2017**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=frajL2sNFDo&ab\\_channel=Cidad%C3%A3osBrasileirosfeatTonyBlack%26MCRato-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=frajL2sNFDo&ab_channel=Cidad%C3%A3osBrasileirosfeatTonyBlack%26MCRato-Topic)

DANÇA KUDURO EM ANGOLA. Disponível em: Dança Kuduro em Angola. Acesso em: 13 maio 2021.

ÉTUDO nosso. Produção de Toni C. São Paulo: Toni C., 2006. Color.

EU amo campo grande. 2011. Disponível em:

<http://euamocampogrande.rj.blogspot.com/2011/07/baile-e-patinacao-no-clube-campo-grande.html>.

Acesso em: 13 maio 2021.

F. Engels, A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. In MARX, Karl; ENGELS, Friederich, **Werke**, Bd. 21, S.165), 1884.

FACÇÃO CENTRAL. **Eu sei que os porcos querem o meu caixão**. São Paulo, 1999. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xp6NqJjoMpY&ab\\_channel=Fac%C3%A7%C3%A3oCentral-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=xp6NqJjoMpY&ab_channel=Fac%C3%A7%C3%A3oCentral-Topic)

FACÇÃO CENTRAL. **Isso aqui é uma guerra**. São Paulo, 1999. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=bNW4CzLg3rc&ab\\_channel=RAPBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=bNW4CzLg3rc&ab_channel=RAPBrasil)

FÉLIX, R.C.s.. **Damas de Ébano nos Clubes Sociais Negros**: trancinhas e batom. Comunicações, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 39-53, 30 jun. 2014. Instituto Educacional Piracicabano da Igreja Metodista. <http://dx.doi.org/10.15600/2238-121x/comunicacoes.v21n1p39-53>.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: No limiar de uma nova era. São Paulo: Globo, 1995. 623 p. 2 v. (Volume 2)

FOLHA DE SÃO PAULO. **Veja falas preconceituosas de Bolsonaro e o que diz a lei sobre injúria e racismo**. . São Paulo, p. 1-1. jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml>. Acesso em: 23 abr. 2020.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 16, n. 47, p. 333-512, ago. 2011. Anal.

GOOGLE Notícias: **Estatísticas do Coronavírus**. Estatísticas do Coronavírus. 2021. Disponível em: [https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F01\\_jz&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419](https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F01_jz&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419). Acesso em: 23 abr. 2021.

GRIOT URBANO. **Música: #5 - Elementos do Hip Hop. Belo Horizonte**: Monge, 2015. P&B. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VSHXBEdnXbk&t=178s&ab\\_channel=GriotUrbano](https://www.youtube.com/watch?v=VSHXBEdnXbk&t=178s&ab_channel=GriotUrbano). Acesso em: 18 mar. 2021.

HINKEL, Jaison; MAHEIRIE, Kátia. RAP – RIMAS AFETIVAS DA PERIFERIA: REFLEXÕES NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA. **Psicologia e Sociedade**: Edição Especial, Florianópolis, v. 2, n. 19, p.90-99, jan. 2007. Anual.

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10091/0>. Acesso em: 08 abr. 2021.

JACINTO, Ramatis. **O branqueamento do trabalho**. 1ª ed. São Paulo: Nefertiti Editora Ltda, 2008. 185p.

JACINTO, Ramatis. **Transição e Exclusão**: O negro no mercado de trabalho em São Paulo pós-abolição - 1912/1920. 1ª ed. São Paulo: Nefertiti Editora Ltda, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960



KAÊ GUAJAJARA. **Acalanto**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=WQzYdGkvo0g&ab\\_channel=Ka%C3%AGuajajara-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=WQzYdGkvo0g&ab_channel=Ka%C3%AGuajajara-Topic)

KAÊ GUAJAJARA. **Essa rua é minha**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=0IYNk1vcYJU&ab\\_channel=Ka%C3%AGuajajara-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=0IYNk1vcYJU&ab_channel=Ka%C3%AGuajajara-Topic)

KAÊ GUAJAJARA. **Mãos Vermelhas**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=P9aAhuJLnt0&ab\\_channel=SofarLatinAmerica](https://www.youtube.com/watch?v=P9aAhuJLnt0&ab_channel=SofarLatinAmerica)

KAÊ GUAJAJARA. **Pandemia**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=3NmY2F61GY8&ab\\_channel=AZURUHU](https://www.youtube.com/watch?v=3NmY2F61GY8&ab_channel=AZURUHU)

KAÊ GUAJAJARA. **Território ancestral**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=szzDJahvUS8&ab\\_channel=SAKKARA](https://www.youtube.com/watch?v=szzDJahvUS8&ab_channel=SAKKARA)

KATÚ MIRIM. **Aguyjevete**. São Paulo, 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=M4czt2327vA&ab\\_channel=KatuMirim](https://www.youtube.com/watch?v=M4czt2327vA&ab_channel=KatuMirim)

[https://www.youtube.com/watch?v=M4czt2327vA&ab\\_channel=KatuMirim](https://www.youtube.com/watch?v=M4czt2327vA&ab_channel=KatuMirim)

KATÚ MIRIM. **Nativa**. São Paulo, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zp7gWrDWehg&ab\\_channel=KatuMirim-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=zp7gWrDWehg&ab_channel=KatuMirim-Topic)

[https://www.youtube.com/watch?v=zp7gWrDWehg&ab\\_channel=KatuMirim-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=zp7gWrDWehg&ab_channel=KatuMirim-Topic)

LÉNINE, Vladimir Ilitch. **Estado e Revolução**: a doutrina do marxismo sobre o estado e as tarefas do proletariado na revolução. Petrogrado: Jizn I Znánie, 1917.

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MARCON, Frank; SOUZA FILHO, Florival de. Estilo de vida e atuação política de jovens do hip-hop em Sergipe. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 509-544, ago. 2013..

MARIGHELLA, Carlos. **Chamento ao povo brasileiro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019

MC THÁIDE; DJ HUM. **Sr tempo**. São Paulo, 1996. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=Ibfm0yE5O\\_8&ab\\_channel=DjHum](https://www.youtube.com/watch?v=Ibfm0yE5O_8&ab_channel=DjHum)

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. 2ed. Ed: Anita Garibaldi, São Paulo. 1994.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. Ed: Ática, São Paulo. 1989.

MV BILL. **Traficando Informação**. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=JRa3gQwq0Vs&ab\\_channel=MVBill](https://www.youtube.com/watch?v=JRa3gQwq0Vs&ab_channel=MVBill)

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NEGA GIZZA. **Prostituta**. São Paulo, 2000. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=uoVO9H971wU&list=PL-Zo2SS9r4OHjCCI2nR6PWbj9V0zjZut&ab\\_channel=realmixtapes](https://www.youtube.com/watch?v=uoVO9H971wU&list=PL-Zo2SS9r4OHjCCI2nR6PWbj9V0zjZut&ab_channel=realmixtapes)

[https://www.youtube.com/watch?v=uoVO9H971wU&list=PL-Zo2SS9r4OHjCCI2nR6PWbj9V0zjZut&ab\\_channel=realmixtapes](https://www.youtube.com/watch?v=uoVO9H971wU&list=PL-Zo2SS9r4OHjCCI2nR6PWbj9V0zjZut&ab_channel=realmixtapes)

NEGO MAX. **Eu não sou racista**. São Paulo, 2020. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=v2DCHWp2XyA&ab\\_channel=EricksonMax](https://www.youtube.com/watch?v=v2DCHWp2XyA&ab_channel=EricksonMax)

PEREIRA, Bergman de Paula. **De escravas a empregadas domésticas** - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós- abolição. Disponível em:

<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUH-Bergman.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoANPUH-Bergman.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2019.

PEREIRA, Potyara A. P. **Política Social: Temas & Questões**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RACIONAIS MC'S. **A Vida é Desafio**. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PQin7NsK7SM>

RACIONAIS MC'S. **Nego Drama**. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1DybpDjuxBY>

SALES, Ana Celia Garcia de. **Pichadores e grafiteiros: manifestações artísticas e políticas de preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade de Campinas-SP**. 2007. 84f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

SANTOS, Luiz Henrique dos. **AS LETRAS DE RAP DO MOVIMENTO HIP-HOP COMO DESDOBRAMENTO DO PROCESSO DE SEGREGAÇÃO SÓCIOESPACIAL: ANTIGAMENTE QUILOMBOS, HOJE PERIFERIA..** 2013. 68 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

SOLEDADE, Alisson Cruz. RECEPÇÃO E CONFLITO: o videoclipe **isso aqui é uma guerra** do facção central e a diversidade de classificações. In: **III ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, MEMÓRIA, ORALIDADE E CULTURA**, 3., 2016, Uece. Anais [...] . Fortaleza: Uece, 2016. p. 1-13.

TEODÓSIO, Marcela Dias. **O RAP E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES**. 2011. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011

TEPERMAM, Ricardo. **Se Liga no som: as transformações do RAP no brasil**. São Paulo: Claroenigma, 2015.

TEPERMAN, Ricardo Indig. O RAP radical e a “nova classe média”. **Psicologia Usp**, [s.l.], v. 26, n. 1, p.37-42, abr. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564d20140010>.

THAÍDE. **Hip Hop Puro**. São Paulo. 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=DL-hvyEoDa0&ab\\_channel=ThaideOficial](https://www.youtube.com/watch?v=DL-hvyEoDa0&ab_channel=ThaideOficial).

THAÍDE. **Profissão MC**. São Paulo. 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Fsmiqyq4PEM&ab\\_channel=Tha%C3%ADde-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=Fsmiqyq4PEM&ab_channel=Tha%C3%ADde-Topic).

TRASPADINI, Roberta Sperandio. América Latina no século XX: revoluções, muralismos, imperialismo e dependência. *Revista Katálysis*, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 566-576, set. 2019. **FapUNIFESP** (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02592019v22n3p566>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802019000300566&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802019000300566&tlng=pt). Acesso em: 26 jan. 2021.

TUPÃ'IE, Marçal de Souza. Denúncia. In: **“Terra de índios”** (Zelito Viana, 1979) – Documentário, (Dir.) VIANA, Zelito 2013 (147min). Disponível em: Acesso em: 25 mai.2017.

Z' Africa. **Vida Segundo os Elementos do HIP HOP**. São Paulo. 2015. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=Uznt6vmLhOw&ab\\_channel=Z%27AfricaBrasilTV](https://www.youtube.com/watch?v=Uznt6vmLhOw&ab_channel=Z%27AfricaBrasilTV)